

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

Nº 404 - Ano XII - 05/10/2012 - ISSN 1981-8769



Congresso Continental de Teologia. Concílio Vaticano II e Teologia da Libertação em debate



Jon Sobrino

O absoluto é Deus, e o coabsoluto são os pobres

Victor Codina

Vaticano II: luta hermenêutica entre a identidade e a novidade

Margot Bremer

O princípio comunitário da teologia e a sabedoria guarani

EMAI

Erico Hammes:

Possibilidades do diálogo entre teologia e ciência

Reinaldo Gonçalves:

“O capitalismo brasileiro – ornitorrinco – gera o Brasil invertebrado!”

Carlos Mendoza:

É possível falar de Deus na sociedade contemporânea?

Congresso Continental de Teologia. Concílio Vaticano II e Teologia da Libertação em debate

Nos dias 7 a 11 de outubro a Unisinos sediará a realização do Congresso Continental de Teologia. O evento celebra o 50º aniversário do início do Concílio Vaticano II e os 40 anos do lançamento do livro Teologia da Libertação de Gustavo Gutiérrez, teólogo peruano.

O Congresso é promovido por uma série de entidades americanas entre as quais o Instituto Humanitas Unisinos – IHU.

A presente edição da IHU On-Line, descreve as grandes intuições que animaram a caminhada da Igreja na América Latina nestes 50 anos depois do Concílio Vaticano II, que foi recebido neste Continente com entusiasmo e originou o que veio a ser a Teologia da Libertação. Seus alcances, limites e possibilidades são debatidas nesta edição por alguns dos conferencistas

e pesquisadores/as que estarão no Congresso.

Assim, contribuem no debate, Jon Sobrino, teólogo salvadorenho, Juan Carlos Scannone, filósofo argentino, Carlos Mendoza-Álvarez e Eleazar López Hernández, teólogos mexicanos, Margit Eckholt, teóloga alemã, Marilú Rojas, teóloga mexicana, Olga Consuelo Velez, teóloga colombiana, Margot Bremer, teóloga paraguaia, Victor Codina, teólogo boliviano, e os brasileiros, Pedro Ribeiro de Oliveira, sociólogo, Sérgio Coutinho, professor de história, Brenda Carranza, socióloga, e Francisco Orofino, biblista.

Completam a edição duas entrevistas e um artigo.

Reinaldo Gonçalves, economista e professor na UFRJ, por ocasião do 40º aniversário do lançamento do li-

vro *A economia brasileira: crítica à razão dualista* de Francisco de Oliveira, descreve o livro e analisa a sua atualidade na contemporaneidade.

Érico Hammes, professor e pesquisador do PPG em Teologia da PUC-RS, reflete sobre as possibilidades do diálogo entre teologia e ciência, tema do minicurso que ministrou no XIII Simpósio Internacional IHU, realizado nos dias 2 a 5 de outubro.

“A contribuição de Valério Cruz Brittos às pesquisas sobre o meio rádio” é o artigo de Luiz Artur Ferraretto, doutor em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

A todas e a todos uma ótima leitura e uma excelente semana!



Instituto Humanitas Unisinos

Endereço: Av. Unisinos, 950, São Leopoldo/RS. CEP: 93022-000

Telefone: 51 3591 1122 - ramal 4128. E-mail: humanitas@unisinos.br.

Diretor: Prof. Dr. Inácio Neutzling. Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br).

IHU

IHU On-Line é a revista semanal do Instituto Humanitas Unisinos - IHU ISSN 1981-8769. IHU On-Line pode ser acessada às segundas-feiras, no sítio www.ihu.unisinos.br. Sua versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8h, na Unisinos. Apoio: Comunidade dos Jesuítas – Residência Conceição.

REDAÇÃO

Diretor de redação: Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br). Editora executiva: Graziela Wolfart MTB 13159 (grazielaw@unisinos.br). Redação: Márcia Junges MTB 9447 (mjunges@unisinos.br), Patricia Fachin MTB 13062 (prfachin@unisinos.br) e Thamiris Magalhães MTB 0669451 (thamirism@unisinos.br). Revisão: Isaque Correa (icorrea@unisinos.br).

Colaboração: César Sanson, André Langer e Darli Sampaio, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, de Curitiba-PR.

Projeto gráfico: Agência Experimental de Comunicação da Unisinos - Agexcom. Editoração: Rafael Tarcísio Forneck

Atualização diária do sítio: Inácio Neutzling, Patricia Fachin, Luana Nyland, Natália Scholz, Wagner Altas e Mariana Staudt

LEIA NESTA EDIÇÃO

TEMA DE CAPA | Entrevistas

- 5 **Jon Sobrino:** O absoluto é Deus, e o coabsoluto são os pobres
- 11 **Carlos Mendoza:** É possível falar de Deus na sociedade contemporânea?
- 14 **Victor Codina:** Vaticano II: luta hermenêutica entre a identidade e a novidade
- 18 **Juan Carlos Scannone:** A teologia e uma nova ótica evangélica a partir dos pobres
- 21 **Paulo Suess:** Teologia e capitalismo: incompatíveis?
- 26 **Sérgio Coutinho:** O crescimento de correntes teológicas e eclesiológicas
- 29 **Pedro Ribeiro de Oliveira:** Igreja, contemporaneidade e um poder centralizado na Santa Sé
- 32 **Eleazar López Hernández:** O Bem Viver e uma teologia indígena
- 35 **Margot Bremer:** O princípio comunitário da teologia e a sabedoria guarani
- 37 **Francisco Orofino:** Leitura bíblica a serviço da vida: libertadora e ecumênica
- 39 **Margit Eckholt:** A liderança de mulheres na Igreja: uma prova de sua autenticidade
- 41 **Marilú Rojas:** Espiritualidade – uma atitude perante a vida e seus desafios
- 44 **Olga Consuelo Velez:** “A Igreja sente a urgência da ‘nova evangelização’”
- 47 **Brenda Carranza:** A incompatibilidade entre felicidade material e espiritual

DESTAQUES DA SEMANA

- 53 **LIVRO DA SEMANA:** Reinaldo Gonçalves: “O capitalismo brasileiro – ornitorrinco – gera o Brasil invertebrado!”
- 57 **ENTREVISTA DA SEMANA:** Érico Hammes: Possibilidades do diálogo entre teologia e ciência
- 62 **COLUNA DO CEPOS:** LUIZ ARTUR FERRARETTO: A contribuição de Valério Cruz Brittos às pesquisas sobre o meio rádio
- 64 **DESTAQUES ON-LINE**

IHU EM REVISTA

- 66 **IHU REPÓRTER:** Andre Luiz Olivier da Silva



twitter.com/ihu



bit.ly/ihufacebook



www.ihu.unisinos.br

Tema de Capa

Destques
da Semana

IHU em
Revista

O absoluto é Deus, e o coabsoluto são os pobres

“Fazer teologia é ajudar, a partir do pensar, para que Deus seja mais real na história e que os pobres – no caso, a fome – deixem de sê-lo”, afirma o teólogo jesuíta Jon Sobrino

POR GRAZIELA WOLFART E LUÍS CARLOS DALLA ROSA | TRADUÇÃO DE MOISÉS SBARDELLOTTO

Já são 40 anos de Teologia da Libertação e permanece a dúvida em relação às razões pelas quais ela é tão criticada, perseguida, difamada pelos poderes do mundo, inclusive pela hierarquia da Igreja. Pois quem ajuda nessa compreensão é o renomado teólogo jesuíta salvadoreño, de origem espanhola, Jon Sobrino, que aceitou conceder a entrevista a seguir para a **IHU On-Line**, por e-mail, afirmando que para responder a essa pergunta não é necessário nenhum estudo sofisticado, nem de discernimento diante de Deus. Tal perseguição ocorre “ou por má vontade ou por ignorância”, pelo fato de que aquela teologia “foi vista como uma ameaça”. E explica: “certamente, ameaça ao capitalismo, e daí a reação de Rockefeller em 1969 e dos assessores de Reagan, em 1980. E ameaça à segurança nacional, e daí as reações dos generais na década de 1980. Também no interior da Igreja, por ignorância, por medo de perder o poder ou por obstinação de não querer reconhecer a verdade com que se respondiam às críticas”.

Sobrino pensa que, no Concílio Vaticano II, “a Igreja sentiu o impulso de humanizar o

mundo e de se humanizar juntamente com ele, sem se envergonhar diante do mundo moderno e de usar o moderno para tornar mais crível o Deus cristão”. E o teólogo acredita que, o que se chamou de Teologia da Libertação, “pode aportar a ambas as coisas: racionalizar a fé em um mundo de injustiça e oferecer uma imagem mais limpa de Deus, não manchada com a imundície das divindades que dão morte aos pobres”.

Jon Sobrino é professor da Universidade Centro-Americana – UCA –, de San Salvador. Doutor em Teologia pela Hochschule Sankt Georgen, em Frankfurt (Alemanha) e diretor da Revista Latinoamericana de Teologia e do informativo *Cartas a las Iglesias*.

Ele é autor de, entre muitos outros livros, *Cristologia a partir da América Latina: esboço a partir do seguimento do Jesus histórico* (Petrópolis: Vozes, 1983). Ele estará na Unisinos participando do Congresso Continental de Teologia, com a conferência inaugural do evento, intitulada “Um novo Congresso e um Congresso novo”.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Para o senhor, qual o significado de celebrar os 50 anos do início do Concílio Vaticano II e os 40 anos da publicação do livro de Gustavo Gutiérrez¹ – Teologia da Li-

bertação? Que perspectivas podem se abrir a partir do Congresso Continental de Teologia?

Jon Sobrino – Naqueles anos, de 1966 a 1974, estive em Frankfurt estudando Teologia. Tive notícias do

Concílio, mas parciais. Por Medellín² e o livro de Gustavo Gutiérrez, só cheguei a me interessar em 1974, com a minha chegada a El Salvador. Com isso quero dizer que, diferentemente de

¹ Gustavo Gutiérrez (1928): padre e teólogo peruano, um dos pais da Teologia da Libertação. Gutiérrez publicou, depois de sua participação na Conferência Episcopal de Medellín de 1968, *Teologia da Libertação* (Petrópolis: Vozes, 1975), traduzida para mais de uma dezena de idiomas, e que o converteu num teólogo polêmico. Uma década mais tarde participou da Conferência Episcopal de Puebla (México, 1978), que selou seu compromisso com os desfavorecidos e serviu de motor de mudança na Igreja,

especialmente latino-americana. Alguns dos últimos livros de Gustavo Gutiérrez são: *Em busca dos pobres de Jesus Cristo. O pensamento de Bartolomeu de Las Casas* (São Paulo: Paulus, 1992) e *Onde dormirão os pobres?* (São Paulo: Paulus, 2003). Gutiérrez estará na Unisinos no próximo dia 09 de outubro, participando como conferencista do Congresso Continental de Teologia. (Nota da **IHU On-Line**)

² Documento de Medellín: Em 1968, na esteira do Concílio Vaticano II e da encíclica *Populorum Progressio*, realizada, na cidade de Medellín, Colômbia, a II Assembléia Geral do Episcopado Latino-Americano que dá origem ao importante documento que passou a ser chamado o Documento de Medellín. Nele se expressa a clara opção pelos pobres da Igreja Latino-Americana. A conferência foi aberta pessoalmente pelo papa Paulo VI. Era a primeira vez que um papa visitava a América Latina. (Nota da **IHU On-Line**).

muitos da minha geração, eu fui um ignorante do que estava acontecendo e obviamente não fui nenhum apaixonado. Depois, tudo mudou. Mais do que acontecimento, penso que foi a realidade salvadorenha dos pobres e os companheiros que se entregavam a eles que me levaram a valorizar os acontecimentos que haviam ocorrido e a ler os textos de bispos e de teólogos que os acompanhavam. Esse esclarecimento talvez ajude a compreender as respostas que vou dar a seguir. Perguntam-me qual é o significado de celebrar, e penso que, se levamos a sério a pergunta, cada um terá uma resposta própria. Dos acontecimentos mencionados, eu continuo celebrando que foram rupturas profundas e humanizadoras na história da Igreja. Fizem-nos respirar. Pensando no Concílio, “o impossível se fez possível”. Pensando em Medellín, Gustavo Gutiérrez e depois em Dom Romero³, a Igreja decidiu se voltar ao pobre e a Jesus. E deu “ultimidade” à justiça e à esperança de que fosse possível “que o rico não triunfe sobre o pobre, nem o verdugo sobre a vítima”. Nessa tarefa, assomava-se com clareza o Deus de Jesus. E se eu me centro mais em Medellín do que no Concílio é porque eu o conheço melhor.

Outro cristianismo é possível

Isso produziu alegria e esperança de que, como se diz hoje, não sei se com demasiada facilidade, outra Igreja, outra fé, outro cristianismo “é possível”, e o era porque “era real”. Hoje celebramos o despertar “do sonho de séculos de cruel desumanidade”, como nos pedia Montesinos⁴, a

3 **Dom Oscar Romero** (1917-1980): arcebispo de San Salvador, foi assassinado enquanto oficiava missa, na tarde de 24 de março de 1980. Sua dedicação aos pobres, numa época de efervescência social e guerra, converteu-o em mártir. Confira nas Notícias do Dia, do site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, a entrevista especial com Anne Marie Crosville, “*Dom Oscar Romero ajudou a fortalecer meu compromisso com os mais pobres*”, disponível para download em <http://migre.me/2petr>. Leia, também, as notícias publicadas em 09-11-2009, *El Salvador reconhece responsabilidade no assassinato de Dom Romero*, em <http://migre.me/2peuW> e em 20-05-2007, *Pedida a canonização de Oscar Romero na V Conferência*, em <http://migre.me/2pexh>. (Nota da IHU On-Line)

4 **Frei Antonio de Montesinos** (? - 1540):

decisão de trabalhar pelos pobres e sua libertação, e a lançar a sorte com eles. Celebramos a difícil conversão e o novo que foi aparecendo: liturgias, catequese, música popular, poesias, nova teologia, a de Gustavo, um compromisso desconhecido e uma luta contra os ídolos. E, sobretudo, a entrega da vida de centenas e milhares de fiéis cristãos. De bispos e sacerdotes. Na vida e na morte se pareceram com Jesus. Os feitos são evidentes. Dom Pedro Casaldáliga⁵ escreveu “São Romero da América, pastor e mártir nosso”, embora várias cúrias romanas não sabem o que fazer com esse mártires, tantos e tão numerosos são eles. As normativas às que devem ser fiéis não são pensadas para aceitar o evidente. Hoje, no continente, mudaram algumas coisas, persistem a pobreza, as estruturas de injustiça e de opressão, e aumenta a crueldade das migrações. Mudaram mais as coisas na Igreja. De Puebla em diante, deslizou-se por uma ladeira sem que Aparecida tenha impedido isso significativamente. Há coisas boas e inovadoramente boas, mas já não é o de antes. Havia honradez institucional, abundante, ao menos o suficiente, com o real, denúncia vigorosa e analisada contra o horror dos pobres, utopia pela qual trabalhar e lutar, cartas pastorais que lembravam Bartolomé de las Casas⁶ e a ciência de

frade e pregador dominicano que se distinguiu no combate contra o abuso ao qual se submetiam os indígenas da América por parte dos colonizadores. (Nota da IHU On-Line)

5 **D. Pedro Casaldáliga**: bispo prelado emérito de São Félix, Mato Grosso. É poeta e escritor de renome internacional. Quando assume a prelazia de São Félix, em pleno regime militar, denuncia veementemente o latifúndio e defende a reforma agrária e o direito indígena à terra. Foi duramente perseguido pelo regime militar. Pe. João Bosco Penido Burnier, jesuíta, foi assassinado ao lado dele, no dia 12 de outubro de 1976. A edição 137 da IHU On-Line, de 18-04-2005, publicou uma entrevista com Casaldáliga: *O próximo pontificado será um tempo de transição significativo*. A edição 89, de 12-01-2004, trouxe entrevista com o religioso, falando sobre a homologiação de terra contínua para índios. (Nota da IHU On-Line)

6 **Frei Bartolomé de las Casas** (1474-1566): frade dominicano, cronista, teólogo, bispo de Chiapas, no México. Foi grande defensor dos índios, considerado o primeiro sacerdote ordenado na América. Sobre ele, confira a obra de Gustavo Gutiérrez, *O pensamento de Bartolomé de las Casas* (São Paulo: Paulus, 1992).

Vitória⁷, homilias proféticas de sacerdotes, teologias audazes... Agora isso não fica claro. Fizem presente um Deus mais latino-americano, pobre, esperançoso, libertador e crucificado. E devolveram ao continente e a suas igrejas um Jesus que esteve sequestrado durante séculos.

Olhar para trás

O que significa, então, celebrar anos depois o Concílio⁸, o livro de Gustavo Gutiérrez, Medellín, o mártir de Dom Romero? O que ocorreu foi muito bom e muito humanizador. Hoje, já não abunda. E por isso é preciso olhar para trás, embora as palavras não soem politicamente corretas. Certamente é preciso prosseguir com o novo no pensar teológico: a mulher, os indígenas, as religiões, a irmã terra, a utopia de outros mundos, igrejas, democracias “possíveis”. Mas é preciso ter cuidado para não cair na ameaça de Jeremias: “Abandonaram a mim, fonte de água viva, e cavaram para si poços, poços rachados que não segu-

Leia a entrevista Bartolomeu de Las Casas, primeiro teólogo e filósofo da libertação, concedida pelo filósofo italiano Giuseppe Tosi à IHU On-Line 342, de 06-09-2010, disponível em <http://bit.ly/9EU0G0>. (Nota da IHU On-Line)

7 **Francisco de Vitória** (1483-1512): teólogo espanhol neo-escolástico e um dos fundadores da tradição filosófica da chamada “Escola de Salamanca”, sendo também conhecido por suas contribuições para a teoria da guerra justa e como um dos criadores do moderno direito internacional. (Nota da IHU On-Line)

8 **Concílio Vaticano II**: convocado no dia 11-11-1962 pelo Papa João XXIII. Ocorreram quatro sessões, uma em cada ano. Seu encerramento deu-se a 8-12-1965, pelo Papa Paulo VI. A revisão proposta por este Concílio estava centrada na visão da Igreja como uma congregação de fé, substituindo a concepção hierárquica do Concílio anterior, que declarara a infalibilidade papal. As transformações que introduziu foram no sentido da democratização dos ritos, como a missa rezada em vernáculo, aproximando a Igreja dos fiéis dos diferentes países. Este Concílio encontrou resistência dos setores conservadores da Igreja, defensores da hierarquia e do dogma estrito, e seus frutos foram, aos poucos, esvaziados, retornando a Igreja à estrutura rígida preconizada pelo Concílio Vaticano. O IHU promoveu, de 11 de agosto a 11-11-2005, o Ciclo de Estudos Concílio Vaticano II - marcos, trajetórias e perspectivas. Confira, também, a edição 401 da IHU On-Line, de 03-09-2012, intitulada Concílio Vaticano II. 50 anos depois, disponível para download na página eletrônica do IHU, <http://bit.ly/REokjn> (Nota da IHU On-Line)

ram a água” (2, 13). O que mencionamos antes são fontes de água viva até o dia de hoje. E mais o serão se voltarmos a elas ativa e criativamente. É certo, “o Espírito nos move para frente”. Mas tal como estamos, menos se pode esquecer que “o Espírito nos remete a Jesus de Nazaré”, eterna fonte de água viva.

IHU On-Line - O que significa fazer e pensar a Teologia a partir da realidade da América Latina e do Caribe?

Jon Sobrino – A teologia não é o primeiro a ser pensado. O primeiro é a realidade e, no caso da Teologia, a realidade absoluta. Com sua agudeza habitual, Dom Pedro Casaldáliga, ao se referir ao absoluto, diz que “tudo é relativo, menos Deus e a fome”. O absoluto é Deus, e o coabsoluto são os pobres. Fazer teologia é, então, ajudar, a partir do pensar, para que Deus seja mais real na história e que os pobres – a fome – deixem de sê-lo. Para que o pensar possa ajudar nessa tarefa, lembremos o que Ellacuría⁹ entendia por inteligir a realidade. Explicava-o em três passos:

- O primeiro é “assumir a realidade”; em palavras simples, captar como são e como estão as coisas. Em 2006, olhando o mundo universo, Casaldáliga escrevia: “Hoje, há mais riqueza na Terra, mas há mais injustiça. Dois milhões e meio de pessoas sobrevivem na Terra com

menos de dois euros por dia, e 25 mil pessoas morrem diretamente de fome, segundo a FAO. A desertificação ameaça a vida de 1,2 milhões de pessoas em uma centena de países. Aos emigrantes é negada a fraternidade, o solo abaixo dos pés. Os Estados Unidos constroem um muro de 1,5 mil quilômetros contra a América Latina. E a Europa, ao sul da Espanha, levanta uma cerca contra a África. Tudo o que, além de iníquo, é programado”. O presente não o desmente.

- O segundo passo é “encarregar-se da realidade”. Sua finalidade não consiste simplesmente em fazer crescer conhecimentos por bons e necessários que sejam, mas em fazer crescer a realidade. E em uma direção determinada: a da salvação, da compaixão, da misericórdia e do amor. A teologia é intellectus amoris.
- O terceiro passo é “carregar a realidade”, e com uma realidade que é pesada. Sob ela vivem os anawim da Escritura, os encurvados. A carga que pode fazer até com que privem a vida de alguém. Teólogos e teólogas sofreram perseguição, e alguns acabaram mártires. Isso pode acontecer quando o fazer teologia está perpassado de atitude ética.

Costumamos acrescentar um quarto passo: “deixar-se carregar pela realidade”. O trabalhar e o sofrer assim também podem ser graça para quem faz teologia. Então, o teólogo sabe que faz parte do povo pobre, não é externo a ele. Sabe que é levado por ele e recebe o agradecimento dos pobres. Fazer teologia é, então, “uma pesada carga leve”, como dizia Rahner¹⁰, que é o Evangelho.

⁹ **Ignácio Ellacuría** (1904-2004): importante teólogo católico do século XX. Ingressou na Companhia de Jesus em 1922. Doutou-se em Filosofia e em Teologia. Foi perito do Concílio Vaticano II e professor na Universidade de Münster. A sua obra teológica compõe-se de mais de 4 mil títulos. Suas obras principais são: *Geist in Welt* (O Espírito no mundo), 1939, *Hörer des Wortes* (Ouvinte da Palavra), 1941, *Schriften zur Theologie* (Escritos de Teologia). Em 2004, celebramos seu centenário de nascimento. A Unisinos dedicou à sua memória o Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do século XXI, realizado de 24 a 27 de maio daquele ano. A IHU On-Line n.º. 90, de 1º-03-2004, publicou um

IHU On-Line - Como o senhor analisa a atual conjuntura cultural, socioeconômica e político mundial, a partir do horizonte latino-americano? Nesse contexto, quais os desafios e tarefas que implicam à teologia?

Jon Sobrino – Creio que na atualidade há muitos rostos de Deus na América Latina. Uns emergiram no passado e ali ficaram. Seguem mantendo muita gente com vida e dignidade – embora com a limitação de não animar ao compromisso. Outros coexistem com superstição desumanizante. Hoje proliferam novas Igrejas e movimentos de todo o tipo, em sua maioria carismáticos e pentecostais, com seus novos rostos de Deus. Pessoalmente, compreendo e às vezes aprecio a bondade das pessoas que os veneram, pois, em parte, deve-se a longas épocas de desamparo eclesial. Mas nem sempre é fácil para mim colocá-los junto ao Jesus de Nazaré do Evangelho. Entre intelectuais e antigos revolucionários existem agnósticos e alguns ateus. São minorias, mas estão aumentando. Creio que, em poucos lugares, surgiu o rosto de um Deus crucificado, de que fala Moltmann¹¹, mas não creio que

artigo de Rosino Gibellini sobre Rahner, disponível em <http://migre.me/11DTa>, e a edição 94, de 02-03-2004, publicou uma entrevista de J. Moltmann, analisando o pensamento de Rahner, disponível para download em <http://migre.me/11DTu>. No dia 28-04-2004, no evento Abrindo o Livro, Érico Hammes, teólogo e professor da PUCRS, apresentou o livro Curso Fundamental da Fé, uma das principais obras de Karl Rahner. A entrevista com o prof. Érico Hammes pode ser conferida na IHU On-Line n.º 98, de 26-04-2004, disponível para download em <http://migre.me/11DTM>. Ainda sobre Rahner, publicamos uma entrevista com H. Vorgrimler no IHU On-Line n.º 97, de 19-04-2004, sob o título Karl Rahner: teólogo do Concílio Vaticano nascido há 100 anos, disponível em <http://bit.ly/mlSwUc>. A edição número 102, da IHU On-Line, de 24-05-2004, dedicou a matéria de capa à memória do centenário de nascimento de Karl Rahner, disponível para download em <http://migre.me/11DTW>. Os Cadernos Teologia Pública publicaram o artigo Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner, de autoria do Prof. Dr. Érico João Hammes. Confira esse material em <http://migre.me/11DUa>. A edição 297, de 15-06-2009, intitula-se Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II, disponível para download em <http://migre.me/11DUj>. (Nota da IHU On-Line)

¹¹ **Jürgen Moltmann** (1926): professor emérito de Teologia da Faculdade Evangélica da Universidade de Tübingen.

⁹ **Ignácio Ellacuría**: filósofo, especialista em Zubiri, jesuíta, foi assassinado no dia 15 de novembro de 1988, juntamente com mais cinco companheiros jesuitas e duas senhoras, em San Salvador, El Salvador. Ele era reitor da Universidade Centro Americana, em San Salvador, confiada à Companhia de Jesus. Ele e seus companheiros foram barbaramente assassinados por terem conseguido fazer da Universidade uma importante força social na luta pela promoção da justiça social. Sobre Ellacuría, confira a entrevista especial concedida por Héctor Samour, em 16-11-2007, ao site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, www.unisinos.br/ihu, intitulada *Inteligência, compaixão e serviço. Celebrando o martírio de Ignacio Ellacuría e companheiros*, disponível em <http://migre.me/11DN8>. Na mesma data, nosso site publicou a notícia *Ignacio Ellacuría e companheiros assassinados no dia 16-11-1989*, disponível em <http://migre.me/11DO7>. No site do IHU visite a Sala Ignácio Ellacuría e Companheiros, onde podem ser lidas notícias, a história dos mártires jesuítas e o memorial criado pelo IHU em sua homenagem: <http://migre.me/11DOt>. (Nota da IHU On-Line)

em países como El Salvador e Guatemala seja possível aceitar, a longo prazo, um Deus que não afeta o seu sofrimento, que o próprio Deus sofra em seus filhos e filhas crucificados. Em meio a esses rostos, creio que a novidade maior é a dupla formulação que Puebla¹² fez em 1979. Positivamente, Deus é essencialmente um Deus libertador. Defende e ama os pobres – e nessa ordem – pelo mero fato de serem-no. Seja qual for sua situação pessoal e moral. Dialecticamente, Deus é essencialmente um Deus de vida contra divindades da morte. Puebla analisou isso cuidadosamente e apresentou os ídolos de acordo com uma hierarquia: o ídolo da riqueza, o poder, as armas... Dom Romero, junto com Ignacio Ellacuría, explicou-o admiravelmente para a situação salvadorenha.

IHU On-Line - Qual é o rosto de Deus que emerge da realidade latino-americana? E como a Igreja tem assumido esse rosto?

Jon Sobrino – É preciso perguntar isso a eles, e não tomarmos, nós,

Um dos mais importantes teólogos vivos da atualidade. Foi um dos inspiradores da Teologia Política nos anos 1960 e influenciou a *Teologia da Libertação*. É autor de *Teologia da Esperança* (São Paulo: Herder, 1971) e *O Deus Crucificado. A cruz de Cristo, fundamento e crítica da teologia cristã, Deus na Criação. Doutrina Ecológica da Criação* (Vozes: Petrópolis, 1993), entre outros. Confira a entrevista de Jürgen Moltmann, um dos maiores teólogos vivos, na *IHU On-Line* n.º 94, de 29-03-2004. Desse autor a Editora Unisinos publicou o livro *A vinda de Deus. Escatologia cristã* (São Leopoldo: Unisinos, 2003). O professor Susin apresentou o livro *A Vinda de Deus: Escatologia Cristã, de Jürgen Moltmann*, no evento *Abrindo o Livro* do dia 26 de agosto de 2003. Sobre o tema, confira na *IHU On-Line* número 72, de 25-08-2003, a entrevista do Prof. Dr. Frei Luiz Carlos Susin. A edição 23 dos *Cadernos Teologia Pública*, de 26-09-2006, tem como título *Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann*, de autoria de Paulo Sérgio Lopes Gonçalves. (Nota da *IHU On-Line*)

12 A Terceira Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano realizou-se em Puebla, no período de 27 de janeiro a 13 de fevereiro de 1979. Foi convocada pelo Papa Paulo VI, confirmada por João Paulo I e inaugurada pelo Papa João Paulo II. O tema desta conferência foi “Evangelização no presente e no futuro da América Latina”. (Nota da *IHU On-Line*)

o seu lugar. Mas podemos dizer algo. Em Morazán, em meio às atrocidades da guerra dos camponeses, perguntavam ao sacerdote que os acompanhava: “Padre, se Deus é um Deus de vida, como acontece tudo isso conosco?”. É a pergunta de Jó e de Epicuro¹³. Para responder a essa pergunta não me ocorrem conteúdos nem razões, mas sim atitudes. A primeira é lhes falar “com proximidade”. E não qualquer proximidade, mas a de Dom Romero: “Peço ao Senhor durante toda a semana, enquanto vou recolhendo o clamor do povo e a dor de tanto crime, a ignomínia de tanta violência, que me dê a palavra oportuna para consolar, para denunciar, para chamar ao arrependimento”. A segunda é falar “com credibilidade”. E, de novo, não qualquer credibilidade, mas a de Dom Romero: “Eu não quero segurança enquanto não a deem a meu povo”. O bispo não respondia apelando a milagres celestiais, mas sim mostrando em sua própria carne o amor terrenal. O que sentiam em seu coração os camponeses que sofriam e perguntavam, pertence a seu mistério. Aqueles que o viam de fora acreditam que o bispo lhes falou do amor de Deus. E que as suas palavras foram uma boa notícia. Resta aos intelectuais dialogar com Epicuro e Dostoiévski¹⁴, acolher Paulo¹⁵

13 **Epicuro de Samos**: filósofo grego do período helenístico. Seu pensamento foi muito difundido e numerosos centros epicuristas se desenvolveram na Jônia, no Egito e, a partir do século I, em Roma, onde Lucrécio foi seu maior divulgador. (Nota da *IHU On-Line*)

14 **Fiódor Mikhailovich Dostoiévski** (1821-1881): um dos maiores escritores russos e tido como um dos fundadores do existencialismo. De sua vasta obra, destacamos *Crime e castigo*, *O Idiota*, *Os Demônios* e *Os Irmãos Karamázov*. A esse autor a *IHU On-Line* edição 195, de 11-9-2006, dedicou a matéria de capa, intitulada *Dostoiévski. Pelos subterrâneos do ser humano*, disponível em <http://bit.ly/g98im2>. Confira, também, as seguintes entrevistas sobre o autor russo: *Dostoiévski e Tolstói: exacerbação e estranhamento*, com Aurora Bernardini, na edição 384, de 12-12-2011, disponível em <http://bit.ly/upBvgN>; *Polifonia atual: 130 anos de Os Irmãos Karamázov, de Dostoiévski*, entrevista com Chico Lopes, edição n.º 288, de 06-04-2009, disponível em <http://bit.ly/sSjCfy>; *Dostoiévski chorou com Hegel*, entrevista com Lázló Földényi, edição n.º 226, de 02-07-2007, disponível em <http://bit.ly/uhTy9x>. (Nota da *IHU On-Line*)

15 **Paulo de Tarso** (3 - 66 d. C.): nascido

e Moltmann. E não é tarefa ociosa. Mas, entre nós, o que mais ressoa é a proximidade e a credibilidade do Monsenhor.

IHU On-Line - Como falar de Deus a partir da realidade de sofrimento que vivem os excluídos, os que estão à margem da sociedade privilegiada?

Jon Sobrino – As teologias não crescem, perdem ou decaem como sistemas formais de pensamento, não contaminadas pelo real. A Teologia da Libertação formulou com rigor e vigor que no Êxodo Deus “libertou os escravos”, que na sinagoga de Nazaré, Jesus “libertou os cativos”. O que, como e quanto disso guiou o pensamento nesses 40 anos é uma coisa a se analisar. Já disse que antes isso ocorreu mais do que agora. Desde já, a Teologia da Libertação não está na moda. Mas não me parece correto responsabilizar disso o que começou com Gustavo Gutiérrez, Juan Luis Segundo, Leonardo Boff, Ignacio Ellacuría e com Dom Helder Camara, Leonidas

em Tarso, na Cilícia, hoje Turquia, era originariamente chamado de Saulo. Entretanto, é mais conhecido como São Paulo, o Apóstolo. É considerado por muitos cristãos como o mais importante discípulo de Jesus e, depois de Jesus, a figura mais importante no desenvolvimento do Cristianismo nascente. Paulo de Tarso é um apóstolo diferente dos demais. Primeiro porque ao contrário dos outros, Paulo não conheceu Jesus pessoalmente. Era um homem culto, frequentou uma escola em Jerusalém, fez carreira no Templo (era fariseu), onde foi sacerdote. Educado em duas culturas (grega e judaica), Paulo fez muito pela difusão do Cristianismo entre os gentios e é considerado uma das principais fontes da doutrina da Igreja. As suas Epístolas formam uma seção fundamental do Novo Testamento. Afirma-se que ele foi quem verdadeiramente transformou o cristianismo numa nova religião, e não mais numa seita do Judaísmo. Sobre Paulo de Tarso a *IHU On-Line* 175, de 10-04-2006, dedicou o tema de capa Paulo de Tarso e a contemporaneidade, disponível em <http://migre.me/FC0K>; edição 32 dos *Cadernos IHU Em Formação*, Paulo de Tarso desafia a Igreja de hoje a um novo sentido de realidade, disponível em <http://bit.ly/tnxDBC>; edição 55 dos *Cadernos Teologia Pública*, São Paulo contra as mulheres? -- Afirmação e declínio da mulher cristã no século I, disponível em <http://bit.ly/tlt5R9>. A *IHU On-Line* número 286, de 22-12-2008, é intitulada Paulo de Tarso: a sua relevância atual, disponível em <http://migre.me/FC10>. (Nota da *IHU On-Line*)

Proaño¹⁶, Angelelli¹⁷ e Romero. Às pessoas mencionadas é preciso continuar agradecendo que ao longo desses 40 anos se mantiveram impulsos de teologia libertadora e se estenderam a novos âmbitos, como o do gênero, das religiões, da mãe terra... E aqueles de boa vontade que lamentam a queda da Teologia da Libertação, que voltem ao Deus do Êxodo e a Jesus de Nazaré. Indubitavelmente, houve limitações, erros, exageros. Pode ter havido reducionismos anti-intelectuais em favor da práxis, preguiça intelectual diante de escritos como os de Juan Luis Segundo¹⁸ ou Ellacuría, vislumbres de demagogia diante do pensamento científico de outros lares, ignorância das críticas ou prepotência diante delas. Mas, pessoalmente, não vejo que

“A Teologia da Libertação introduziu a dimensão religiosa do humano no âmbito do mundo exterior”

tenha surgido outro impulso teológico tão humano, frutífero, evangélico e latino-americano como o que surgiu há 40 anos.

IHU On-Line - Como o senhor analisa esses quarenta anos da Teologia da Libertação? Por que ela foi tão criticada, perseguida, difamada pelos poderes do mundo, inclusive pela hierarquia da Igreja?

Jon Sobrino - Outra coisa é a menor qualidade na produção da Teologia da Libertação. Não é fácil que se repita a geração dos fundadores, embora tenham surgido novos teólogos e teólogas de qualidade. E não se pode esquecer que algo parecido pode ocorrer hoje em outras escolas, tradições e movimentos de teologia. Os Barth, Rahner¹⁹, de

Lubac²⁰, von Balthasar²¹, Bultmann²²,

obras de Karl Rahner. A entrevista com o prof. Érico Hammes pode ser conferida na IHU On-Line n.º 98, de 26-04-2004, disponível para download em <http://migre.me/11DTM>. Ainda sobre Rahner, publicamos uma entrevista com H. Vorgrimler no IHU On-Line n.º 97, de 19-04-2004, sob o título *Karl Rahner: teólogo do Concílio Vaticano nascido há 100 anos*, disponível em <http://bit.ly/mlSwUc>. A edição número 102, da IHU On-Line, de 24-05-2004, dedicou a matéria de capa à memória do centenário de nascimento de Karl Rahner, disponível para download em <http://migre.me/11DTW>. Os *Cadernos Teologia Pública* publicaram o artigo *Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner*, de autoria do Prof. Dr. Érico João Hammes. Confira esse material em <http://migre.me/11DUa>. A edição 297, de 15-06-2009, intitula-se *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*, disponível para download em <http://migre.me/11DUj>. (Nota da IHU On-Line)

20 Henri de Lubac (1896-1991): teólogo jesuíta francês. Foi suspenso pelo Papa Pio XII. No seu exílio intelectual, escreveu um verdadeiro poema de amor à Igreja que são as suas *Méditations sur l'Eglise*. Foi convidado a participar do Concílio Vaticano II como perito e o Papa João Paulo II o fez cardeal no ano de 1983. É considerado um dos teólogos católicos mais eminentes do século XX. Sua principal contribuição foi o modo de entender o fim sobrenatural do homem e sua relação com a graça. (Nota da IHU On-Line)

21 Hans Urs Von Balthasar (1905-1988): teólogo católico suíço. Estudou Filosofia em Viena, Berlim e Zurique, onde doutorou-se em 1929, e em Teologia em Munique e Lyon. Destacou-se como investigador dos santos padres e da Filosofia e Literatura modernas, especialmente a franco-germana. Criou sua própria Teologia, síntese original do pensamento patristico e contemporâneo. Entre suas obras destacam-se *O cristianismo e a angústia* (1951), *O mistério das origens* (1957), *O problema de Deus no homem atual* (1958) e *Teologia da história* (1959). A edição 193 da IHU On-Line, de 28-08-2006, *Jorge Luis Borges. A virtude da ironia na sala de espera do mistério* publicou uma entrevista com Ignacio J. Navarro, intitulada *Borges e Von Balthasar. Uma leitura teológica*, disponível em <http://migre.me/4Hkbv>. (Nota da IHU On-Line)

22 Rudolf Karl Bultmann (1884-1976): teólogo luterano alemão nascido em Wiefelstede, Oldenburg, que propôs uma interpretação do Novo Testamento da Bíblia apoiada em conceitos de uma filosofia existencialista. Iniciou como professor sobre sua especialidade, o Novo Testamento (1916), em Breslau, Giessen e Marburg. Nessa cidade tomou contato com Martin Heidegger e a filosofia existencialista, que influenciou seu pensamento posterior. Morreu em Marburg, então Alemanha Ocidental. Seu primeiro livro foi *Jesus* (1926) e sua mais famosa obra foi *Das Evangelium des Johannes* (1941). Na edição 114, de 06-09-2004, publicamos na editoria Teologia Pública um debate sobre a obra Teologia

16 Leonidas Eduardo Proaño Villalba (1910-1988): padre e teólogo equatoriano, bispo de Riobamba de 1954 a 1985, conhecido como Bispo dos Pobres e Bispo dos Índios. Confira, nas Notícias do Dia do site do Instituto Humanitas Unisinos (IHU) em 08-08-2008 a notícia *Monsenhor Leônidas Proaño, símbolo e exemplo do Equador*, disponível em <http://bit.ly/ebeFUE>. (Nota da IHU On-Line)

17 D. Enrique Angelelli (1923-1976): bispo argentino, assassinado pelo último governo militar argentino por defender causas sociais. Na década de 1970, Angelelli era a figura mais progressista da Igreja argentina. Foi acusado pela direita de fazer uma pregação ideologizada. Quando se deu o golpe militar de 1976, Angelelli compreendeu que a repressão se estenderia também aos seus padres e fiéis. Foi o que aconteceu. Num autopságio, Angelelli antecipou naquela época que logo depois de assassinar a dois padres e a um leigo da sua diocese, a repressão “me atingirá”. A profecia se cumpriu. Sobre a reabertura do caso, confira as Notícias do Dia do site do Instituto Humanitas Unisinos (IHU), www.ihu.unisinos.br, as seguintes notícias: Angelelli, a voz do bispo mártir, 32 anos depois, de 07-08-2008; A reabertura do caso Angelelli, bispo assassinado pela ditadura militar argentina. Entrevista especial com Washington Uranga e “Visitem as pessoas, que a barriga fique verde de tanto chimarrão compartilhado com o povo”. O conselho de D. Angelelli; Depois de 30 anos de silêncio, Igreja da Argentina homenageia Angelelli, morto pela ditadura, de 05-08-2006. (Nota da IHU On-Line)

18 Juan Luis Segundo (1925-1996): uruguaio e jesuíta, um dos mais importantes teólogos da libertação. É autor de uma vasta obra. Citamos, entre os seus livros, *Teologia aberta para o leigo adulto* (São Paulo: Loyola, 1977-1978), em 5 volumes (Essa comunidade chamada igreja; Graça e condição humana; A nossa ideia de Deus; Os sacramentos hoje; e Evolução e culpa). (Nota da IHU On-Line)

19 Karl Rahner (1904-2004): importante teólogo católico do século XX. Ingressou na Companhia de Jesus em 1922. Doutorou-se em Filosofia e em Teologia. Foi perito do Concílio Vaticano II e professor na Universidade de Münster. A sua obra teológica compõe-se de mais de 4 mil títulos. Suas obras principais são: *Geist in Welt (O Espírito no mundo)*, 1939, *Hörer des Wortes (Ouvinte da Palavra)*, 1941, *Schriften zur Theologie (Escritos de Teologia)*. Em 2004, celebramos seu centenário de nascimento. A Unisinos dedicou à sua memória o *Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do século XXI*, realizado de 24 a 27 de maio daquele ano. A IHU On-Line n.º 90, de 1º-03-2004, publicou um artigo de Rosino Gibellini sobre Rahner, disponível em <http://migre.me/11DTa>, e a edição 94, de 02-03-2004, publicou uma entrevista de J. Moltmann, analisando o pensamento de Rahner, disponível para download em <http://migre.me/11DTu>. No dia 28-04-2004, no evento *Abrindo o Livro*, Érico Hammes, teólogo e professor da PUCRS, apresentou o livro *Curso Fundamental da Fé*, uma das principais

Käsemann²³ não têm muitos sucessores dessa altura.

A resposta à segunda pergunta não precisa de nenhum estudo sofisticado, nem de discernimento diante de Deus. Ou por má vontade ou por ignorância, aquela teologia foi vista como uma ameaça. Certamente, ameaça ao capitalismo, e daí a reação de Rockefeller em 1969 e dos assessores de Reagan, em 1980. E ameaça à segurança nacional, e daí as reações dos generais na década de 1980. Também no interior da Igreja, por ignorância, por medo de perder o poder ou por obstinação de não querer reconhecer a verdade com que se respondiam às críticas. Lembre-se de Dom López Trujillo²⁴ e de vários bispos e cardeais. E a instrução da Congregação para a Doutrina da Fé, de 1984, sem que a de 1986 conseguisse consertar totalmente o anterior.

IHU On-Line - Qual o significado teológico e antropológico da expressão “libertação”, a partir do contexto latino-americano? Como essa perspectiva teológica se implica no atual contexto de sociedade e de Igreja?

Jon Sobrino – Se me lembro bem, o conceito de “libertação” foi usado para superar o conceito de “desenvolvimento”, a solução que o mundo ocidental propunha para superar a pobreza. Na Igreja, redescobriu-se que era um termo-chave no Êxodo e em Lucas para expressar salvação. Parece-me importante ter presente que “a libertação” foi redescoberta na América Latina, o chamado terceiro mundo, por ser um continente não só atrasado ou subdesenvolvido, mas também oprimido e escravizado pelo primeiro mundo, europeus e norte-americanos. E em Igrejas, se não oprimidas pelas

do Novo Testamento, com a participação de Nélío Schneider e Johan Konings, disponível para download em <http://bit.ly/qH9MxQ>. (Nota da IHU On-Line)

23 **Ernst Käsemann** (1906-1998): Käsemann protestou contra o desprezo de Bultmann no que tange à base histórica da fé cristã, reexaminou a questão do mito e sofreu a influência da filosofia existencialista em alguns pontos do seu pensamento. É autor de *O Crucificado e a Sua Igreja de Ernst Kasemann* (Porto Editora, 2001). (Nota da IHU On-Line)

24 **Alfonso López Trujillo** (1935-2008): cardeal colombiano e presidente do Pontifício Conselho para a Família no Vaticano. (Nota da IHU On-Line)

“Não vejo que tenha surgido outro impulso teológico tão humano, frutífero, evangélico e latino-americano como o que surgiu há 40 anos”

europeias, fortemente dependentes delas. O termo “libertação” remetia de forma muito importante à opressão e à repressão, isto é, à privação injusta e cruel da vida, o que se mantém até os dias de hoje. Outra coisa é que, felizmente, o conceito foi estendendo seu significado na teologia para designar libertação da indignidade, da opressão de gênero, do despotismo de uma religião... E é preciso ter presente também que a Teologia da Libertação, diferentemente de outras teologias e ideologias, dá prioridade ao “povo” sobre o “individualismo”, e à “abertura à transcendência” sobre o “positivismo”, como disse Ellacuría em uma reunião de religiões abraâmicas. Em todo caso, embora com o retorno massivo a individualismos espiritualistas, a Teologia da Libertação introduziu a dimensão religiosa do humano no âmbito do mundo exterior. Ela a tornou presente na realidade social, por direito próprio e sem que possa ser facilmente ignorada. É religião política, afim à de Metz²⁵, o que não é um pequeno benefício.

25 **Johann Baptist Metz** (1928): teólogo católico alemão, professor de Teologia Fundamental, professor emérito na Universidade de Münster, Alemanha. Aluno de Karl Rahner, desfilou-se da teologia transcendental de Rahner, em troca de uma teologia fundamentada na prática. Metz está no centro de uma escola da teologia política que influenciou fortemente a Teologia da Libertação. É um dos teólogos alemães mais influentes no pós Concílio Vaticano II. Seus pensamentos giram ao redor de atenção fundamental ao sofrimento

IHU On-Line - Fazendo memória de Dom Oscar Romero, Ignacio Ellacuría e Companheiros, dentre tantos outros rostos que foram assassinados porque assumiram a causa dos empobrecidos e marginalizados, o que significa ser Igreja, hoje, no limiar do século XXI?

Jon Sobrino – Menciono duas sentenças. Ignacio Ellacuría, no funeral celebrado na UCA, disse: “Com Dom Romero, Deus passou por El Salvador”. Ser Igreja é trabalhar com decisão e simplicidade, para que Deus passe por esse mundo desumano. E para o não crente trabalhar para que a solidariedade e a dignidade, o melhor do humano, passe por este mundo, que embora seja mais secular, continua sendo desumano. Dom Romero, na Universidade de Louvain, no dia 2 de fevereiro de 1980, poucos dias antes de ser assassinado, disse: “A glória de Deus é que o pobre viva”.

Ser Igreja é trabalhar pela glória de Deus. E para o não crente “a glória da humanidade é que os pobres vivam, cheguem a formar parte da família humana”. Por isso, é preciso trabalhar. E termino com algo que me faz pensar. Penso que no Concílio a Igreja sentiu o impulso de humanizar o mundo e de se humanizar juntamente com ele, sem se envergonhar diante do mundo moderno e de usar o moderno para tornar mais crível o Deus cristão. A finalidade é magnífica. Em Medellín, a Igreja sentiu o impulso de não se envergonhar dos pobres e de não escutar a repreensão da Escritura: “Por causa de vocês, blasfema-se o nome de Deus entre as nações”. E com humildade se pôs a “limpar o rosto de Deus”. Acredito que o que se chamou de Teologia da Libertação pode aportar a ambas as coisas: racionalizar a fé em um mundo de injustiça e oferecer uma imagem mais limpa de Deus, não manchada com a imundície das divindades que dão morte aos pobres.

de outros. As chaves de sua teologia é memória, solidariedade, e narrativa. Dele publicamos uma entrevista na 13ª edição, de 15-04-2002, disponível em <http://migre.me/2zn3s>. (Nota da IHU On-Line)

É possível falar de Deus na sociedade contemporânea?

Na visão de Carlos Mendoza, é possível falar de Deus em meio aos escombros da modernidade tecnocientífica somente se estivermos situados no clamor do sofrimento do inocente

POR GRAZIELA WOLFART E LUIS CARLOS DALLA ROSA | TRADUÇÃO DE MOISÉS SBARDELOTTO

Para o doutor em Teologia e sacerdote dominicano nascido no México, Carlos Mendoza-Alvarez, “um modelo pós-moderno de Igreja ainda está no início, começa-se a ver os seus sinais, tais como uma autoridade compartilhada, um reconhecimento da diversidade de carismas e de funções, comunidades de equidade de gênero e de profundo cuidado com a mãe terra, celebrações sacramentais inculturadas, teologias contextuais que dão conta da experiência de salvação de cada cultura e época, para citar somente algumas das grandes matérias pendentes para uma reforma eclesial”. Ele fez esta e outras afirmações na entrevista que concedeu por e-mail para a **IHU On-Line**, onde também declarou que “o novo milênio do cristianismo tem diante de si enormes desafios, tais como recuperar a harmonia entre a razão em seus próprios limites e da fé como conhecimento silencioso do real, sem compe-

tir pela predominância de uma sobre a outra”.

Carlos Mendoza-Alvarez se formou em Filosofia, pela Universidade Autônoma do México, e fez doutorado em Teologia, em Paris e Friburgo (Suíça). Em sua tese de doutorado procurou tecer um diálogo com o pensamento hermenêutico de Paul Ricoeur, a ética da alteridade de Emmanuel Levinas e a teoria mimética de René Girard. Dentre seus escritos, destaca-se o livro *O Deus escondido da pós-modernidade: desejo, memória e imaginação escatológica. Ensaio de teologia fundamental pós-moderna* (São Paulo: É Realizações, 2011). Mendoza irá participar do Congresso Continental de Teologia, no próximo dia 8 de outubro, das 14h30min às 16h30min, falando a partir do tema “Modernidade e pós-modernidade”. Acesse a programação completa em <http://bit.ly/NMoi2N>.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como o senhor compreende os paradigmas da modernidade e da pós-modernidade? Como se insere a caminhada da Igreja nessas perspectivas?

Carlos Mendoza – A modernidade tecnocientífica é uma versão da modernidade ilustrada que se fez projeto de civilização com a revolução industrial no século XIX. Ela pressupõe a emancipação do sujeito individual no contexto das sociedades democráticas liberais. A pós-modernidade é a última fase desse processo que anuncia, desde meados do século XX, o esgotamento de um modelo e a incipiente conformação de uma civilização diferente, com outras coordenadas cosmológicas, antropo-

lógicas e de representação da transcendência. A Igreja, como projeto de humanização baseado no conceito de pessoa humana criada à imagem das pessoas divinas, contribuiu e, ao mesmo tempo, tem sido afetada por esse processo cultural da modernidade, embora fosse melhor dizer que o cristianismo como cosmovisão é um dos principais elementos da emancipação moderna, assim como da atual preocupação pós-moderna pelas vítimas, por exemplo. A Igreja reformada foi mais sensível à inovação que trouxe consigo o sujeito moderno, e, com o tempo, a Igreja Católica também assumiu esse desafio de compreender a humanização como caminho necessário para a

divinização, segundo o testemunho de Jesus de Nazaré e de seus discípulos, que transmitiram esse acontecimento originário que abriu caminho para a gestação do cristianismo. Mas é preciso esclarecer que nos dois milênios de cristianismo existiram muitos modelos de Igreja no que se refere ao seu sistema de doutrina, de moral, de ritos, de arte e de prática da compaixão com o próximo. Um modelo pós-moderno de Igreja ainda está no início, começa-se a ver os seus sinais, tais como uma autoridade compartilhada, um reconhecimento da diversidade de carismas e de funções, comunidades de equidade de gênero e de profundo cuidado com a mãe terra, celebrações sacramentais

inculturadas, teologias contextuais que dão conta da experiência de salvação de cada cultura e época, para citar somente algumas das grandes matérias pendentes para uma reforma eclesial.

IHU On-Line – Enfocando o contexto da pós-modernidade, há uma efervescência do fenômeno religioso? Como o senhor analisa o eclodir da dimensão religiosa na pós-modernidade?

Carlos Mendoza – O fenômeno religioso é inerente à condição humana que busca um vínculo com a transcendência, embora não seja o único, pois a arte por si mesma ou a prática da justiça são outros modos de transcender, segundo uma rica variedade de tradições sapienciais da humanidade. A aldeia global de nossos dias está abrindo os nossos olhos para reconhecer essa diversidade religiosa, espiritual e sapiencial da humanidade, já conhecida há milênios, mas agora com um olhar simultâneo e com a consciência da legitimidade de todas elas. Um traço especialmente surpreendente, a meu ver, da experiência religiosa pós-moderna é a busca de uma espiritualidade desligada dos sistemas fechados de crença. O que certamente acarreta um risco de se perder nos pântanos da subjetividade. Mas, sobretudo, me parece uma grande oportunidade para voltar às fontes das grandes tradições sapienciais e espirituais da humanidade. Alguns falam de retorno da religião; outros, de regresso da espiritualidade. Eu prefiro dizer que se trata da humanidade altamente sensível à esperança: de um mundo melhor, de justiça para todos, de cuidado com a criação, de memória bendita das vítimas, de forte chamado aos verdugos para que deixem sua corrupção para trás e, por meio disso, esperança de vida eterna. Em uma palavra, hoje o mundo pós-moderno quer esperar ativamente por um mundo melhor.

IHU On-Line – Onde está Deus na realidade pós-moderna? O sujeito autônomo pós-moderno ainda necessita de Deus?

Carlos Mendoza – Deus, como fonte do ser, como amor incondicional, sempre está aí. Não me refiro às imagens e representações conceituais e até religiosas que fazemos da divi-

dade. Retomo do Mestre Eckhart¹ a distinção entre divindade e deidade para dizer que podem-se quebrar as imagens da divindade quando o ser humano ou alguma tradição religiosa se depara com o colapso de suas instituições e seguranças. Mas persiste a deidade como fundo sem fundo de todo o real: o ser superabundante da Sabedoria divina que mantém toda a criação com seu sopro vital. E não podemos esquecer que foi em meio dos escombros de uma catástrofe que os místicos e poetas de todas as tradições vivenciaram e captaram a presença amorosa que os habita e os impulsiona a anunciar e construir tempos novos.

IHU On-Line – Qual o conteúdo e o significado de *Deus absconditus* (Paris: Edition du Cerf, 2011), expressão que dá nome ao seu livro?

Carlos Mendoza – Prefiro que os potenciais leitores (e leitoras) leiam o livro para responder a essa pergunta. É uma expressão de Isaías que foi retomado em diversos momentos do pensamento teológico e da mística tanto judaica como cristã. São Paulo, de alguma maneira, a evoca na ágora de Atenas, e depois o Pseudo-Dionísio² escreverá a partir dessa expressão

1 **Mestre Eckhart** (1260-1327): místico alemão, nascido em Hochheim, na Turíngia. Ingressando no convento dos dominicanos de Erfurt, estudou em Estrasburgo e em Colônia. Tornou-se mestre em Teologia e ensinou em Paris. Em sua obra, está muito presente a unidade entre Deus e o homem, entre o que consideramos sobrenatural e o que achamos ser natural. É um pensamento holístico, pois. Para Eckhart Devemos reconhecer Deus em nós, mas este caminho não é fácil. O homem deve se “exercitar nas obras, que são seus frutos”, mas, ao mesmo tempo, “deve aprender a ser livre mesmo em meio às nossas obras”. Em 27 de março de 1329, foi dado ao público a bula *In agro dominico*, através da qual o Papa João XXII condenou vinte e oito proposições do Mestre Eckhart. Das vinte e oito, dezessete foram consideradas heréticas e onze, escabrosas e temerárias. Entre estas, estava a de que nos transformamos em Deus. Mas esta condenação papal justificava-se, na medida que as ideias de Eckhart tinham uma dimensão revolucionária. Elas foram acolhidas pelas camadas populares e burguesas, que interpretavam o apelo eckhartiano à interioridade da fé e à união divina como uma rebelião implícita à exterioridade “farisáica” de uma hierarquia e de um clero moralmente decadente (parece que a coisa nunca mudou muito mesmo). Sua herança influenciou, entre outros, significativamente, a Martinho Lutero. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Pseudodionísio** (Dionísio, o Areopagita):

o seu grande tratado sobre *Os nomes divinos*. De minha parte, quis retomar essa expressão pensada também por meus irmãos Tomás de Aquino³ e Mestre Eckhart para falar da busca espiritual dos tempos modernos tardios que vivemos hoje, quando se derrubaram muitos ídolos como a ciência, o mercado e a religião, a fim de assinalar que, nesse colapso do sagrado violento, como René Girard⁴ analisou tão magistralmente, se encontra a possibilidade de viver e de compreender a mensagem de Cristo anunciada por São Paulo: “Dar morte ao ódio no próprio corpo”. Então, revela-se a partir do não poder que é a cruz deste Deus escondido, como uma potência amorosa universal, que convoca a todos nós na alvorada matinal da Páscoa.

nome dado ao autor de uma série de escritos que exerceram grande influência sobre o pensamento medieval. Acreditou-se por muito tempo que o autor desses escritos foi discípulo de São Paulo. Hoje se considera que as obras de referência foram redigidas no final do século IV ou começos do V sob a influência neoplatônica e especialmente a base de fragmentos de Proclo. Por tal motivo costumava-se chamar a seu autor o PseudoDionísio, e às vezes Dionísio, o místico. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **São Tomás de Aquino** (1225-1274): padre dominicano, teólogo, distinto expoente da escolástica, proclamado santo e cognominado Doctor Communis ou Doctor Angelicus pela Igreja Católica. Seu maior mérito foi realizar uma síntese do cristianismo com a visão aristotélica do mundo, introduzindo o aristotelismo, sendo redescoberto na Idade Média, na escolástica anterior. Em suas duas “Summae”, sistematizou o conhecimento teológico e filosófico de sua época: são elas a *Summa Theologiae*, e *Summa Contra Gentiles*. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **René Girard** (1923): filósofo e antropólogo francês. Partiu para os Estados Unidos para dar aulas de francês. De suas obras, destacamos *La Violence et le Sacré* (*A violência e o sagrado*), *Des Choses Cachées depuis la Fondation du Monde* (*Das coisas escondidas desde a fundação do mundo*), *Le Bouc Émissaire* (*O Bode expiatório*), 1982. Todos esses livros foram publicados pela Editora Bernard Grasset de Paris. Ganhou o Grande Prêmio de Filosofia da Academia Francesa, em 1996, e o Prêmio Médicis, em 1990. O seu livro mais conhecido em português é *A violência e o sagrado* (São Paulo: Perspectiva, 1973). Sobre o tema desejo e violência, confira a edição 298 da revista **IHU On-Line**, de 22-06-2009, disponível em <http://bit.ly/doOmak>. Leia, também, a edição especial 393 da **IHU On-Line**, de 21-05-2012, sobre o pensamento de Girard, intitulada *O bode expiatório, o desejo e a violência*. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line – Na condição pós-moderna, como narrar ou falar de Deus a partir de uma perspectiva cristã?

Carlos Mendoza – Penso que é possível falar de Deus em meio aos escombros da modernidade tecnocientífica somente se estivermos situados no clamor do sofrimento do inocente. Do lado das vítimas para clamar por justiça, sim, mas não somente. É preciso dar o último passo, que é postular um mundo alternativo a partir da *superação do ressentimento*, como propõe James Alison⁵, na gratuidade que só se entende como lógica da doação em um amor assimétrico e, nesse sentido, não recíproco, difícil gratuidade sem dúvida. Assim o cristianismo recupera com nova força o seu caráter kenótico, como assinalou o grande

5 **James Alison** (1959): teólogo católico, sacerdote e escritor. Com estudos em Oxford, é doutor pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - FAJE, de Belo Horizonte. É considerado um dos principais expoentes da vertente teológica do pensamento de René Girard. Atualmente é Fellow, da Fundação Imitatio, instituição que apoia a divulgação da teoria mimética. Há mais de 15 anos é um dos raros padres e teólogos católicos assumidamente gays. Seu trabalho é respeitado em todo o mundo pelo caminho rigoroso e matizado que tem aberto nesse campo minado da vida eclesial. Seus sete livros já foram traduzidos para o espanhol, italiano, francês, holandês e russo. Em português podem ser lidos *Uma fé além do ressentimento: fragmentos católicos numa chave gay* (São Paulo: É Realizações, 2010) e *O pecado original à luz da ressurreição* (São Paulo: É Realizações, 2011). Seu trabalho mais recente é *A vítima que perdoa - uma introdução para a fé cristã para adultos em doze sessões* (www.forgivingvictim.com). A versão em língua inglesa será lançada em texto e vídeo ainda em 2012 com a possibilidade de versões em outros idiomas em andamento. James Alison reside em São Paulo, onde está iniciando uma pastoral católica gay e viaja pelo mundo inteiro dando conferências, palestras e retiros. Textos seus podem ser encontrados no site www.jamesalison.co.uk. Mais detalhes sobre a Fundação Imitatio encontram-se disponíveis no link endereço www.imitatio.org. Confira as entrevistas concedidas por Alison à **IHU On-Line**: *O amor homossexual. Um olhar teológico-pastoral*, na edição 253, de 07-04-2008, disponível em <http://bit.ly/fNXN10>; *Uma fé para além do ressentimento*, na edição 393, de 21-05-2012, disponível em <http://bit.ly/JmHmZu> e *“O perdão antecede o pecado”*. *A superação de uma visão moralista e chantagista*, na edição 402, de 10-09-2012, disponível em <http://bit.ly/PeaZyh>. (Nota da IHU On-Line)

Bonhoeffer⁶ em meio a um campo de concentração, de rebaixamento e de despojo, à imagem do próprio Verbo de Deus, que se despojou de sua condição divina para dar vida ao mundo.

IHU On-Line – Como é possível o diálogo entre fé e razão na cultura contemporânea? Quais os pontos de inserção da fé na atual conjuntura cultural?

Carlos Mendoza – A razão moderna em sua versão liberal e positivista expulsou a fé da ágora pública, dos debates sociais e políticos, relegando-a à única esfera da subjetividade. Isso aconteceu, em parte, porque o cristianismo ocidental foi pretensioso em sua versão da verdade, da moral, e fracassou em seu anúncio de um mundo novo. O trauma de Auschwitz⁷ serviu para que judeus e cristãos se perguntassem onde Deus está e como é possível esperar um futuro para todos, começando por aqueles que já foram aniquilados. O novo milênio do cristianismo tem diante de si enormes desafios, tais como recuperar a harmonia entre a razão em seus próprios limites e da fé como conhecimento silencioso do real, sem competir pela predominância de uma sobre a outra. Se a fé, ao menos nesse sentido cristão de rebaixamento, é contemplação da presença inefável da bondade divina que nos habita sem anular a nossa autonomia como pessoas e como sociedades, então me parece possível que as sociedades laicas deem espaço para as

6 **Dietrich Bonhoeffer**: ativo nas iniciativas ecumênicas da Igreja considerada como uma entidade mundial foi um dos primeiros alemães que se aperceberam dos problemas do nazismo, criticando o regime de Hitler. Associou-se ao grupo que desejou matar Hitler. Foi preso, passando dois anos na cadeia, e foi enforcado em 1945. Sua última obra de envergadura foi *Ética* (São Leopoldo: Sinodal, 1988). (Nota da IHU On-Line)

7 **Auschwitz-Birkenau**: nome de um grupo de campos de concentração localizados no sul da Polônia, símbolos do Holocausto perpetrado pelo nazismo. A partir de 1940 o governo alemão comandado por Hitler construiu vários campos de concentração e um campo de extermínio nesta área, então na Polônia ocupada. Houve três campos principais e trinta e nove campos auxiliares. Como todos os outros campos de concentração, os campos de Auschwitz eram dirigidos pela SS comandada por Heinrich Himmler. (Nota da IHU On-Line)

expressões religiosas que humanizem as pessoas e respeitem o cosmos.

IHU On-Line – Para o senhor o que significa pensar e fazer teologia a partir da realidade latino-americana, tendo em conta o tempo da pós-modernidade?

Carlos Mendoza – Fazer teologia na América Latina não pode ser levado a cabo sem olhar para as demais culturas e tradições. Por isso é preciso manter vivo o sentido da fé em Cristo Jesus, mas abertos ao testemunho e às reflexões das demais sabedorias da humanidade. No nosso caso, as sabedorias dos povos originários, mas também das novas identidades que conquistaram palmo a palmo o seu lugar no espaço público pós-moderno. Refiro-me às minorias sexuais, às mulheres que são maioria, aos povos indígenas e afro-americanos, assim como aos migrantes criminalizados. Uma teologia do sujeito fraco da pós-modernidade, sim, mas altamente sensível à construção de sociedades inclusivas. Uma teologia da potência que nasce do *Crucificado que vive*, que faz de sua impotência uma fonte à dignidade e esperança para todos, revelando-nos, assim, o caminho da vida plena.

IHU On-Line – Olhando para o futuro, quais são os desafios e perspectivas que se abrem para a Igreja?

Carlos Mendoza – Essa questão será o objetivo de muitos colóquios e congressos que surgem por todas as partes do planeta para voltar às fontes da fé em Cristo Jesus como palavra de vida por motivo dos 50 anos do início do Concílio Vaticano II. É a vez para que cada discípula e cada discípulo de Jesus Cristo contribuam no sentido de gerar a comunhão com o projeto de vida de outros aos quais reconhece como irmãs e irmãos. Para isso, necessitará da experiência e do *savoir faire* dessa venerável tradição de 2000 anos de conversão ao Evangelho que muitos viveram. Trata-se, no fim das contas, de vislumbrar o *mais aqui* da vida dos justos da história que já estão dando sua vida pelos outros e, assim, vão abrindo os caminhos da paz com justiça, da dignidade restaurada, da beleza que redime, em suma, do Messias que chega.

Vaticano II: luta hermenêutica entre a identidade e a novidade

Segundo o teólogo espanhol Victor Codina, é preciso elaborar na América Latina uma pneumatologia a partir dos pobres que possa ser uma fonte de esperança para a Igreja e o mundo: “outro mundo é possível, outra Igreja é possível”, afirma

POR GRAZIELA WOLFART E LUIS CARLOS DALLA ROSA | TRADUÇÃO DE ANETE AMORIM PEZZINI

Ao destacar os principais desafios que o mundo apresenta hoje à Igreja, o teólogo espanhol Victor Codina faz uma retrospectiva histórica dos últimos 50 anos, desde a convocação do Concílio Vaticano II, e descreve um panorama contundente do cenário contemporâneo.

E ele questiona: “A Igreja será capaz de dizer uma palavra a este novo mundo de hoje?” Na entrevista que aceitou conceder por e-mail à **IHU On-Line**, ele considera que talvez tenha chegado a hora de pensar em um novo concílio, “que não seja somente um sínodo geral da Igreja Romana, mas algo verdadeiramente ecumênico, universal, de todos os batizados, de que participem não somente bispos, mas também leigos e mulheres, jovens e simpatizantes de outras religiões. Isso não é possível? É um sonho utópico? É um ideal para o qual devemos tender, pensando em uma Jerusalém II? A inspiração de João XXIII não se esgotou”.

Víctor Codina, jesuíta, licenciado em Filosofia e Letras pela Universidade de Bar-

celona, em Teologia pela Universidade de Innsbruck, e doutor em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma. Desde 1982 reside na Bolívia, onde alternou a tarefa de professor de Teologia na Universidade Católica Boliviana de Cochabamba com o trabalho de formação de leigos e na pastoral popular. Entre suas últimas publicações, destacamos: *Para comprender la eclesiología desde América Latina* (Estella: Navarra, 2008), *No extingáis el Espíritu* (Santander: Sal Terrae, 2008), *Una iglesia nazarena* (Santander: Sal Terrae, 2010) e *Diario de un teólogo de postconcilio* (Bogotá: Paulinas, no prelo). Dentre seus livros publicados em português, citamos *O credo dos pobres* (São Paulo: Paulinas, 1997). Ele estará na Unisinos participando do Congresso Continental de Teologia, com a conferência “As Igrejas no Continente 50 anos depois do Vaticano II: questões pendentes”. Saiba mais em <http://bit.ly/q7kwpT>.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – O Concílio Vaticano II foi um novo pentecostes? Como o senhor analisa a importância do Concílio para a Igreja?

Victor Codina – João XXIII mandou rezar para que o Vaticano II fosse um novo pentecostes. E, de fato, assim sucedeu: o ar fresco do Espírito rejuvenesceu e renovou a Igreja por dentro. Há um antes e um depois do Vaticano II, que produziu uma verdadeira mudança:

- de uma Igreja tipicamente de cristianismo, centrada no poder e na hierarquia, verdadeira pirâmide hierárquica, passando para uma Igreja

do Povo de Deus, de pessoas batizadas (LG II), a qual caminha junto com toda a humanidade na história e está aberta aos desafios dos novos sinais dos tempos (GS 4, 11, 44);

- de uma Igreja centrada em si própria (eclesiocentrismo) para uma Igreja orientada para o Reino de Deus, do qual ela é o sacramento e a semente (LG 1,5);
- de uma Igreja sociedade perfeita “tão histórica e visível como a República de Veneza ou o reino dos Francos” (Bellarmino¹) para uma

Igreja mistério da salvação, enraizada na Trindade (LG I), uma multidão congregada pelo Pai, o Filho e o Espírito Santo (LG 4);

Bellarmino S. J. (1542-1621): cardeal, teólogo católico e Doutor da Igreja. Ingressou na Companhia de Jesus em 1560. Ensinou teologia em Lovain até ser chamado a Roma por Gregório XII em 1576 para fazer parte do Colégio Romano (futura Universidade Gregoriana). Reitor do Colégio foi depois Provincial dos Jesuítas de Nápoles. Novamente em Roma como teólogo de Clemente VIII, foi feito cardeal em 1599. Arcebispo de Cápua em 1602, ocupou também lugares na maior parte das congregações da Igreja. (Nota da IHU On-Line)

¹ São Roberto Francesco Romolo Cardeal

- de uma Igreja vista como a prolongação da encarnação de Jesus, e com risco de cair no *crisomonismo* de que os orientais nos acusam, para uma Igreja que brota tanto de Cristo como do Espírito que unge os fiéis com o dom da fé e reparte uma pluralidade de carismas (LG 12);
- de uma Igreja centralizada e uniforme para uma Igreja de Igrejas, comunhão da pluralidade de Igrejas locais corresponsáveis, nas quais e pelas quais existe a Igreja Universal (LG 23);
- de uma Igreja triunfante, dominadora, gloriosa, que parece ter chegado à plenitude da escatologia, para uma Igreja pobre e que abraça os pecadores em seu seio (LG 8), para uma Igreja peregrina para o Reino, que se preenche do pó do caminho (LG VII);
- de uma Igreja que afirmava que fora dela não havia salvação para uma Igreja que acredita que o Espírito oferece a todos a possibilidade de salvação em Cristo, por caminhos somente conhecidos por Deus (GS 22), pois a Divina Providência não nega sua graça às pessoas de coração reto as quais não por sua própria culpa chegaram a conhecer a Deus (LG 16);
- de uma Igreja acostumada ao anátema e à excomunhão para uma Igreja que prefere usar o diálogo, o perdão e a misericórdia;
- de uma Igreja que não respeita a liberdade religiosa, porque acredita que o erro não tem direitos, para uma Igreja que reconhece e respeita a liberdade de cada um de buscar e professar sua fé segundo sua consciência (DH).

A lista poderia prolongar-se ainda mais. Digamos, para resumir, que o Vaticano II opera um movimento triplo: volta às fontes da fé e da autêntica Tradição (o *ressourcement*, típico dos teólogos precursores do concílio), abertura para nosso tempo (*aggiornamento*, palavra tipicamente roncalliana) e desenvolvimento da doutrina (na linha do *development of doctrine* de Newman²). Foram anos de primeira conciliar.

2 John Henry Newman (1801-1890): bispo anglicano inglês, convertido ao catolicismo, foi posteriormente nomeado cardeal pelo Papa Leão XIII, em 1879.

IHU On-Line – Analisando o caminho da Igreja depois do Concílio, pode-se falar de diferentes tendências quanto à sua recepção?

Victor Codina – Já nos documentos do Vaticano II, como observou L. Acerbi, coexistem duas eclesiologias: uma eclesiologia de comunhão, que é a dominante, mas também outra, mais jurídica. Isso se deve a Paulo VI, que queria que os documentos fossem aprovados por uma grande maioria, e para a qual teve de admitir numerosas emendas que respondiam aos setores mais conservadores, herdeiros da eclesiologia da cristandade. Mas, apesar disso, houve uma minoria muito crítica perante o Concílio, cujo representante mais radical foi o arcebispo Marcel Lefèbvre³, que afirmava que o Concílio era modernista e protestante. Também, na aplicação do Vaticano II, houve alguns excessos (na liturgia, na moral, no ecumenismo, na missiologia, na pastoral), o que provocou uma reação contrária que culpava o Vaticano de todos os males da Igreja pós-Conciliar: abandono do ministério e da vida religiosa, diminuição da prática sacramental e das vocações, etc. Em 1985, João Paulo II convocou um Sínodo sobre o Vaticano que, embora reafirmasse suas linhas de fundo, promoveu uma corrente que destacava mais a continuidade da tradição anterior do que a novidade, chegando alguns inclusive a questionar-se, no Vaticano II, se havia sucedido algo novo. Viveu-se um verdadeiro conflito de interpretações, uma guerra hermenêutica entre a identidade e a novidade, esquecendo-se de que não há identidade sem progresso, nem um progresso autêntico que rompa com a verda-

Estudou no Trinity College de Oxford e no Oriel College. Depois de sua conversão ao catolicismo, abriu e dirigiu em Birmingham um oratório de São Felipe Néri e foi reitor da Universidade Católica da Irlanda, em 1854. (Nota da IHU On-Line)

3 Marcel Lefebvre: francês, foi arcebispo na África e liderou, durante o Concílio Vaticano II, juntamente com os bispos brasileiros Geraldo Sigaud e Antonio de Castro Mayer, o Coetus Internationalis Patrum que reunia o grupo mais conservador da Igreja. Marcel Lefebvre nunca aceitou o Concílio Vaticano e fundou a Fraternidade Pio X que rompeu com a Igreja Católica. Tanto João Paulo II quanto Bento XVI negociam com a Fraternidade o fim do cisma. (Nota da IHU On-Line)

deira tradição da Igreja. O problema é que muitos identificaram a grande Tradição eclesial com a tradição do século IV, de Trento⁴ ou do século XIX. João XXIII foi um homem profundamente tradicional, mas de uma tradição que voltava às fontes e, por isso mesmo, podia avançar e dar um salto para frente. Como consequência de tudo isso, foi-se gerando na liderança da Igreja uma verdadeira involução conciliar, que se manifesta de múltiplas formas (possibilidade de um retorno à liturgia em latim, nomeações de bispos seguros e conservadores, centralização romana e enfraquecimento das conferências episcopais, confrontos com os setores críticos da Igreja, freio aos leigos...). Passou-se da primavera eclesial ao que K. Rahner chamou de “inverno eclesial”. Como afirma o grande historiador do Vaticano II, G. Alberigo⁵, parecia que a minoria conciliar que, no concílio, havia ficado de alguma maneira marginalizada era a que levantava agora as bandeiras da tradição antimodernista, antiliberal, antiprotestante e anticomunista.

IHU On-Line – Quais são os aspectos mais relevantes da recepção do Concílio na América Latina?

Victor Codina – O Vaticano II foi conduzido pelos bispos e teólogos da Europa Ocidental, que dialogaram com o homem moderno, desenvolvido, culto e secular. Embora João XXIII houvesse desejado que o rosto da Igreja conciliar fosse o da Igreja dos pobres, isso não se refletiu nos documentos conciliares, exceto por alguma referência em *Lumen Gentium*⁶,

4 Concílio de Trento: realizado de 1545 a 1563, foi o 19º concílio ecumênico. Foi convocado pelo Papa Paulo III para assegurar a unidade da fé (sagrada escritura histórica) e a disciplina eclesiástica, no contexto da Reforma da Igreja Católica e a reação à divisão então vivida na Europa devido à Reforma Protestante, razão pela qual é denominado como Concílio da Contra-Reforma. (Nota da IHU On-Line)

5 Giuseppe Alberigo (1926-2007): historiador da Igreja Católica. Sua obra mais importante foi a direção da iniciativa editorial *Storia del Concilio Vaticano II*. (Nota da IHU On-Line)

6 *Lumen Gentium* (*Luz dos Povos*): um dos mais importantes textos do Concílio Vaticano II. O texto desta Constituição dogmática foi demoradamente discutido durante a segunda sessão do Concílio. O seu tema é a Igreja, enquanto instituição.

8 e Gaudim et Spes⁷, 1. Os bispos da América Latina constituíam a chamada “maioria silenciosa”, apesar de alguns pronunciamentos proféticos de Hélder Câmara, Larraín⁸, e de um grupo de bispos do Terceiro Mundo que convidavam a Igreja a voltar-se aos pobres e à pobreza evangélica. Foi em Medellín (1968) e em Puebla (1979) onde a Igreja da América Latina realizou uma recepção criativa e inspiradora do Vaticano II, relendo o concílio a partir da situação de pobreza e de injustiça do continente. Aplicou a doutrina conciliar dos sinais dos tempos, e escutou no clamor do povo pobre um verdadeiro sinal dos tempos, a presença do Espírito que pedia justiça e direito. Nesse clima, surge a opção pelos pobres, as CEBs, a leitura popular da Bíblia, os bispos defensores dos pobres, verdadeiros Santos Padres da Igreja dos pobres (Romero, Angelleli, Gerardi, Proaño, Méndez Arceo⁹, Hé-

Foi objecto de muitas modificações e emendas, como, aliás, todos os documentos aprovados. Inicialmente surgiram, para o texto base, cerca de 4.000 emendas. Sobre o tema, confira os Cadernos Teologia Pública número 4, intitulado No quarentenário da Lumen Gentium. (Nota da IHU On-Line)

7 **Gaudium et Spes:** Igreja no mundo atual. Constituição pastoral, a 4ª das Constituições do Concílio do Vaticano II. Trata fundamentalmente das relações entre a igreja e o mundo onde ela está e atua. Trata-se de um documento importante, pois significou e marcou uma virada da Igreja Católica “de dentro” (debruçada sobre si mesma), “para fora” (voltando-se para as realidades econômicas, políticas e sociais das pessoas no seu contexto). Inicialmente, ela constituía o famoso “esquema 13”, assim chamado por ser esse o lugar que ocupava na lista dos documentos estabelecida em 1964. Sofreu várias redações e muitas emendas, acabando por ser votada apenas na quarta e última sessão do Concílio. O Papa Paulo VI, no dia 7 de dezembro de 1965, promulgou esta Constituição. Formada por duas partes, constitui um todo unitário. A primeira parte é mais doutrinária, e a segunda é fundamentalmente pastoral. Sobre a *Gaudium et spes*, confira o nº 124 da IHU On-Line, de 22-11-2004, sobre os 40 anos da Lumen Gentium, disponível em <http://bit.ly/9lFZTK>, intitulada *A igreja: 40 anos de Lumen Gentium*. (Nota da IHU On-Line)

8 **Monseñor Manuel Larraín Errázuriz** (1900 -1966): sacerdote chileno, bispo coadjutor de Talca entre 1938 e 1939. (Nota da IHU On-Line)

9 **Dom Sergio Méndez Arceo** (1907-1922): ex-bispo de Cuernavaca, México. (Nota da IHU On-Line)

der Câmara, Mendes de Almeida¹⁰, Samuel Ruiz¹¹, Silva Henríquez...), agentes pastorais comprometidos com o povo, com a vida religiosa inserida nos meios populares e o martírio. A Teologia da Libertação que nasce nesse contexto acompanhou todo esse processo, iluminando-o com os valores evangélicos e a verdadeira Tradição eclesial.

Novos atores

Em um segundo momento, até os anos 1990, embora a problemática da pobreza e da injustiça não tenha desaparecido mas aumentado, surgiram novos cenários e novos atores, novos sujeitos emergentes: jovens, mulheres, indígenas e afro-americanos, as culturas, as religiões, a terra e seu clamor ecológico. As conferências de Santo Domingo (1992) e Aparecida (2007), ao mesmo tempo em que reafirmam as opções de Medellín e Puebla pelos pobres, abriram-se a essa nova problemática: diálogo intercultural e inter-religioso, nova evangelização, estado de missão, missão permanente, etc. Também a Teologia da Libertação abriu-se para essas novas temáticas e para esses novos sujeitos emergentes: teologia índia e afro-americana, ecológica, feminina, intercultural e inter-religiosa, etc.

IHU On-Line – Depois de cinquenta anos da inauguração do Con-

10 **Dom Luciano Mendes de Almeida** (1930-2006): padre jesuíta, arcebispo de Mariana, e ex-presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Dele, a IHU On-Line publicou uma entrevista na 24ª edição, de 01-07-2002, por ocasião de sua participação no Simpósio Nacional Bem Comum e Solidariedade, promovido pelo IHU em junho de 2002, um artigo na 85ª edição, de 24-11-2003, e outro artigo na 95ª edição, de 5-04-2004. Por ocasião de seu falecimento, em 27-08-2006, o site do IHU, www.unisinos.br/ihu, ofereceu ampla repercussão sobre sua vida e trajetória. Para conferir detalhes, acesse as Notícias Diárias de 28-08-2006. Em 03-09-2007 publicamos uma entrevista especial com Dom Pedro Luiz Stringhini, intitulada “*O leilão da Vale não foi ético, dizia D. Luciano Mendes de Almeida*”. (Nota da IHU On-Line)

11 **Samuel Ruiz García** (1924-2011): religioso mexicano, prelado da Igreja Católica Romana, que serviu como bispo da Diocese de San Cristóbal de Las Casas, Chiapas, de 1959 até 2000. Destacou-se como defensor dos direitos dos povos indígenas do México e da América Latina. (Nota da IHU On-Line)

cílio, quais são os principais desafios que o mundo apresenta hoje à Igreja?

Victor Codina – Nesses cinquenta anos houve profundas mudanças em todo o mundo, caíram tanto o muro de Berlim como as Torres Gêmeas, surgiram a globalização, as novas tecnologias, consolidou-se o mercado neoliberal, agravou-se a crise do meio ambiente, aumentaram os fluxos migratórios, massificou-se o mundo urbano. Estamos ante uma mudança cultural e religiosa sem precedentes, um verdadeiro *tsunami* invade o planeta. A problemática do Vaticano II foi insuficiente e, de algum modo, superada. O problema não é hoje tanto a Igreja, mas Deus, a secularização, o diálogo inter-religioso e, além disso, a exclusão de grandes setores da riqueza da terra e da sociedade do conhecimento, a discriminação da mulher na sociedade e na igreja patriarcal de hoje, a indignação dos jovens perante a sociedade violenta e desumana que receberam das gerações passadas, a ameaça ecológica e a crise econômica, etc. A Igreja será capaz de dizer uma palavra a este novo mundo?

Mas tudo isso também afeta a estrutura da Igreja institucional. Há temas que o Vaticano II não conseguiu abordar (eleição de bispos, estado vaticano e estrutura do primado petrino, núncios, celibato sacerdotal...), outros que ficaram pela metade do caminho por falta de mediações institucionais, outros que surgiram novamente: diálogo com o mundo da biologia e da sexualidade, feminismo, ecologia, pluralismo religioso, movimentos pentecostais, transmissão da fé às novas gerações, etc. Não se pode falar de nova evangelização sem questionar o modelo atual de estrutura eclesial que tem de retrógrado e deforme.

A tudo isso se soma a crescente falta de credibilidade eclesial, os escândalos sexuais, as misteriosas intrigas da cúria vaticana, a diminuição de vocações, a baixa frequência sacramental em muitos setores, o abandono silencioso da Igreja por parte de milhões de fiéis, o aumento da indiferença e o agnosticismo religioso que, acrescido ao anterior, produz uma sensação de grande perplexidade e de crise eclesial. A barca de Pedro sacode-se de um lado para outro no meio do mar; alguns comparam essa

situação com a que precedeu a Reforma no século XVI, outros aos anos anteriores ao Vaticano II.

IHU On-Line – Como o senhor interpreta o momento presente da Igreja no cenário latino-americano?

Victor Codina – A situação da América Latina é diferente daquela da Europa Ocidental. Trata-se de um continente muito religioso, com uma forte religiosidade popular marcada por grandes valores. Mas é um continente de batizados que não terminou o catecumenato (E. Dussel), que forma parte integrante do batismo (como afirmava o teólogo Ratzinger). Não é por acaso que o lema de Aparecida seja o de formar discípulos e missionários de Jesus Cristo. Por isso, em Aparecida 12, afirma-se que uma fé católica reduzida a uma lista de normas e proibições, a práticas devocionais fragmentadas, a adesões parciais e seletivas às verdades da fé, a uma participação ocasional em alguns sacramentos e à mera repetição de princípios doutrinários e morais não poderá resistir ao teste do tempo. Daí surge a preocupação de colocar o continente em estado de missão, em uma conversão pastoral: uma pastoral não clerical nem centrada no templo, mas leiga e centrada na casa do povo, orientada perante tudo à evangelização e à proclamação da Palavra mais do que uma sacramentalização meramente ritualista e sem impacto; que promova uma iniciação à experiência espiritual em contato com Jesus de Nazaré; que forme comunidades vivas, comprometidas com sua história, em diálogo com as culturas modernas e nativas; que priorize os pobres e solidarize-se com eles em suas lutas por justiça; que não sinta saudades dos apoios sociológicos e estatais da Igreja da cristandade; que se vá configurando como uma Igreja nazarena, pobre, simples, solidária, pascal.

IHU On-Line – Levando em conta os desafios atuais da Igreja, sobretudo os implicados na chamada segunda modernidade, como o senhor analisa a atualidade do Vaticano II? Precisa ser retomado ou há necessidade de um novo concílio?

Victor Codina – A chamada segunda modernidade, modernidade tardia, pós-modernidade ou terceira

ilustração supõe assumir dimensões muito esquecidas: pessoa, liberdade, consciência, corpo, sexualidade, prazer, relação ambiental, abertura aos diferentes e diversos, pluralismo, gratuidade, festa, cotidianidade, pequenos relatos, etc. Evidentemente, isso pode levar ao narcisismo, hedonismo, ao irracionalismo, ao relativismo, ao consumismo, à superficialidade, ao esquecimento dos demais e, em especial, dos pobres, etc., mas esses valores da pós-modernidade podem e devem ser assumidos em seus aspectos positivos pela Igreja. Mas, para isso, o Vaticano II, longe de ser um estorvo, é um ponto de partida irrenunciável: não se pode avançar contra ou à margem do Concílio, mas deve-se ir além dele. Evidentemente há motivos suficientes para um novo concílio como alguns cardeais manifestaram (Martini¹², Lehman¹³...), mas com os bispos nomeados nas últimas décadas não tem, humanamente falando, muitas garantias de uma mudança no futuro. Por outro lado, talvez, chegou a hora de pensar em um concílio que não seja somente um sínodo geral da Igreja Romana, mas algo verdadeiramente ecumênico, universal, de todos os batizados, de que participem não somente bispos, mas também leigos e mulheres, jovens e simpatizantes de outras religiões. Isso não é possível?

12 **Carlo Maria Martini** (1927-2012): teólogo jesuíta, profundo conhecedor da Bíblia, cardeal italiano e arcebispo emérito de Milão falecido dia 31 de agosto de 2012. Confira a última entrevista que concedeu, disponível em <http://bit.ly/R8SdaX>, sob o título “A Igreja retrocede 200 anos. Por que temos medo?”. Confira, ainda, a cobertura dada pelo IHU à morte de Martini: *Morreu Martini, o bispo do diálogo*, em <http://bit.ly/TlgXZR>; *Martini, um homem de Deus. Artigo de Vito Mancuso*, em <http://bit.ly/NKt6uv>; “A abertura de Martini aos não crentes foi um ato de responsabilidade”. *Entrevista com Massimo Cacciari*, em <http://bit.ly/UkM4Np>; A “dura viela” da morte, segundo Martini, em <http://bit.ly/TlhSJS>. (Nota da IHU On-Line)

13 **Karl Lehmann**: teólogo alemão, atualmente cardeal-arcebispo de Mainz e presidente da Conferência Episcopal da Alemanha, escreveu um artigo sobre Kant que a IHU On-Line traduziu e publicou na 93ª edição, de 22-03-2004. O Instituto Humanitas Unisinos também traduziu e publicou o artigo *O Cristianismo - Uma religião entre outras? Um subsídio para o Diálogo Inter-religioso - na perspectiva católica*, de autoria de Karl Lehmann. O artigo foi publicado em Multitextos, no. 1, outubro de 2003. (Nota da IHU On-Line)

É um sonho utópico? É um ideal para o qual devemos tender, pensando em uma Jerusalém II? A inspiração de João XXIII não se esgotou.

IHU On-Line – Gostaria de destacar mais algum aspecto, além do que foi perguntado?

Victor Codina – Gostaria finalmente de assinalar que a eclesiologia não pode converter-se no centro de nossa preocupação cristã, já que somente Jesus Cristo é o princípio e o fundamento de nossa fé. Mas, no momento atual, acredito que tanto a cristologia como a eclesiologia devem ser profundamente pneumatológicas, inspiradas pela força e pelo calor de um Espírito que não se limite ao dom pascoal do Ressuscitado à sua Igreja, mas que é o Espírito que precede e transborda a Igreja, descendo sobre toda a humanidade; o Espírito da criação, dos profetas de Israel, da encarnação e da ressurreição de Jesus; o Espírito da vida presente em todas as tradições religiosas da humanidade, o que se move a partir de dentro todos os movimentos sociais, culturais, políticos ecológicos e que tudo encaminha para o Reino. Esse Espírito do Senhor é o que não abandona hoje sua Igreja, mas que a impulsiona a levar adiante a inspiração de João XXIII e do Vaticano II. Na América Latina, tem-se que elaborar uma pneumatologia a partir dos pobres, que possa ser uma fonte de esperança para a Igreja e o mundo: outro mundo é possível, outra Igreja é possível.

Leia mais...

>> Victor Codina já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line. Confira:

- *Temos de crer e esperar que outro mundo e que outra Igreja são possíveis*. Entrevista publicada na edição número 222, de 04-06-2007, disponível em <http://bit.ly/P9iyWI>
- *Vocação religiosa: mais mística e mais profética*. Entrevista publicada na edição número 299, de 06-07-2009, disponível em <http://bit.ly/OX1ci>

A teologia e uma nova ótica evangélica a partir dos pobres

Neste momento de uma globalização de corte neoliberal, consideram-se os empobrecidos não só como oprimidos pelo sistema, mas também como excluídos por ele, e se propõe uma globalização alternativa como desejável e realmente possível, pondera Juan Carlos Scannone

POR GRAZIELA WOLFART E LUIS CARLOS DALLA ROSA | TRADUÇÃO DE MOISÉS SBARDELOTTO

Juan Carlos Scannone se apresenta como um filósofo da libertação “que se coloca a serviço do Povo de Deus e da Teologia da Libertação, sobretudo na corrente dela, que, sem descuidar da análise social, o enquadra na análise histórico-cultural, dando especial relevância nela à cultura e à religiosidade populares”. Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, ele afirma que atualmente “muitas das contribuições da Teologia da Libertação já foram assumidas pela Igreja em sua doutrina e pastoral sociais. A própria Teologia da Libertação não está mais na moda, mas continua viva, vigente e trabalhando, tendo amadurecido teológica e evangelicamente; inspirou e inspira muitos enfoques pastorais e avanços teológicos (como são a hermenêutica popular da Palavra de Deus, a teologia intercultural, as teologias indígena, afro-americana, feminina, etc.), embora – por outro lado – ela nem sempre seja reconhecida e valorizada por todos”.

Juan Carlos Scannone é doutor em Filosofia pela Universidade de Munique (Alema-

nha), é licenciado em Teologia pela Universidade de Innsbruck (Áustria). Foi reitor da área São Miguel da Universidade del Salvador (Buenos Aires), onde também foi decano da faculdade de Filosofia. Foi professor-convidado nas universidades de Frankfurt, Salzburg, Gregoriana (Roma), Alberto Hurtado (Santiago de Chile) e na universidade Ibero-americana (México), entre outras. É também membro da Academia Europeia de Ciências e Arte. Entre outros, é autor dos seguintes livros: *Irrupción del pobre y quehacer filosófico* (Buenos Aires: Bonum, 1993); *Lo político en América Latina* (Buenos Aires: Bonum, 1999); e *Religion y nuevo pensamiento* (Barcelona: Antrophos, 2005). Scannone irá participar do Congresso Continental de Teologia, nos próximos dias 8, 9 e 10 de outubro, das 14h30min às 16h30min, falando sobre “Teologia, Cultura e Interculturalidade”. Acesse a programação completa em <http://bit.ly/NMol2N>.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Para o senhor, o que significa o pensar e o fazer teologia a partir da realidade latino-americana? Como o senhor se insere na perspectiva da Teologia da Libertação?

Juan Carlos Scannone – Fazer teologia a partir da América Latina é adotar para a reflexão de fé a perspectiva que se dá ao crer, ao viver, ao pa-
decer, ao agir, ao celebrar na situação

e no contexto social e cultural latino-americano. Mas como este é constituído em grande parte pela realidade injusta dos pobres, a interpelação de Cristo entre eles e a correspondente resposta evangélica mediante a opção pela sua libertação histórica e escatológica se convertem, assim, em Teologia da Libertação. Suas duas características-chave são a) seu ponto de partida e lugar hermenêutico são

interpelações e opção preferencial pelos pobres; e b) seu uso para interpretar a realidade histórica à luz da fé não só a mediação da filosofia, mas também das diversas ciências humanas e sociais. Pessoalmente, sou um filósofo da libertação que se coloca a serviço do Povo de Deus e da Teologia da Libertação, sobretudo na corrente dela, que, sem descuidar da análise social, o enquadra na análise histórico-cultural,

dando especial relevância nela à cultura e à religiosidade populares.

IHU On-Line – Qual a sua reflexão sobre os 40 anos de caminhada da Teologia da Libertação, tendo como marco o livro de Gustavo Gutiérrez?

Juan Carlos Scannone – Gustavo Gutiérrez já havia aberto caminho para uma Teologia da Libertação antes de Medellín (1968), embora o explicitou magistralmente em seu primeiro livro (1971), que se difundiu rapidamente nos níveis latino-americano e internacional, sobretudo depois da sua reedição na Espanha (1972). A influência da incipiente Teologia da Libertação foi notada primeiro em Medellín, depois na teologia, na pastoral e na sociedade latino-americanas, e depois em teologias de outras latitudes, através da polêmica que ela suscitou, a seu favor ou contra ela. Tal influência também chegou ao magistério tanto latino-americano como pontifício, que explicitaram a opção preferencial pelos pobres e a problemática da libertação integral. Tudo isso provocou um atento discernimento evangélico, em especial com relação ao uso mais ou menos crítico da análise social marxista e da releitura crítica de algumas de suas categorias. Isso deu lugar a duas Instruções da Congregação para a Doutrina da Fé, uma de acento mais crítico (1984), e outra, mais positivo (1986), de modo que Gutiérrez levou em conta essa evolução na 6ª edição de sua obra supramencionada (1988). Em minha opinião, atualmente muitas das contribuições da Teologia da Libertação já foram assumidas pela Igreja em sua doutrina e em suas pastorais sociais. A própria Teologia da Libertação não está mais na moda, mas continua viva, vigente e trabalhando, tendo amadurecido teológica e evangelicamente; inspirou e inspira muitos enfoques pastorais e avanços teológicos (como são a hermenêutica popular da Palavra de Deus, a teologia intercultural, as teologias indígenas, afro-americana, feminina, etc.),

“A Teologia da Libertação deve ser fiel ao seu método, analisando (...) a atual nova realidade latino-americana e mundial”

embora – por outro lado – ela nem sempre seja reconhecida e valorizada por todos.

IHU On-Line – Como se originou a Teologia da Libertação? A partir dessa opção teológica, que perspectivas se abriram?

Juan Carlos Scannone – A aplicação do Concílio Vaticano II à América Latina, em especial a da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, e de seu método provocaram que se analisassem explicitamente a injustiça e a violência estruturais em nosso subcontinente, sobretudo quando se contemplou, à luz do Evangelho, a situação estrutural dos pobres e a práxis de libertação de muitos grupos cristãos. Estes costumavam empregar a contribuição das ciências sociais, não por último a teoria da dependência, surgida na nossa América. A partir dessa opção pelos pobres e da opção teológica correspondente, não só se interpretou a realidade histórica latino-americana à luz da Palavra de Deus, mas também se reinterpretou a esta e a toda a fé e a teologia a partir de uma nova ótica evangélica a partir dos pobres, em continuidade com a tradição viva da Igreja.

IHU On-Line – Qual o sentido teológico e o alcance da opção pelos

empobrecidos? Como essa opção inspiradora se insere no atual contexto de mundo caracterizado pela dinâmica de globalização?

Juan Carlos Scannone – Assim é como se redescobriram tanto espiritual como teológica e pastoralmente a opção de Cristo e da Igreja pelos pobres através da história e atualmente, como se resumiu no segundo documento da Congregação para a Doutrina da Fé, e se ampliaram essas considerações à história recente da América Latina, com precursores exímios como Bartolomé de Las Casas. Neste momento de uma globalização de corte neoliberal, consideram-se os empobrecidos não só como oprimidos pelo sistema, mas também como excluídos por ele, e se propõe uma globalização alternativa como desejável e realmente possível, sobretudo depois da crise financeira e econômica de 2008, que ainda não acabou, índice de uma crise mais profunda, ética, histórica e cultural. Por outro lado, simultaneamente está ocorrendo a emergência dos BRICs (Brasil, Rússia, Índia, China) que rompe a hegemonia única dos EUA depois da implosão da URSS. Isso mostra que “outro mundo é possível” (Fórum Social Mundial de Porto Alegre), mas não se trata de uma necessidade histórica, e sim de um desafio à liberdade das pessoas e dos povos.

IHU On-Line – A seu ver, por que a Teologia da Libertação foi tão criticada e perseguida, inclusive por setores da Igreja?

Juan Carlos Scannone – Por um lado, havia interesses criados em favor de fatores de poder econômico, político e/ou militar que favoreceram essa rejeição e o seu disfarce ideológico. Por outro lado, às vezes se confundiram grupos não poucas vezes minoritários dentro da Teologia da Libertação que favoreciam a violência ou a luta de classes – até mesmo dentro da Igreja – e aplicavam, sem crítica, o método de análise marxista para a realidade social latino-americana, com outros promotores da Teologia da Libertação

que não o empregavam, ou só usavam algumas categorias extraídas do marxismo, depois de tê-las criticado (com mais ou menos sentido crítico) e lido a partir de um horizonte cristão de compreensão.

IHU On-Line – Olhando para o futuro, quais os desafios e perspectivas da Teologia da Libertação?

Juan Carlos Scannone – A Teologia da Libertação deve ser fiel a seu método, analisando, com a ajuda das ciências acima mencionadas, a atual nova realidade latino-americana e mundial, até porque a situação da América Latina e dos pobres mudou por causa da globalização e da “nova questão social” (a exclusão – ver resposta à quarta pergunta), assim como porque o novo fenômeno da crise do neoliberalismo e o fim da hegemonia única dos EUA parecem propor uma conjuntura favorável à mudança. Pois hoje se insinua a emergência de um novo paradigma sociocultural nos níveis global, continental e local, tanto nas práticas sociais como nas ciências, incluindo as ciências exatas, paradigma que dá maior espaço à relação, ao acontecimento, à comunicação e à lógica do dom (um exemplo é dado pela encíclica *Caritas in Veritate*¹), o

¹ *Caritas in Veritate*: terceira encíclica do Papa Bento XVI, publicada no dia 07-07-2009, “sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade”. Foi a primeira encíclica de Bento XVI que versa sobre vários temas socioeconômicos, após a profunda crise econômica e financeira das últimas décadas, disponível em <http://migre.me/4mY6b>. (Nota da IHU On-Line)

“O diálogo intercultural para dentro fará com que as culturas populares (...) contribuam com seus valores humanistas e evangélicos à cultura moderna e tardo-moderna”

que contribuiria para a possibilidade real da acima citada globalização alternativa.

IHU On-Line – Qual o significado e a importância para a teologia dos conceitos de cultura e interculturalidade? Como esses conceitos estão implicados no contexto latino-americano?

Juan Carlos Scannone – Em minha resposta à primeira pergunta, disse que me subscrevo à corrente da Teologia da Libertação que dá ênfase à cultura, porque ela torna humano e social o ser humano e nela devem se inculturar (isto é, se encarnar) o Evan-

gelho e o seu dinamismo pascal. Pois bem, a América Latina foi tomando cada vez mais consciência explícita de seu caráter intercultural e da assimetria injusta que ainda ocorre entre suas culturas. Precisamente o diálogo intercultural para dentro fará com que as culturas populares (suburbana, cam-pesina, dos povos originários, afro-latino-americanas) contribuam com seus valores humanistas e evangélicos à cultura moderna e tardo-moderna, assim como esta contribui com seus valores, não por último, com a ciência e a tecnologia, às culturas tradicionais, em uma nova mestiçagem cultural. De fato, esse fenômeno já está ocorrendo, sobretudo nos subúrbios das grandes cidades latino-americanas, facilitando tanto a transformação do paradigma sociocultural como o surgimento de uma globalização alternativa.

Leia mais...

>> Juan Carlos Scannone já concedeu outra entrevista à **IHU On-Line**.

Confira:

- *A Teologia da Cultura não se opõe à Teologia da Libertação*. Entrevista publicada nas **Notícias do Dia** do sítio do IHU em 06-09-2007, disponível em <http://bit.ly/PFX3PE>

**LEIA OS CADERNOS IHU
NO SITE DO IHU
WWW.IHU.UNISINOS.BR**

Teologia e capitalismo: incompatíveis?

Paulo Suess reconhece que o sistema capitalista, que impõe suas regras de cima para baixo, cria uma monocultura colonizadora e aposta nos indivíduos em detrimento das comunidades, tendo uma aversão estrutural ao pensamento indutivo que dá voz de intervenção à realidade concreta

POR GRAZIELA WOLFART E LUIS CARLOS DALLA ROSA

De que maneira teologia e capitalismo se relacionam, principalmente no cenário atual em que o capitalismo estaria supostamente em crise? Na expectativa de estabelecer essa relação, o teólogo Paulo Suess argumenta que a “crise do capitalismo que emerge do fim do ciclo de crescimento não significa que estamos caminhando para uma estagnação mortal. Precisamos pensar e investir em desenvolvimento sem crescimento. Isso significa que a humanidade precisa aprender a cultivar novos valores em novos horizontes, como comunitarismo versus individualismo, partilha versus acumulação, ócio e tempo livre versus negócio e mercantilização total, participação democrática real versus elitismo autoritário. São valores que se podem inspirar no Evangelho, mas que provavelmente só vamos aprender acudados por um colapso civilizatório”. Na entrevista que concedeu por e-mail à **IHU On-Line** ele acrescenta que “o sistema capitalista cria suas próprias fissuras, que exigem uma nova relação com a natureza, tecnologias e energias renováveis, novas relações sociais e mudanças na vida cotidiana, compreensão criativa e recreativa do trabalho em um novo sistema de produção e mudanças políticas institucionais”. E conclui: “apesar de todas as amarras institucionais, a teologia pode ter

um papel emancipatório e jogar a flecha incendiária de seu pensamento na direção dos castelos velhos de um pensamento caducado que já não serve, e que talvez nunca serviu, de abrigo aos pobres”.

Paulo Suess nasceu na Alemanha. É doutor em Teologia Fundamental com um trabalho sobre catolicismo popular no Brasil. Em 1987 fundou o curso de Pós-Graduação em Missiologia, na Pontifícia Faculdade Nossa Senhora da Assunção, em São Paulo, onde foi coordenador até o fim de 2001. Recebeu o título de Doutor *honoris causa*, das Universidades de Bamberg (Alemanha, 1993) e Frankfurt (2004). É assessor teológico do Conselho Indigenista Missionário – Cimi e professor no ciclo de pós-graduação em missiologia, no Instituto Teológico de São Paulo – Itesp. Entre suas publicações, destaca-se *Dicionário de Aparecida. 40 palavras-chave para uma leitura pastoral do Documento de Aparecida* (São Paulo: Paulus, 2007). Saiba mais sobre ele acessando seu blog <http://paulosuess.blogspot.com>. Suess irá participar do Congresso Continental de Teologia, nos próximos dias 8, 9 e 10 de outubro, das 14h30min às 16h30min, falando a partir do tema “Teologia e capitalismo”. Acesse a programação completa em <http://bit.ly/NMol2N>.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – No atual contexto, como o senhor situa a relação entre teologia e capitalismo? Quais as problemáticas e temáticas centrais que emergem?

Paulo Suess – Em primeiro lugar, precisamos esclarecer de que teologia estamos falando. Falamos de uma teologia genericamente latino-americana ou genericamente católica? Falamos da Teologia da Libertação ou da teologia

da prosperidade? Falamos da teologia índia ou de uma teologia neoescolástica? Todas essas teologias estão sendo oferecidas nas faculdades de teologia; umas favorecidas e outras questionadas por alguma instância do magistério. Segundo os pressupostos teológicos de cada uma delas, muda a proximidade entre teologia e capitalismo. Olhemos para a teologia índia. Pela intervenção do

cardeal Levada¹, então prefeito da Congregação da Fé, sua mera menção no “Documento de Aparecida” (2007) foi proibida. A teologia índia tem uma relação de incompatibilidade com o sistema capitalista e suas ramifica-

¹ **William Joseph Levada (1936-)**: cardeal estadunidense e prefeito emérito da Congregação para a Doutrina da Fé. (Nota da IHU On-Line)

ções neocoloniais, já que nele a visão do mundo, as práticas sociais e o sustento econômico dos povos indígenas não têm lugar. A incompatibilidade da teologia índia com o sistema capitalista e a proibição de sua menção no Documento de Aparecida indica certa “afinidade” entre o pensamento subjacente à proibição e o sistema capitalista. Os críticos da teologia índia e da Teologia da Libertação encontram dificuldade em aceitar os pressupostos de uma teologia indutiva, pluricultural e comunitária. O sistema capitalista, que impõe suas regras de cima para baixo, cria uma monocultura colonizadora e aposta nos indivíduos em detrimento das comunidades, tem uma aversão estrutural ao pensamento indutivo que dá voz de intervenção à realidade concreta. Resumidamente podemos dizer que no pensamento dedutivo na esfera teológica como na esfera político-econômica trata-se sempre de uma transferência do “capital” popular e dos mecanismos de controle e participação para as elites. À carência material nas periferias das grandes cidades e no interior corresponde, muitas vezes, a uma carência espiritual do povo, sem ministros autorizados que celebrem com ele a Eucaristia.

Uma igreja pobre, despojada e missionária

O Vaticano II, com seu programa de *aggiornamento* ao mundo (sem ser do mundo) e com sua virada popular estrutural, que encontrou suas expressões na eclesiologia do Povo de Deus, na liturgia versus *populum* e na pastoral de serviço e encarnação visava não só uma igreja dos pobres, mas uma igreja pobre, despojada e missionária. Hoje, esta visão está sendo inibida por movimentos e sinais que apontam na direção contrária. Decisões eclesiais, que dizem respeito a todos os fiéis, são cada vez mais tomadas nas mesas de dicastérios, sem participação do povo a que se referem. Um exemplo gritante é a questão dos diáconos da diocese de San Cristóbal de Las Casas (Chiapas, México). Faz mais de dez anos que essa diocese sofre intervenções naquilo que se refere à construção de uma igreja autóctone. Em carta de 26 de outubro de 2006, dirigida ao bispo local, o cardeal

Arinze² qualificou o projeto de uma igreja autóctone de “projeto ideológico”. A Igreja de Chiapas recebeu e continua recebendo intervenções permanentes no que se refere à quantidade de diáconos convenientes, sua formação, sua ordenação e, ultimamente, ao “Diretório Diocesano para o Diaconato Permanente da Diocese de San Cristóbal de las Casas”, que já estava desde 1999 orientando a pastoral diocesana. A intervenção ao Diretório termina com o seguinte veredito: “Como avaliação geral de todas essas observações se pode justamente concluir que o Diretório para o Diaconato Indígena Permanente da Diocese de San Cristóbal de las Casas, no México, não cumpre bem suas funções e é necessário fazer correções de fundo. Ao confrontar com as propostas da Teologia da Libertação de tipo indigenista, se nota uma clara influência desta teologia, pernicioso para a formação e o ministério dos Diáconos Permanentes”. Se na economia capitaneada pelo capitalismo assistimos certo autoritarismo de uma suposta infalibilidade dos tecnocratas e uma transferência das riquezas do povo para os ricos cada vez mais ricos e para os bancos, também na Igreja podemos observar uma concentração das decisões em instâncias burocráticas, distantes do povo simples. Essas instâncias tratam tópicos que fazem parte do depósito da fé da Igreja Católica, como “opção preferencial dos pobres, Comunidades Eclesiais de Base, igreja autóctone e sacerdócio comum dos fiéis”, com muitas reservas.

Uma formalidade não inocente

As questões do pensamento indutivo ou dedutivo podem parecer questões meramente formais. Mas tal formalidade não é semanticamente inocente. O fato de que, tendencialmente, todos pensam a partir da cadeira onde estão sentados, aponta para a necessidade de um deslocamento de muitas cadeiras de teologia. Se a Igreja assume ser o que ela é: um sinal profético de contradição neste mundo, imediatamente se configura a relação entre teologia e capitalismo como uma relação de in-

compatibilidade. Como não só permitir mas também incentivar participação, descentralização, cooperação? Como transformar as estruturas comunitárias que existem nas igrejas, nos diferentes conselhos e no sínodo, por exemplo, de instâncias consultivas em instâncias deliberativas? Como transformar estruturas de supervisão em estruturas de participação e inculturação? As perguntas configuram projetos.

IHU On-Line – Como o senhor descreve o capitalismo vigente? Ele está em crise ou os movimentos atuais apenas reforçam sua potência?

Paulo Suess – O capitalismo é um sistema baseado em expansão, exclusão e crescimento que se tornaram, num planeta limitado, pedras de tropeço. O modelo hegemônico desse crescimento se baseia em grandes extensões de terras, no maquinário, nos insumos químicos, nas sementes geneticamente modificadas, nas commodities; produz para o supermercado e para o mercado exterior. O desenvolvimento em torno de grandes projetos, que são grandes negócios para poucos, incorpora cada vez mais recursos naturais (terra e água). Esse modelo despreza os saberes das comunidades locais, empobrece os solos, contamina as águas, desemprega as pessoas e as obriga a assistir a transformação da biodiversidade de sua região, de suas terras e de sua produção familiar de subsistência em território para a pecuária e a monocultura. Por que esse sistema funcionou até hoje? O último ciclo da expansão colonial é a globalização: ocupação dos últimos territórios disponíveis, acumulação de riquezas baseada na exploração da mão de obra e na homogeneização cultural. Assistimos a um processo de ocupação dos espaços limitados que ainda restam em cada país (Amazônia, terras indígenas, zonas subterrâneas de minérios), e cujo esgotamento é previsível. Os investimentos em propriedades (terra, acesso à água) e uma reprimarização (*commodities*, produtos não industrializados) em vez de produção industrial voltaram a ser hegemônicos. Pensar em industrialização versus reprimarização, no entanto, significa pensar também em esquemas sem futuro. Por um deter-

2 Francis Arinze (1932): cardeal católico nigeriano e Prefeito Emérito da Congregação para o Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos. (Nota da IHU On-Line)

minado tempo, tecnologias e mercados internos podem ainda garantir taxas razoáveis de crescimento, em torno de 3%, mas os mercados vinculados a esse crescimento estão viciados pelo capital fictício (mercados de ações, negócios financeiros, dívidas) e pela violação de princípios éticos e racionais básicos (desigualdade social crescente, corrupção, terceirização de serviços em condições escandalosas, destruição do meio ambiente, alinhamento da mídia e da estrutura democrática ao grande capital). A crise do capitalismo que emerge do fim do ciclo de crescimento não significa que estamos caminhando para uma estagnação mortal. Precisamos pensar e investir em desenvolvimento sem crescimento. Isso significa que a humanidade precisa aprender a cultivar novos valores em novos horizontes, como comunitarismo versus individualismo, partilha versus acumulação, ócio e tempo livre versus negócio e mercantilização total, participação democrática real versus elitismo autoritário. São valores que se podem inspirar no Evangelho, mas que provavelmente só vamos aprender acudados por um colapso civilizatório.

IHU On-Line – Diante de um capitalismo que se apresenta como pensamento único – o sistema econômico “vencedor” –, como a teologia pode ser uma fissura ou espaço de articulação de outros “mundos possíveis”?

Paulo Suess – Nenhuma ação acontece sem contradição. O suposto sistema econômico vencedor, por não ter derrotado seu sistema oposto, que o obrigou através de uma legislação laboral e de sindicatos a uma honestidade mínima, já incorpora todos os germes de um sistema “perdedor”. A migração mundial nos mostra que não existem mais ilhas de bem-estar social protegidas por fronteiras do Estado nacional. O sistema capitalista cria suas próprias fissuras, que exigem uma nova relação com a natureza, tecnologias e energias renováveis, novas relações sociais e mudanças na vida cotidiana, compreensão criativa e recreativa do trabalho em um novo sistema de produção e mudanças políticas institucionais. As disfuncionalidades sistêmicas desafiam a reflexão teológica e nos permitem meter a cunha de um pen-

samento alternativo nas veias de areia que perpassam a rocha do capitalismo.

A teologia pode indicar um horizonte de outros mundos possíveis, porém não será a sua construtora. Por sua conexão eclesial e institucional, a teologia encontra seu espaço no território que ela contesta. Vive, assim, o dilema de precisar cortar o galho da árvore onde está assentada. O outro mundo possível, que há de ser um mundo para todos, envolve o próprio mundo e as condições privilegiadas da produção teológica. Mas, apesar de todas as amarras institucionais, a teologia pode ter um papel emancipatório e jogar a flecha incendiária de seu pensamento na direção dos castelos velhos de um pensamento caducado que já não serve, e que talvez nunca serviu, de abrigo aos pobres. Ao contribuir para uma ruptura sistêmica, a teologia pode ser a memória viva do germe revolucionário de seu fundador que, “veio para lançar fogo sobre a terra” (Lc 12,49).

IHU On-Line – A seu ver, como a Igreja tem se posicionado em face das situações de exclusão, de injustiça, de morte, geradas pelo sistema capitalista? Como ela pode ser sinal de esperança e possibilidade de resposta aos desafios que nascem da ordem econômica vigente?

Paulo Suess – Por algum tempo, as instituições podem “suportar” profetas em seu seio, mas sem nunca serem proféticas. Tampouco a Igreja, como instituição, é profética. Para garantir a sua sobrevivência, a instituição eclesial está demasiado envolvida em estruturas políticas e no próprio sistema capitalista, o qual, por conseguinte, não consegue criticar fundamentalmente. Por outro lado e pelos seus próprios princípios, a Igreja institucional quer um mundo justo sem exclusão, sem violência e investe muito na cura das feridas dos excluídos e injustiçados, sem tocar, porém, nas causas sistêmicas. No interior das Igrejas, vivemos ainda certo fatalismo que acredita que à base da misericórdia microestrutural se pode mudar aquilo que o Evangelho exige. Em todos os tempos, a Igreja construiu “Casas de Misericórdia” e preferiu as atividades apolíticas e, ao mesmo tempo, heroicas de uma Madre Teresa

aos sermões proféticos de um Oscar Romero. Seguindo o Evangelho de Jesus, descobriremos uma misericórdia política, uma profecia misericordiosa e uma compaixão com os crucificados na história. A compaixão eclesial com os pobres emana de seu campo próprio, que é o campo simbólico e imaginário. Ela não é construtora de um paraíso terrestre, mas emite, como Jesus, sinais concretos de abertura, justiça e transformação. Ela não substitui a luta por um mundo melhor por uma “cesta básica celeste”, que faria desnecessário o próprio esforço de ação e reflexão.

Sinais de esperança e de contradição

Sinais de esperança que nascem como respostas aos desafios impostos pela ordem econômica vigente são sinais de contradição (cf. Lc 2,34). “Por que vieste incomodar-nos?”, pergunta o cardeal-inquisidor de Dostoievski a Jesus: “Tu querias um povo em liberdade e abriste mão das três únicas forças que podem subjugar o povo: o milagre em benefício próprio, o mistério para confundir o outro e a autoridade para subjugar os pobres!”. “Por que vieste incomodar-nos?”, perguntaram a dom Luís Cappio³, em dezembro de 2007, o pobre bispo franciscano da diocese de Barra-BA, que através de uma greve de fome queria impedir a transposição do rio São Francisco, que empobreceria ainda mais ribeirinhos e povos indígenas da região. “Por que vieste incomodar-nos”? Em tempo de Natal e fim de ano, época de mesas fartas, a greve de fome de dom Luís Cappio realmente incomodou o clima geral do consumo. Os incomodados procuravam “saídas honrosas”. Quem começa uma gre-

³ **Luiz Flávio Cappio** (1946): bispo católico brasileiro da Diocese de Barra, na Bahia. Já fez greves de fome em protesto ao projeto do Governo Federal à transposição do Rio São Francisco. Sobre o tema, confira os Cadernos IHU em Formação, publicação do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, número 28 intitulado: *A transposição do Rio São Francisco em debate*. Confira, ainda, as entrevistas Transposição do Rio São Francisco: uma jogada eleitoral, disponível em <http://bit.ly/aH55z8>, “Visita de Lula foi mais uma de suas grandes mentiras”, disponível em <http://bit.ly/f63WMs>, Santuário dos mártires, disponível em <http://bit.ly/dHABQM>, “Comparo o projeto da transposição a um computador cheio de vírus”, disponível em <http://bit.ly/fPJ4Mq>. (Nota da IHU On-Line)

ve de fome, que é um instrumento de luta da não violência, não sabe como vai terminar. O objetivo não é “ganhar” a luta. O objetivo é fazer avançar uma causa. Com a visibilidade de sua figura quase invisível, Frei Cappio fez avançar a causa dos ribeirinhos, dos povos indígenas e dos quilombolas do rio São Francisco. Ao partilhar simbolicamente a austeridade de sua vida e lutar por água para os sedentos, Luís Cappio se tornou ícone de esperança e sinal de justiça maior. Através do silêncio, da oração e do jejum na Igreja de São Francisco, em Sobradinho-BA, ele nos motivou novamente a acreditar na presença de um Deus que se despojou para caber ao lado dos pequenos. Vivemos de pobres sinais que reforçam nossas lutas: das romarias da Terra, do Grito dos Excluídos, do jejum e da oração, da mística nos assentamentos do MST, das celebrações dos nossos mártires, da Eucaristia. A luta continua porque os demônios continuam soltos. Por hora, a Cobra Grande, que se escondeu nos rios São Francisco, Araguaia, Xingu/ Amazonas, encontrou em Luís Cappio, Pedro Casaldáliga e Erwin Kräutler⁴ guerreiros valentes, que nos convocam à construção de um mundo no qual não haverá mais necessidade de gestos heróicos, porque nesse mundo o desespero coincide com a esperança. A esperança, sinal profético de contradição e contestação sistêmica, nos foi dada por causa dos desesperados.

IHU On-Line – Olhando para o contexto latino-americano, em que medida a Teologia da Libertação continua atual, como uma teologia comprometida com os excluídos ou “sobrantes” da dinâmica do descartável, característica presente na sociedade de consumo capitalista? Quais as perspectivas que se apresentam?

Paulo Suess – A Teologia da Libertação se encontra num processo

4 D. Erwin Kräutler: bispo de Altamirapa e presidente do Conselho Indigenista Missionário - CIMI. Confira duas das entrevistas concedidas pelo religioso à IHU On-Line: *Não é hora de jogar a toalha e pendurar as chuteiras na luta contra Belo Monte*, Notícias do Dia 03-08-2011, disponível em <http://bit.ly/NikEVs>; *Belo Monte. “Lula será lembrado como o presidente que acabou com os povos indígenas do Xingu”*, Notícias do Dia 01-2-2011, disponível em <http://bit.ly/RVAYNF>. (Nota da IHU On-Line)

histórico permanente que a permitiu escapar de uma escolástica de libertação e de cristalizações teológicas fundacionais. Em grandes passos, o magistério latino-americano e a Teologia da Libertação andaram de braços dados, desde Medellín (1968), que enfatizou “libertação” e “opção pelos pobres”, passando por Puebla (1979), com as palavras-chave de “comunhão e participação”, e definindo a “assunção” da alteridade como pressuposto da redenção universal (Puebla, 400). Em Santo Domingo (1992), a inculturação ganhou certo destaque, e Aparecida (2007) resume a caminhada latino-americana assumindo com a natureza missionária dos batizados a responsabilidade de uma Igreja samaritana como advogada dos pobres. Através dessa historicidade assumida, a Teologia da Libertação continua atual em seu caráter antissistêmico e profético. Excluídos e sobrantes são produtos sistêmicos. Os povos indígenas são sistemicamente insustentáveis, porque rejeitam pressupostos básicos do capitalismo: competição, acumulação, monoculturalismo, elitismo e sobrevivência individual. Por conseguinte, a Teologia da Libertação é uma aliada natural de todos os movimentos de base que lutam pela redistribuição dos bens e pelo reconhecimento da alteridade. A perspectiva que a integração dos pobres e dos outros nas respectivas sociedades nacionais atreladas ao capitalismo oferece é a divisão numa sociedade de classes e a unificação obrigatória na monocultura do mercado globalizado. Ao acolher teológica e pastoralmente as lutas dos pobres e dos outros, a Teologia da Libertação coloca as reflexões pastorais novamente da cabeça aos pés e o chão concreto dos conflitos sociais.

IHU On-Line – Diante da realidade social vigente, o que significa ser “Igreja missionária”? O que significa “evangelizar”?

Paulo Suess – Para o teólogo, o significado da missão se esclarece na relação entre Deus e a humanidade. Essa relação, no interior de uma história de salvação, é uma história de aproximação, comunicação, convocação e solidariedade, mas que é sempre ameaçada pela ruptura do pecado: pelo distanciamento e pelo fechamen-

to, pela dispersão e pelo egoísmo. Os autores bíblicos descrevem Deus como um Deus das Alianças em favor da vida. A história de salvação é uma história de libertação. Nos grandes mistérios dessa história, lembramos e celebramos um longo processo histórico, em que Deus realiza sua missão libertadora na aproximação ao seu povo, na costura das rupturas, na libertação da humanidade. Já as imagens da criação mostram essa libertação: a criação do mundo do caos, o discernimento entre trevas e luz, e a libertação do barro pelo espírito. A libertação é sempre um processo de criação, de discernimento e de assunção de um destino novo. No Verbo encarnado, o Deus criador se contextualiza como Emanuel, como “Deus Conosco”, prometido ao longo da história (Is 7,14; Mt 1,23; 28,20). O caminho que reconduz a humanidade ao Pai, desviando-a da dispersão, confusão e escuridão, passa pela encarnação do Filho. Nele se cumpriu o que foi dito pelo profeta Isaías: “O povo que jazia nas trevas viu uma grande luz” (Mt 4,16). Ele é o mediador de uma Nova Aliança (cf. Hb 9,15; 12,24) e de um caminho para uma nova humanidade (cf. Jo 14,6). A aproximação de Jesus-Emanuel (Deus salva/Deus conosco) culmina na doação redentora da vida “a fim de que aqueles que vivem não vivam mais para si, mas para aquele que morreu e ressuscitou por eles” (2Cor 5,15).

Ossos ressequidos

O seguimento de Jesus é, sobretudo, seguimento do Crucificado e Ressuscitado nos pobres, nos excluídos e em todos os sofredores. Eis a “natureza missionária” da Igreja. “Ela mesma se edifica como Igreja de Deus quando coloca no centro de suas preocupações não a si mesma, mas o Reino que ela anuncia como libertação de todos [...]” (DGAE/1995, n. 64). Ela tem a tarefa de “convocar e enviar servos e testemunhas do Reino”. Sob a senha do Reino, propõe um mundo sem periferia e sem centro. A Igreja é servidora do Reino. A missão é expressão da transitoriedade da Igreja, de sua caminhada histórica e peregrinação escatológica, com santos e pecadores. Suas realizações históricas são relativas em face do Reino. Necessitam, para não se tornarem “ossos ressequidos”, permanentemente da purificação, inspiração e animação do Espírito.

Para a América Latina cristianizada, Igreja missionária significa memória de um passado colonial ainda próximo e projeto de libertação em curso. A missão é de uma comunidade eclesial em defesa da vida. Diante da realidade social vigente, memória e projeto são constitutivos para a caminhada missionária. A memória rompe com a repetição obsessiva e a amnésia traumática. O projeto é a visão de outra sociedade que se inspira no sonho de sociedades alternativas nas quais prevalece a construção da pessoa sobre a produção de bens, o ócio sobre o negócio, a participação sobre a competição, a partilha sobre a acumulação, a liberdade sobre o controle. Nas sociedades indígenas existem vestígios desse sonho postos em realidade que mudam o conceito de pecado e de pobre. Pobre, para os Guarani, é aquele que não tem nada para dar. Pecador é aquele que não partilha o que tem. O enriquecimento através de especulações financeiras, que corrompem as pessoas, não faz sentido nessas sociedades.

A esperança contida na ressurreição de Jesus Cristo

A mensagem fundamental da missão é a esperança contida na ressurreição de Jesus Cristo como vitória da vida e da justiça. A esperança não deve ser imaginada como progresso quantitativo, numa sociedade em classes. No horizonte da esperança está uma sociedade que supera a divisão de classes sociais. Essa esperança não é nossa obra, mas nosso dom. Nós não construímos a esperança; nós a recebemos como dom, como energia que vai além de cálculos e benfeitorias humanas. O dom não dispensa o próprio esforço. Vivemos essa esperança na partilha dos bens e dos dons, nas causas do Reino que defendemos e na articulação dos poucos que somos. A missão é o permanente anúncio da vida como possibilidade num mundo de conflitos, de miséria, violência e mortes que não fazem sentido. Como afirmar na grande loja *mundi* de 24 horas, onde tudo tem o seu preço, que a Missão e o Evangelho são algo essencialmente diferente do marketing? Qual é a força do Evangelho junto àquela parcela da humanidade que vive desconectada do progresso e do

bem-estar? Como cumprir essa missão de anunciar a vida e a esperança nesse mundo concreto, onde a miséria não é um acidente, mas um produto de sua organização social e de sua civilização? A partir da compreensão da missão como memória histórica, projeto de vida e seguimento de Jesus, e a partir do lugar dos pobres e dos outros na América Latina, o Evangelho da esperança pode mudar a visão dos peregrinos. A partilha da experiência entre peregrinos, que chegam dos vales de resistência da vida contra a morte, aponta para novas possibilidades. A partilha desarmada e atenta desmonta a leitura ideológica, heroica ou até depressiva da caminhada. Enfim, quem viu a morte face a face sabe que a vida pode vencer. Todos somos eternos peregrinos “mutantes”, herdeiros de Heráclito, de Jesus-Caminho e de nômades indígenas. Em sua contextualidade universal, a prática pastoral da Igreja missionária pode ser pensada como alternativa à colonização cultural e à exclusão social. A alternativa se baseia primeiramente no princípio fundamental do Evangelho: a prática do amor maior e o anúncio do Reino como “libertação do cativo da corrupção” (cf. LG 9); em segundo lugar, na compreensão da unidade global como articulação de múltiplos projetos de vida com horizontes diferentes, porém não eliminatórios, uns em face de outros; em terceiro lugar, na articulação da vida local e do projeto específico com a responsabilidade universal pelo conjunto da humanidade e do planeta Terra. Esse projeto da missão participativa, alternativa, libertadora e inserida no mundo nos aproxima do projeto do “bem viver” de Abya Yala. Abya Yala pode mudar nossa visão. Mudando a visão, transforma-se a realidade.

IHU On-Line – O senhor gostaria de comentar mais algum aspecto que não lhe foi perguntado?

Paulo Suess – A indignação é o ponto de partida da missão de esperança. Partilhamos essa indignação com o Povo de Seattle (1999), com os peregrinos do Fórum Social Mundial (2001), de Porto Alegre, com o Povo da Primavera Árabe, com Os Indignados, de Madri (2011; 15-M), com os que gritam Ocupa Wall Street (2011),

nos Estados Unidos, com o Grito dos Excluídos e Excluídas e com o movimento Ficha Limpa, no Brasil. A novidade desses movimentos está na crítica radical da representação política. É um grito de jovens, em sua maioria, que não se deixaram anestesiarem pelo consumismo e que querem participar no reordenamento de um novo projeto civilizatório. Os indignados são um dos sinais do tempo; hoje, sinal de justiça, imagem de esperança e sonhos de um mundo novo. Vieram para nos incomodar.

Leia mais...

>> Paulo Suess já concedeu outras entrevistas à **IHU On-Line**. Confira:

- *Missas e ministros midiáticos, alinhados a padrões de marketing, podem destruir o sagrado*. Edição 398 da revista **IHU On-Line**, de 13-08-2012, disponível em <http://bit.ly/Nu4lyZ>
- *Desafio do “Bem Viver”. Horizonte político e imperativo profético*. **Notícias do Dia** 04-11-2011, disponível em <http://bit.ly/OaFv07>;
- *Medellín, Puebla, Aparecida e Santo Domingo: a luta pelos pobres e pela libertação*. Edição 267 da revista **IHU On-Line**, de 04-08-2008, disponível em <http://bit.ly/P9onYC>;
- *Deus ocupa o espaço que nós lhe damos, Ele entra onde nós abrimos as portas*. Entrevista especial com Paulo Suess. **Notícias do Dia** 22-08-2008, disponível em <http://bit.ly/MGxCzA>;
- *Os pobres são contemporâneos de Aparecida*. Edição 217 da revista **IHU On-Line**, de 17-04-2007, disponível em <http://bit.ly/NjLvCb>.

>> Ele também é autor dos **Cadernos Teologia Pública** n. 18, de 2005, intitulado “Do ter missões ao ser missionário. Contexto e texto do decreto *Ad Gentes* revisitado 40 anos depois do Vaticano II”, disponível em <http://bit.ly/Nbw2Bj>

O crescimento de correntes teológicas e eclesiológicas

A atualidade da Teologia da Libertação está na “presença contínua de uma sociedade e de um sistema que fomentam injustiça, dominação e exploração”, observa Sérgio Coutinho

POR GRAZIELA WOLFART, LUIS CARLOS DALLA ROSA E MÁRCIA JUNGES

A pesar de ser a religião majoritária no continente, ao menos em termos numéricos, o catolicismo segue perdendo sua hegemonia política e credibilidade moral. A análise é do historiador Sérgio Coutinho, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**. “Já não somos mais um continente católico e a tendência é de contínua queda”, acrescenta. Ele aponta, ainda, “a crescente diversidade de correntes teológicas, especialmente eclesiológicas, no interior da Igreja, e que nem sempre contribuem para sua unidade”. Em sua opinião existe “um perigo crescente de cisma na Igreja, com grupos e correntes antagônicas entre si com predominância para o ‘fundamentalismo’”. Essa realidade pode ser percebida “entre o episcopado e clero, sem contar os leigos”.

Mestre em História Social pela Universidade de Brasília – UnB e doutorando na mesma área pela Universidade Federal de Goiás – UFG, Sérgio Coutinho é professor na UnB e no Instituto São Boaventura, de Brasília e presidente do Centro de Estudos em História da Igreja na América Latina (Cehila-Brasil).

Em 08-10-2012 estará na Unisinos, ministrando a oficina intitulada *Painel de Cehila – Metodologia na elaboração da História da Igreja na América Latina*, às 14h30min, dentro da programação do Congresso Continental de Teologia. Acesse a programação completa em <http://bit.ly/NMol2N>.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – De modo geral, qual a sua leitura da realidade da Igreja latino-americana, hoje?

Sérgio Coutinho – Os participantes do IX Encontro Latino-Americano e Caribenho de CEBs, ocorrido em São Pedro Sula, Honduras, em junho deste ano, fizeram uma boa análise de conjuntura eclesial de nosso continente e que coincide com minha leitura. Há uma crescente diversidade de correntes teológicas, especialmente eclesiológicas, no interior da Igreja e que nem sempre contribuem para sua unidade. Há, de fato, um perigo crescente de cisma na Igreja, com grupos e correntes antagônicas entre si com predominância para o “fundamen-

talismo”; e isso é percebido entre o episcopado e clero, sem contar os leigos.

Esta tendência fica muito clara na formação do jovem clero latino-americano. Uma formação mais voltada para o estético do que para o ético; para o burocrático do que para o pastoral; para a centralidade da matriz-paroquial do que para a rede de comunidades; para o poder centralizado do sacerdote do que para o “sacerdócio comum dos fiéis”.

O catolicismo segue sendo a religião majoritária no continente, pelo menos numericamente, mas vai perdendo cada vez mais sua hegemonia política e também sua credibilidade moral. Já não somos mais um conti-

nente católico e a tendência é de contínua queda. Esse fato abre um campo fértil para o trabalho missionário conforme o proposto pela Conferência de Aparecida.

IHU On-Line – E em relação à Teologia da Libertação, como o senhor analisa a atualidade dessa perspectiva teológica, tendo em conta a realidade social vigente? Ela precisa de uma renovação? Que perspectivas se abrem?

Sérgio Coutinho – O IHU publicou recentemente um artigo do atual prefeito para a Congregação da Doutrina da Fé, Dom Gerhard Müller¹, e que de

¹ O artigo intitulado “Minhas experiências

certa forma traduz bem a permanente atualidade da Teologia da Libertação (ou TdL). Diz ele que a TdL “trata-se de um programa prático e teórico que pretende compreender o mundo, a história e a sociedade e transformá-los à luz da própria revelação sobrenatural de Deus como salvador e libertador do homem. Como se pode falar de Deus diante do sofrimento humano, dos pobres que não têm sustento para seus filhos, nem direito à assistência médica, nem acesso à educação, excluídos da vida social e cultural, marginalizados e considerados uma carga e uma ameaça para o estilo de vida de uns poucos ricos?”

De fato, e paradoxalmente, a atualidade da Teologia da Libertação está justamente na presença contínua de uma sociedade e de um sistema que fomentam injustiça, dominação, exploração, ou seja, os sinais do anti-Reino continuam firmemente presentes e, de modo especialíssimo, em nosso continente. O que no passado se concentrava numa noção de “pobre” em um nível mais econômico (os trabalhadores do campo e da cidade), no atual contexto houve uma ampliação dos “excluídos da vida social e cultural”: as mulheres, os indígenas, os afrodescendentes, as crianças e jovens, os migrantes, os homossexuais, os idosos... e até mesmo o meio ambiente.

Muito se escreveu e muito se teorizou sobre a Teologia da Libertação, mas não se pode esquecer que ela é, antes de tudo, uma teologia da práxis, e o seu ponto de partida, e que me parece ainda escapar de muitos de nós que se dizem adeptos da Teologia da Libertação e que usamos o “anel de tucum” no dedo, é aquela opção fundamental: a opção política, ética e evangélica pelos pobres. Se não conseguimos ver neles o rosto de Jesus, o *locus* onde Deus se revela para nós hoje, nos convocando para o trabalho da construção do Reino, perde-se totalmente o sentido, não só da Teologia

“O renomado filósofo alemão Jürgen Habermas conseguiu detectar (...) a patologia do mundo moderno: a colonização do sistema sobre o mundo da vida, ou seja, a imposição da racionalidade instrumental-teleológica presente nas ‘ações sociais orientadas a fins’ dos sistemas de poder e de dinheiro prevalecendo as relações de tipo sujeito/objeto”

da Libertação, mas da essência do ser discípulo de Jesus de Nazaré.

IHU On-Line – Como o senhor analisa o papel e a importância das Comunidades Eclesiais de Base – CEBs para a caminhada da Igreja, sobretudo pensando a perspectiva da libertação?

Sérgio Coutinho – Apesar da implantação de uma grande estrutura eclesial (dioceses, paróquias, ordens religiosas, Inquisição...) em toda América hispânica, após o Concílio de Trento, em 1565 (talvez em menor intensidade na América portuguesa), o que prevaleceu foi, sem dúvida nenhuma, uma intensa prática popular do catolicismo; um catolicismo em

que o leigo e a leiga foram sujeitos na organização das “estruturas” necessárias para suas devoções: irmandades, capelas, benzedoiras e benzedeiros, romarias etc.

Poderíamos dizer que estaríamos nestas práticas do catolicismo popular as origens remotas das CEBs. Podemos afirmar com toda certeza que, mesmo antes da eclesiologia do Concílio Vaticano II, nosso povo, por meio de suas práticas religiosas, já se sentia membro do Povo de Deus porque ser batizado era a condição mínima necessária para participar da vida da Igreja.

Além desta origem mais remota, as CEBs também são o resultado de outras importantes experiências eclesiais. Não se pode negar todo o trabalho desenvolvido em nosso continente pela Ação Católica Especializada – ACE, de modo especial da Juventude Operária Católica – JOC, da Juventude Universitária Católica – JUC e da Juventude Estudantil Católica – JEC. Com seu método pastoral (ver, julgar e agir) e a forte participação dos jovens leigos, a ACE trouxe os elementos fundamentais para a futura sistematização da Teologia da Libertação (as mediações socioanalítica, hermenêutica e da práxis).

CEBs como síntese

Por outro lado, na tentativa de renovar as paróquias a partir da eclesiologia do Corpo Místico de Cristo (Mystici Corporis de Pio XII), o Movimento por um Mundo Melhor – MMM, em muitas dioceses, favoreceu ao desenvolvimento de um “outro jeito de ser Igreja” do que até então se conhecia e se vivia: um jeito onde os leigos eram sujeitos na vida social, política e eclesial; a grande maioria deles (se não todos) era pobre e vivia nas periferias das grandes cidades e nos povoados rurais mais isolados deste continente; muitos celebravam sua fé segundo suas tradições e culturas e se experimentava concretamente aquilo que era a vivência comum das primeiras comunidades cristãs: a partilha e o acolhimento dos mais pobres.

Estas são as CEBs! Que com sua vida concreta nos meios dos pobres,

sobre a Teologia da Libertação” pode ser lido em <http://bit.ly/Qs6r8E> (Nota da IHU On-Line)

anuncia que o Reino de Deus está próximo! Por isso foram (e ainda são) elas as que deram as condições para o desenvolvimento da Teologia da Libertação. Por isso as CEBs são a melhor síntese entre o Vaticano II e a teologia latino-americana da libertação.

IHU On-Line – O senhor concorda que nos últimos anos houve um encolhimento das CEBs? Por quê? Quais as dificuldades?

Sérgio Coutinho – De fato, você tem razão. Mas existem explicações para isso. Uma de ordem mais política e outra de ordem cultural. Do ponto de vista político, justamente em meados dos anos 1980, dois momentos coincidiram e atingiram em cheio a vida das CEBs. De um lado, o Brasil retomou sua caminhada de abertura democrática, de outro, a Igreja, sob João Paulo II, optou pelo caminho de fechamento de “volta à grande disciplina”.

Em um Brasil democrático, um sem número de organizações da sociedade civil brotou: os sindicatos, os partidos políticos, as associações de moradores, os movimentos sociais, as organizações não governamentais, enfim, outras formas de atuação política e de agremiação que acabaram por tirar um certo “monopólio” que estava com as CEBs. Com isso elas foram perdendo visibilidade e passaram a ser uma dentre as muitas formas de atuação política na sociedade civil.

Paralelamente, os representantes do aparato burocrático central da Igreja (leia-se Cúria Romana) iniciaram um forte processo de contenção da chamada “Igreja popular” no Brasil. O projeto foi a restauração de um episcopado e clero obedientes, movimentos eclesiais e novas formas de vida religiosa com seus carismas controlados e, conseqüentemente, um laicato e juventude bem comportados e minimamente críticos. Dessa forma, o modelo eclesiológico das CEBs foi esvaziado, ou mesmo abandonado.

Uma jornada que continua

A explicação sociocultural é que o Brasil também vem se transformando e sofrendo os efeitos da modernidade, notadamente a individualização e a globalização, desde os anos de 1990;

isso tem impactado diretamente a vida das comunidades. Nos últimos anos este processo se acelerou ainda mais com as políticas de distribuição de renda e de inclusão dos pobres por meio do consumo. Apesar de milhões de brasileiros terem saído da linha de pobreza, esta política tem mudado radicalmente a visão de mundo dos indivíduos, afrouxando muito os laços sociais.

Apesar da pouca visibilidade e das transformações trazidos pelo mercado, as CEBs continuam sua jornada e, como bem disse certa vez Rubem Cesar Fernandes², “quem se dispõe a algum trabalho social nos bairros e vilarejos pobres do continente sabe a diferença que faz encontrar ali uma comunidade eclesial formada no espírito da Teologia da Libertação”.³

IHU On-Line – Olhando para o futuro, quais as alternativas que podem ser vislumbradas para as CEBs, tanto na perspectiva eclesial como social?

Sérgio Coutinho – O renomado filósofo alemão Jürgen Habermas⁴ conseguiu detectar, em suas análises, a patologia do mundo moderno: a colonização do sistema sobre o mundo da vida, ou seja, a imposição da racionalidade instrumental-teleológica presente nas “ações sociais orientadas a fins” dos sistemas de poder e de

dinheiro prevalecendo as relações de tipo sujeito/objeto.

Penso que as CEBs, atuando lá no mundo da vida, no mundo das interações interpessoais, entre sujeitos que agem orientados ao entendimento, comunicativamente, debatendo e construindo consensos, são experiências que vão na contramão do sistema e podem ser um “antídoto” para a patologia da modernidade, mesmo sabendo que elas também correm o risco de serem atingidas pela patologia.

Digo isso também numa a perspectiva eclesial. A racionalidade instrumental-teleológica também está fortemente presente no “sistema eclesiástico” que quer colonizar ao máximo o mundo da vida de nossas comunidades (clericalismos, sacramentalismos, burocracias, catecismos...), e as CEBs continuam sendo um “antídoto” e uma alternativa.

Deste modo, as CEBs são ainda espaço de emancipação e de libertação para o nosso povo simples, de baixa escolaridade, vivendo em condições distantes das políticas públicas. Apesar disso, conseguem construir ambientes de celebração da vida, de discussão e reflexão da Bíblia, de conflitos e de resolução de conflitos, de solidariedade e partilha.

Leia mais...

>>Sérgio Coutinho já concedeu outras entrevistas à **IHU On-Line**:

- *Igreja: de regente a terceiro violino.*

Entrevista especial com Sérgio Coutinho. Notícias do Dia 21-04-2012, disponível em <http://bit.ly/IvAMA4>

- *Para além de ruptura e continuidade. O Concílio Vaticano II e os diferentes projetos Históricos*. Revista

IHU On-Line, edição 395, de 04-06-2012, disponível em <http://bit.ly/LznBPo>

2 Rubem César Fernandes (1943): antropólogo e escritor brasileiro. Atualmente é secretário-executivo das ONG's Iser e Viva Rio. (Nota da **IHU On-Line**)

3 FERNANDES, Rubem C. *Privado porém público: o terceiro setor na América Latina*, RJ, Relume-Dumará, 1994, p. 42.

4 Jürgen Habermas (1929): filósofo alemão, principal estudioso da segunda geração da Escola de Frankfurt. Herdando as discussões da Escola de Frankfurt, Habermas aponta a ação comunicativa como superação da razão iluminista transformada num novo mito que encobre a dominação burguesa (razão instrumental). Para ele, o logos deve construir-se pela troca de ideias, opiniões e informações entre os sujeitos históricos estabelecendo o diálogo. Seus estudos voltam-se para o conhecimento e a ética. Confira no site do IHU, www.ihu.unisinos.br, nas Notícias do dia, o debate entre Habermas e Joseph Ratzinger, o Papa Bento XVI. Habermas, filósofo ateu, invoca uma nova aliança entre fé e razão, mas de maneira diversa como Bento XVI propôs na conferência que realizou em 12-09-2006 na Universidade de Regensburg. (Nota da **IHU On-Line**)

Igreja, contemporaneidade e um poder centralizado na Santa Sé

“Hoje a tendência dominante vai no sentido do enrijecimento do catolicismo romano. É como se a alta hierarquia dissesse, a quem dela se desafeiçoa, que a Igreja Católica é assim e não se pode mudar mais nada”, percebe o sociólogo Pedro Ribeiro de Oliveira

POR GRAZIELA WOLFART

“**A**s Igrejas, cujos centros de elaboração teológica estão nos países ricos, têm enorme dificuldade de entender esse fenômeno que vem da periferia do mundo. Não conseguem perceber que aqui vivemos uma experiência histórica original e que tentamos elaborar um pensamento também original. Mas mesmo aqui tudo que existe não são mais do que ensaios de elaboração teológica, filosófica e sociológica. Por isso a comemoração dos 50 anos do Concílio Ecumênico de 1962-1965 pode vir a ser um novo incentivo a abrir nossos olhos, nosso pensamento e nossos corações a esse ‘sinal dos tempos’ de *Nossa América*”. A opinião é do sociólogo da religião Pedro Ribeiro de Oliveira, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Ao referir-se ao Concílio Vaticano II, o professor da PUC-Minas considera interessante que a volta à “grande tradição cristã – verdadeiramente ecumênica – derubou a pequena tradição católica elaborada em oposição à modernidade, abrindo assim a possibilidade de grandes avanços no catolicismo romano”. E destaca que, para abrir o diálogo com a contemporaneidade, é preciso

que a estrutura curial da Igreja Católica romana seja substituída por uma estrutura colegial e participativa. “Um dia isso vai acontecer, com certeza. E aí, sim, poderemos saborear os frutos plantados pelo Concílio Ecumênico de 1962-1965”, conclui.

Pedro A. Ribeiro de Oliveira é doutor em Sociologia pela Université Catholique de Louvain, na Bélgica. É professor no mestrado em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas – PUC-Minas, consultor de ISER-Assessoria, membro da diretoria da SOTER e da coordenação nacional do Movimento Fé e Política. Dentre suas obras, destacamos *Fé e política: fundamentos* (Aparecida: Ideias & Letras, 2004), *Reforçando a rede de uma Igreja missionária* (São Paulo: Paulinas, 1997) e *Religião e dominação de classe* (Petrópolis: Vozes, 1985).

Ele estará na Unisinos participando do Congresso Continental de Teologia, ministrando a conferência “A situação sociocultural, econômica e política do Continente no contexto mundial”. Saiba mais em <http://bit.ly/q7kwpT>.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como o senhor descreve a situação sociocultural, econômica e política do continente latino-americano no contexto mundial atual? Como a teologia e a Igreja se inserem nesse contexto?

Pedro Ribeiro de Oliveira – A América Latina e Caribe, a *Nossa América* – como gosta de falar D. Pedro Casaldàliga inspirado em José

Martí¹ – faz hoje a experiência de se

¹ José Julián Martí (1853-1895): mártir da independência cubana em relação à Espanha. Além de poeta e pensador fecundo, desde sua mocidade demonstrou sua inquietude cívica e sua simpatia pelas ideias revolucionárias que gestavam entre os cubanos. Em 19 de maio de 1895, no comando de um pequeno contingente de patriotas cubanos, após um encontro inesperado com tropas espanholas nas proximidades do vilarejo de *Dos Rios*, José

desgarrar da Europa e dos Estados Unidos para construir sua própria história. Até o final do século XX nossos países tentaram desenvolver-se adaptando às suas peculiaridades

Martí é atingido e morre em seguida. Seu corpo, mutilado pelos soldados espanhóis, é exibido à população e posteriormente sepultado na cidade de Santiago de Cuba, em 27 de maio do mesmo ano. (Nota da **IHU On-Line**)

modelos vindos de fora. Nem mesmo a mais criativa das nossas revoluções, a sandinista, na Nicarágua, escapou do paradigma socialista elaborado na Europa do século XIX. Só agora, no limiar do século XXI, nossos povos se abrem à construção de um modo de produção e consumo com raízes em sua própria cultura. Seu marco inaugural foi, a meu ver, o levante Zapatista em Chiapas, em 1994, porque ele abandona o antigo paradigma da modernidade ocidental e abre caminhos para um projeto de sociedade oriundo da periferia do sistema. Sua aptidão de incorporar conquistas da modernidade inscrevendo-as noutro paradigma configura uma conjuntura realmente nova e original, que estamos apenas começando a entender. As Igrejas, cujos centros de elaboração teológica estão nos países ricos, têm enorme dificuldade de entender esse fenômeno que vem da periferia do mundo. Não conseguem perceber que aqui vivemos uma experiência histórica original e que tentamos elaborar um pensamento também original. Mas mesmo aqui tudo que existe não são mais do que ensaios de elaboração teológica, filosófica e sociológica. Por isso a comemoração dos 50 anos do Concílio Ecumênico de 1962-1965 pode vir a ser um novo incentivo a abrir nossos olhos, nosso pensamento e nossos corações a esse “sinal dos tempos” de *Nossa América*.

IHU On-Line – Qual a importância de celebrar os 50 anos do Concílio Ecumênico Vaticano II, no sentido de resgatar a sua memória, principalmente levando em conta o período em que foi realizado (1962 a 1965)? Que inspiração ele ainda pode oferecer à Igreja em nossos dias?

Pedro Ribeiro de Oliveira – O Concílio realizou-se em pleno período dos “anos dourados”, como foi chamado o tempo entre o término da segunda guerra mundial e a crise do petróleo de 1973. Período marcado por enorme desenvolvimento das forças produtivas e profundas transformações sociais, culturais e políticas em todo o mundo.

“Só agora, no limiar do século XXI, nossos povos se abrem à construção de um modo de produção e consumo com raízes em sua própria cultura”

O ano de 1968 ficou conhecido como o ano das revoluções culturais devido à contestação de antigos valores e à proposta de uma liberdade sem restrições por parte das autoridades constituídas: ficou “proibido proibir”.

É nesse contexto que se inscreve a grande reunião do episcopado católico, a pedido dos Papas João XXIII e Paulo VI, para “colocar em dia” a Igreja Católica nesse mundo que iniciava seu processo de globalização. O clima da época e a quebra da resistência oferecida pela Cúria Romana – até então considerada indispensável ao papado para guardar intacto o tesouro da fé católica – possibilitou a revisão de antigas verdades que, por terem sido engessadas no catecismo romano, eram tratadas como dogmas, e assim abrir o caminho para a “volta às fontes” da tradição cristã. O interessante é que essa volta à grande tradição cristã – verdadeiramente ecumênica – derrubou a pequena tradição católica elaborada em oposição à modernidade, abrindo assim a possibilidade de grandes avanços no catolicismo romano.

IHU On-Line – Quais foram os principais avanços no campo teológico, bíblico, litúrgico e sociopolítico trazidos pelo Vaticano II e que se mantém acesos até hoje?

Pedro Ribeiro de Oliveira – Considero que as principais mudanças

se deram na teologia (concepção da Igreja como Povo de Deus presente na história humana), no resgate da Bíblia como norma maior da Igreja, na renovação da Liturgia (ao enfatizar a missa mais como Eucaristia do que como sacrifício) e na postura de diálogo com o mundo, abandonando sua arrogante concepção de “sociedade perfeita”. Mas esta é a visão de um sociólogo da religião; talvez um teólogo tenha uma visão mais acurada dos avanços.

IHU On-Line – Como as Igrejas da América Latina e do Caribe receberam os frutos do Concílio ecumênico? De que maneira esse processo reflete a teologia latino-americana que temos hoje? Como é o “novo modo de ser Igreja”?

Pedro Ribeiro de Oliveira – Classifico os frutos do Concílio Ecumênico em duas grandes categorias. A primeira é formada pelos documentos oficiais, que passam a ser a grande referência pastoral para a Igreja Católica romana. A segunda é a exemplaridade de gestos significativos como o abandono dos sinais de poder e riqueza, a prática da colegialidade episcopal, a valorização de organismos de participação e comunhão, e o “pacto das catacumbas” em favor da “Igreja dos pobres” desejada por João XXIII. Esses frutos – como qualquer fruto – têm sementes em seu interior. A Igreja de *Nossa América* não só saboreou os frutos do Concílio ecumênico como também lançou suas sementes ao solo para serem aqui cultivadas. Foi o que fez a assembleia episcopal de Medellín, em 1968. Eram tempos difíceis, marcados por ditaduras militares, violações de direitos humanos, resistência armada e, principalmente, o esmagamento dos direitos dos pobres. Nesse solo nasce um *novo modo de ser Igreja* – expressão usada pela CNBB em 1982 para designar as Comunidades Eclesiais de Base e que engloba, mais amplamente, as pastorais sociais e os organismos de comunhão a participação – bem como a teologia que lhe serve de fundamento e que se torna conhecida por sua proposta de libertação.

IHU On-Line – Podemos traçar algum paralelo entre a conjuntura eclesial de 50 anos atrás com a atual?

Pedro Ribeiro de Oliveira – Há um paralelo, sim. Nos anos 1950-1960 disseminou-se na Igreja Católica o uso de pesquisas quantitativas no campo da chamada sociologia religiosa. Por meio de questionários e amostragens podia-se medir a distribuição de pessoas na missa dominical conforme idade, sexo, nível de escolaridade e residência rural ou urbana. Daí nasceu o conceito de desafeição religiosa para indicar o distanciamento afetivo e comportamental de certas categorias de fiéis. A hipótese era de que a Igreja se esvaziaria caso não fosse profundamente reformada sua estrutura paroquial. A convocação do Concílio está dentro daquele contexto, embora isso não fosse seu único ou principal motivo. Hoje aquele conceito caiu em desuso, mas a meu ver continua útil para descrever – pois não é um conceito explicativo – o afastamento de muitos católicos em relação aos rituais, crenças e normas da sua Igreja. Mas, ao contrário do que se deu há 50 anos, quando o episcopado mundial, em comunhão com o Papa, lançou as bases para uma profunda reforma da Igreja, hoje a tendência dominante vai no sentido contrário, de enrijecimento do catolicismo romano. É como se a alta hierarquia dissesse, a quem dela se desafeioa, que a Igreja Católica é assim e não se pode mudar mais nada.

IHU On-Line – Se foi o abalo institucional provocado pelo caráter

“A Igreja de Nossa América não só saboreou os frutos do Concílio ecumênico como também lançou suas sementes ao solo para serem aqui cultivadas”

ecumênico do concílio que permitiu seu diálogo com a modernidade, o que é necessário para que a Igreja hoje se abra mais ao diálogo com a contemporaneidade?

Pedro Ribeiro de Oliveira – A partir de uma análise institucional, vejo o cerne da questão na centralização do poder na Santa Sé Romana. Foi a sintonia fina entre o episcopado mundial e os papas João XXIII e seu sucessor Paulo VI que rompeu os muros do Vaticano, possibilitando sua abertura ao mundo moderno. Aqueles dois papas exerceram o primado acatando e sancionando as decisões dos “padres conciliares”, que então se tornaram decisões da Igreja Católica. Já seus dois últimos sucessores – pois João Paulo I não teve tempo bastante para governar – voltaram a centralizar as decisões em Roma, apoiados no Di-

reito Canônico. Nesse contexto, seus interlocutores diretos não são bispos diocesanos com experiência cotidiana do mundo secular, mas dirigentes da Cúria Romana sem atividade pastoral inserida nas realidades vividas pelos leigos e leigas. Como esperar deles atitude de abertura e diálogo com a contemporaneidade? Em síntese: para abrir o diálogo com a contemporaneidade, é preciso que a estrutura curial da Igreja Católica romana seja substituída por uma estrutura colegiada e participativa. Um dia isso vai acontecer, com certeza. E aí, sim, poderemos saborear os frutos plantados pelo Concílio Ecumênico de 1962-1965.

Leia mais...

>> Pedro Ribeiro de Oliveira já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line. Confira:

- *Estão empurrando para a Amazônia os problemas do resto do Brasil.* Entrevista publicada no sítio do IHU em 26-07-2009 e disponível em <http://bit.ly/wAeDKN>
- *Um governo refém de autoridades religiosas.* Entrevista publicada na edição número 386 da **IHU On-Line**, de 19-03-2012, disponível em <http://bit.ly/GBsiFv>
- *A desafeição religiosa de jovens e adolescentes.* Entrevista publicada no sítio do IHU em 05-07-2012, disponível em <http://bit.ly/NaDG0k>

**LEIA OS CADERNOS TEOLOGIA PÚBLICA
NO SITE DO IHU
WWW.IHU.UNISINOS.BR**

O Bem Viver e uma teologia indígena

“Certamente, a contribuição indígena, tomada da sabedoria ancestral e milenar de nossos povos, pode ajudar na solução da crise de credibilidade das instituições religiosas”, opina Eleazar López Hernández

POR GRAZIELA WOLFART | TRADUÇÃO DE ANETE AMORIM PEZZINI

O tema da teologia indígena é o que inspira a entrevista a seguir, concedida por e-mail para a **IHU On-Line** pelo teólogo Eleazar López Hernández, que é descendente de uma família indígena zapoteca. Para ele, desde sempre, “a palavra indígena é apenas mais uma das vozes que expressam mais fortemente a dor de pessoas e povos que sofrem atualmente as consequências negativas da economia neoliberal globalizada; mas também é um grito de esperança, porque nós, indígenas, podemos extrair de nossos mitos e crenças ancestrais luzes que podem iluminar a escuridão que agora se impõem”. Conforme sua visão, “frente à crise atual os povos indígenas trazem os princípios e valores básicos que deram sustentação às suas altas e grandes civilizações na época anterior ao contato europeu, e serviram-lhes para não sucumbir depois do contato predador e aniquilante”. E ele aponta que, na América Latina, o Concílio Vaticano II não se tornou “apenas um texto bonito para ser citado em novos documentos, pois temos oferecido um canal às melhores abordagens conciliares a respeito do modo de ser e viver a fé cristã dentro dos contextos sociais, culturais e religiosos próprio de nossos povos. O impulso dado pelo Concílio gerou aqui processos altamente inspiradores de compromisso da Igreja ao lado

dos pobres que buscam criar condições mais humanas de vida como expressão histórica dos valores do Reino de Deus. Essa troca não ocorreu sem muito sofrimento e sangue para os que foram os profetas de nossos tempos. E tampouco se deu sem incompreensões e ataques de parte de quem, na Igreja, tem outro modo – que não é o do Concílio – de olhar as coisas. O testemunho de tantos mártires nos mantém no caminho”.

Eleazar López Hernández une seus estudos teológicos à prática indígena. Nasceu em Juchitán, Oaxaca, no México, ingressou no seminário em 1961 e formou-se em Filosofia e Teologia. Também participou do primeiro curso de pastoral indigenista em Caracas, da primeira Conferência dos Povos Indígenas, em 1975, em Vancouver, da contribuição indígena para o Encontro de Puebla e de Santo Domingo, como conselheiro. Atualmente, trabalha no Centro de Auxílio às Missões Indígenas, no México, participa da Associação Ecumênica dos Teólogos do Terceiro Mundo e da equipe teológica Ameríndia. Ele estará na Unisinos participando como painelistas do Congresso Continental de Teologia, com o tema “Teologia indígena”. Saiba mais em <http://bit.ly/q7kwpT>.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual a contribuição que a teologia indígena e a proposta do “bem viver” podem oferecer à crise atual em seus aspectos financeiro, político e ambiental, por exemplo? O que os povos indígenas podem ensinar diante da crise das instituições?

Eleazar López Hernández - Desde sempre, a palavra indígena é apenas mais uma das vozes que expressam

mais fortemente a dor de pessoas e povos que sofrem atualmente as consequências negativas da economia neoliberal globalizada; mas também é um grito de esperança, porque nós, indígenas, podemos extrair de nossos mitos e crenças ancestrais luzes que podem iluminar a escuridão que agora se impõem. Nesse sentido, nós “índios” não somente viemos carregando

nossas dores e misérias, mas também somos os portadores de sementes de vida e de esperança.

A proposta andina de *Sumak Kawsay*¹ traduzida como “bem viver” ad-

¹ Confira a edição 340 da revista **IHU On-Line**, de 23-08-2012, intitulada *Sumak Kawsay, Suma Qamana, Teko Pora. O Bem-Viver*, disponível em <http://bit.ly/cZxLYo>. (Nota da **IHU On-Line**)

quire agora uma relevância especial, porque mostra, ante a crise, um caminho de solução que não é uma teoria elaborada a partir de livros, mas uma abordagem tomada da experiência milenar de nossos povos, que os guiou no passado para o desenvolvimento de mecanismos concretos de organização social que alcançaram níveis humanitários e civilizacionais muito elevados; e que hoje perduram em meio a muitas dificuldades e podem inspirar formas adequadas de lidar com o projeto neoliberal.

Não é que a *Sumak Kawsay* ou outras utopias indígenas como a “Terra sem males”, a “Terra florida” ou o Guendanazaaca zapoteca (“estar bem ou em paz”) sejam uma receita fácil de aplicar em contextos tão amplos e pluralistas da sociedade atual. Equivocar-nos-íamos se quiséssemos aplicá-las mecanicamente, pois são somente modelos inspiradores que necessitam ajustar-se às exigências modernas com reformulações dos elementos fundamentais que precisam de nossa responsabilidade e criatividade em especial o financeiro, o político e o ecológico. Frente à crise atual os povos indígenas trazem os princípios e valores básicos que deram sustentação às suas altas e grandes civilizações na época anterior ao contato europeu, e serviram-lhes para não sucumbir depois do contato predador e aniquilante. O “bem viver” é ainda hoje a concretização do ideal da harmonia cósmica, comunitária e pessoal, em que o valor da vida é o maior dom que se há de buscar não somente para as pessoas, mas também para as plantas, para os animais e para a própria Terra; em que o intercâmbio entre pessoas não se mede pelos lucros econômicos gerados (bens materiais e dinheiro), mas pelo crescimento das relações humanas que nos tornam mais irmãos e irmãs. Por isso existiram e existem ainda o sistema de cargas e o serviço comunitário gratuito, assim como a permuta ou intercâmbio personalizado de bens em que se unem e estreitam-se relações de parentesco ou vizinhança. A celebração é a expressão maior do desfrute da vida em comunidade.

IHU On-Line - Quais as diferenças entre a proposta indígena do “bem vi-

“Somos filhas e filhos de Deus e da Mãe Terra, e estamos colocados nela para cuidar da vida”

ver” e a concepção católica do “viver bem”?

Eleazar López Hernández - O uso atual de palavras semelhantes sobre o “bom viver” pode criar confusões lamentáveis. Certamente, como já disse, o *Sumak Kawsay* andino e as outras utopias ou modelos indígenas de sociedade têm características próprias que os distinguem do *bon vivant* francês ou do *viver bem* pregado pela Igreja. O *Bon Vivant* é o resultado lógico do modelo capitalista burguês que leva ao desfrute individualista dos bens, por parte dos poderosos, em detrimento da desapropriação dos demais. E o *viver bem* da Igreja normalmente refere-se a uma vida moralmente boa de que não faz o mal diretamente a ninguém, mas não necessariamente compromete-se a construir condições de vida digna para todas e todos. É o jovem rico que cumpre com todas as exigências da lei, mas não por isso decide dar todos os seus bens aos pobres para seguir Jesus.

IHU On-Line - Em que sentido o aporte indígena pode apontar soluções para a crise de credibilidade institucional religiosa atual?

Eleazar López Hernández - Certamente, a contribuição indígena, tomada da sabedoria ancestral e milenar de nossos povos, pode ajudar na solução da crise de credibilidade das instituições religiosas, porque se baseia em verdades-chave e mais profundas da vida, tais como o senso comunitário, a interdependência entre nós, o valor do serviço, a colaboração com Deus. Não há especulações puramente circunstanciais ou de momento; mas palavras com raiz e fundamento, que provaram sua eficácia no passado, e seguem nutrindo a história dos povos.

Nesse sentido, pode-se falar da reserva de humanidade que existe nos povos indígenas que estão dispostos a doar suas células-tronco ou compartilhar suas sementes de vida para que o resto da humanidade recupere as razões mais sérias que deveriam dar sentido à sua existência: somos filhas e filhos de Deus e da Mãe Terra, e estamos colocados nela para cuidar da vida.

IHU On-Line - Que inspiração a austeridade vinda da experiência dos povos indígenas pode oferecer à sociedade contemporânea?

Eleazar López Hernández - A austeridade de vida de muitos povos indígenas, especialmente dos nômades, oferece à sociedade contemporânea exemplos de como se pode viver bem com o mínimo indispensável. É desnecessário consumir ou acumular em demasia os produtos ou bens da terra, que é a que nos induz o modelo capitalista atual, para fazer-nos trabalhar em seu benefício. Além disso, esse modelo consumista, ao basear-se em uma produção depredadora da natureza e da humanidade, resulta prejudicial à mãe terra e acaba por ser insustentável para a vida como um todo. Somente estilos austeros de vida como os dos povos indígenas são sustentáveis para o futuro.

IHU On-Line - O senhor acredita que a crise que hoje vive a Igreja Católica se faz necessária para estreitar os laços entre a Instituição e a Teologia Indígena?

Eleazar López Hernández - A grave crise pela qual a Igreja Católica passa hoje não era condição indispensável para que ela estreitasse laços de unidade com os pobres em geral e com os povos indígenas e sua teologia. É por causa do Evangelho de Cristo que ela deveria mover-se para ir ao encontro de quem são os prediletos de Deus: “os mais pobres entre os pobres”, como nos chamaram os bispos em Puebla. Mas, dado que a crise existe e que sua solução exige a participação responsável de quem forma a Igreja, nós, indígenas católicos ou cristãos, levamos a sério o pedido de auxílio do Crucificado a Francisco de Assis² em

² São Francisco de Assis (1181-1226): frade católico, fundador da “Ordem dos

Porciúncula: “reconstrói a minha Igreja”. Por isso, estamos dispostos a contribuir com o melhor de nós para que ela recupere sua santidade originária e sua missão evangelizadora no mundo. Não atuamos nela como vingadores de culpas do passado, mas como construtores de novas atitudes eclesiais para o futuro. É claro que nem todos os membros da Igreja compreendem nossa luta e contribuição teológica. Há quem nos veja com muito receio e preocupação, quando – tal como proposto por João Paulo II ao afirmar que “pode-se ser cristão sem deixar de ser indígena” – atrevemo-nos a colocar na Igreja as nossas penas, nossos trajes, nossas danças, nossos ritos e os mitos de nossos povos; mais ainda, quando queremos inculturar a Igreja em nossos moldes culturais e religiosos. Acreditam que estamos voltando ao paganismo. E a velha prática do colonialismo e da ocidentalização que prevalece na Igreja impede-lhes de enxergar com bons olhos nossas flores e nossas canções. Mas não ficamos para trás; seguimos caminhando, abrindo novos horizontes de inculturação e de diálogo inter-religioso apesar das dificuldades do caminho. Como disse o poeta: “vamos fazendo o caminho ao andar”. Não sabemos em que terminam os processos de diálogo intraclesial que começamos, faz tempo, com as autoridades maiores de Roma e do CELAM sobre os pontos especialmente conflitantes de nossa Teologia Índia. Mas somos gente de esperança.

IHU On-Line - Como o senhor percebe o diálogo com os teólogos não indígenas? Que frutos interessantes podem surgir dessa união?

Eleazar López Hernández - É verdade que, quando iniciou a Teologia Latino-Americana como Teologia da Libertação³, nos anos 1970, houve

Frades Menores”, mais conhecidos como Franciscanos. Foi canonizado em 1228 pela Igreja Católica. Por seu apreço à natureza, é mundialmente conhecido como o santo patrono dos animais e do meio ambiente. Sobre Francisco de Assis confira a edição 238 da *IHU On-Line*, de 01-10-2007, intitulada *Francisco. O santo*, disponível para download em <http://migre.me/61MbS>. (Nota da *IHU On-Line*)
3 **Teologia da Libertação**: escola importante na teologia da Igreja Católica, desenvolvida depois do Concílio Vaticano II. Surge na América Latina, a partir da

“A austeridade de vida de muitos povos indígenas oferece à sociedade contemporânea exemplos de como se pode viver bem com o mínimo indispensável”

problemas com alguns teólogos excessivamente influenciados pelo regime marxista clássico, os quais não entendiam a luta indígena, pois, segundo eles, não se encaixava com a luta de classes ou com a categoria de pobres ou explorados. Parecia-lhes que insistir na manutenção e defesa das culturas indígenas seria mais um obstáculo do que um apoio para a transformação da sociedade. Tivemos de lidar com essas dificuldades, dialogando muito com as(os) irmãs(os) teólogas(os) da libertação até que todos avançamos, e chegamos a novas ferramentas de análises e de compreensão da realidade multifacetada dos pobres da América Latina. Graças a esses debates e diálogos, podemos agora sentar juntos à mesma mesa, e fazer propostas para ações conjuntas no seio da Igreja e a serviço da luta de nossos povos. Claro que ainda falta muito por caminhar no sentido de articular melhor nosso pensamento teológico, atuando interdisciplinar e multissetorialmente. Nós, indígenas, assumimos muito das abordagens dos não-indígenas; mas falta que eles assumam mais nossas

opção pelos pobres, e se espalha por todo o mundo. O teólogo peruano Gustavo Gutiérrez é um dos primeiros que propõe esta teologia. A Teologia da Libertação tem um impacto decisivo em muitos países do mundo. Sobre o tema confira a edição 214 da *IHU On-Line*, de 02-04-2007, intitulada *Teologia da Libertação*, disponível para download em <http://bit.ly/bsMG96>. (Nota da *IHU On-Line*)

temáticas integrais, nossa linguagem simbólica e nossa metodologia comunitária.

IHU On-Line - Como o senhor define a acolhida ao Concílio Vaticano II no ambiente latino-americano e caribenho?

Eleazar López Hernández - Em minha opinião, é na América Latina e no Caribe, juntamente com a África, onde o Concílio do Vaticano II teve a melhor acolhida. Aqui, o Concílio não se tornou apenas um texto bonito para ser citado em novos documentos, pois temos oferecido um canal às melhores abordagens conciliares a respeito do modo de ser e viver a fé cristã dentro dos contextos sociais, culturais e religiosos próprio de nossos povos. O impulso dado pelo Concílio gerou aqui processos altamente inspiradores de compromisso da Igreja ao lado dos pobres que buscam criar condições mais humanas de vida como expressão histórica dos valores do Reino de Deus. Essa troca não ocorreu sem muito sofrimento e sangue para os que foram os profetas de nossos tempos. E tampouco se deu sem incompreensões e ataques de parte de quem, na Igreja, tem outro modo – que não é o do Concílio – de olhar as coisas. O testemunho de tantos mártires nos mantém no caminho.

Leia mais...

>> Eleazar Lopez Hernandez já concedeu outras entrevistas à

IHU On-Line. Confira:

- *Não basta salvar a nós, indígenas; é preciso salvar toda a humanidade e toda a criação*. Entrevista publicada na edição número 292, de 11-05-2009, disponível em <http://bit.ly/SqxmjT>
- *A trama da vida: ensinamentos dos indígenas sobre a democracia*. Entrevista publicada na edição número 355, de 28-03-2011, disponível em <http://bit.ly/hWQ0Jy>

O princípio comunitário da teologia e a sabedoria guarani

Margot Bremer acredita que a visão guarani da existência humana, que nasceu há milhares de anos na América Latina, “poderia enriquecer enormemente a teologia latino-americana que ainda tem muita casca ocidental em seu modo de pensar teologicamente”

POR GRAZIELA WOLFART | TRADUÇÃO DE ANETE AMORIM PEZZINI

“**A** teologia das sociedades contemporâneas que se embasa fundamentalmente na filosofia ocidental, na que pensa dando prioridade à razão, expressa-se por meio de tratados, conceitos, definições. A teologia guarani tem seu fundamento na sabedoria, e se expressa com o corpo em dança sagrada e com o canto sagrado dos xamãs. Para ela, a palavra é sagrada, foi criada antes dos humanos, e é a alma de todo o ser humano. Por isso suas expressões teológicas, que se manifestam em seus mitos, são expressas de forma sumamente poética”. Tal reflexão é feita pela biblista Margot Bremer, em entrevista concedida por e-mail para a **IHU On-Line**. Ela vê como urgente e necessário que “ambas as teologias entrem em diálogo, sem que a teologia guarani tenha de adaptar-se em sua terminologia à teologia cristã para ser compreendida. Ambas as partes necessitam fazer um grande esforço para

sair de seu mundo e embrenhar-se no mundo do outro. Estou convencida de que a cosmovisão guarani pode aportar muito à antropovisão cristã, assim como a linguagem que os guaranis usam para falar com Deus e de sua criação”.

Margot Bremer é biblista, acompanha a pastoral indígena e é membro do Conselho de Redação da revista *Acción*, Paraguai, bem como da Ameríndia (Paraguai). É irmã da Congregação das Religiosas do Sagrado Coração de Jesus, da província da Argentina – Uruguai, e autora do livro *Judit: La refundación del pueblo desde un Dios casero* (Editora CEPAG, 1991). Ela estará na Unisinos participando como painelistas do Congresso Continental de Teologia, abordando o tema “Teologia e sabedoria guarani”. Saiba mais em <http://bit.ly/q7kwpT>.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como a senhora descreve a teologia e a sabedoria guarani? A partir da convivência com este povo, o que eles ensinam sobre a inter-relação entre o Deus Criador e sua criação?

Margot Bremer – É difícil falar de uma teologia guarani, já que os guarani não têm sequer um termo semelhante ao que chamamos teologia. Quando falam de Deus não O separam da comunidade humana nem da comunidade cósmica: tudo está estreitamente inter-relacionado e tudo está imbuído de divindade e, por isso, tudo é sagrado. Os guarani chamam Deus de *Ñanderuvusú*, *Namandú* ou *Ñan-*

deru, o que sempre quer dizer “Nosso Pai”, incluindo toda a criação. Não se perguntam como é Deus em si nem como criou o mundo, mas sua pergunta é “para quê?”, e buscam uma resposta na ordem do mundo com seus princípios de vida que manifestam na natureza a presença da sabedoria divina com que foi criado o mundo e, com isso, tentam sintonizar seu ritmo e seu rumo, e entrar neles. Acreditam que, dessa maneira, podem colaborar com o plano criacional de Deus ao cuidar e manter o equilíbrio e a harmonia da natureza. Não têm uma visão antropocêntrica como nós, mas biocêntrica, isto é, centrada na vida em sua tota-

lidade. Os guarani creem que, se os homens não respeitam essa ordem da criação, o Criador tem de remover a cruz com seus quatro pontos cardeais sobre a qual criou a terra e que simboliza a ordem estabelecida desde a criação.

IHU On-Line – Qual a contribuição que a teologia e a sabedoria do povo guarani podem dar ao debate sobre os rumos da Teologia na sociedade contemporânea?

Margot Bremer – Em meu entender, a teologia das sociedades contemporâneas que se embasa fundamentalmente na filosofia ociden-

tal, na que pensa dando prioridade à razão, expressa-se por meio de tratados, conceitos, definições. A teologia guarani tem seu fundamento na sabedoria e se expressa com o corpo em dança sagrada e com o canto sagrado dos xamãs. Para ela, a palavra é sagrada, foi criada antes dos humanos, e é a alma de todo o ser humano. Por isso suas expressões teológicas, que se manifestam em seus mitos, são expressas de forma sumamente poética. Vejo urgente e necessário que ambas as teologias entrem em diálogo, sem que a teologia guarani tenha de adaptar-se em sua terminologia à teologia cristã para ser compreendida. Ambas as partes necessitam fazer um grande esforço para sair de seu mundo e embrenhar-se no mundo do outro. Estou convencida de que a cosmovisão guarani pode aportar muito à antropovisão cristã, assim como a linguagem que os guaranis usam para falar com Deus e de sua criação.

IHU On-Line – Que relação pode ser estabelecida entre a teologia guarani, o Concílio Vaticano II e o livro *Teología de la Liberación*, de Gustavo Gutierrez?

Margot Bremer – a) A teologia guarani não é um produto de alguns teólogos em particular, mas se trata de saberes sagrados que foram elaborados e reelaborados por gerações em diferentes assembleias (*aty guazú*), com participação de toda a comunidade. São os xamãs que cuidam dela e transmitem-na, fazendo releituras da tradição de seus antepassados com a comunidade atual. Com isso revitalizam permanentemente sua identidade guarani a partir de suas raízes. É óbvio que se trata de uma teologia comunitária.

b) O Concílio Vaticano II apresentou à Igreja preferentemente a imagem do “Povo de Deus”. O povo constitui-se como tal em assembleias (*gahal-igreja*), origem etimológica do termo “igreja”. No Antigo Testamento, participavam nessas assembleias representantes das doze diferentes tribos, o que sinaliza uma ordem de pluralidade que consideraram como uma força na construção da unidade. Jesus retomou essa imagem de “Povo de Deus” ao reunir-se com doze dis-

cípulos que iriam continuar sua obra em e com Seu Espírito. Desse modo, estabeleceu-se uma nova aliança, “chamando um povo entre os judeus e os gentios, que constituíra uma unidade no Espírito e foram o novo Povo de Deus” (LG II, 9). Também aqui vemos claramente que se trata de uma eclesiologia sumamente comunitária.

c) A Teología da Libertação, livro de Gustavo Gutierrez, é uma síntese das múltiplas reuniões e assembleias que celebraram as Comunidades Eclesiais Cristãs – CEBs, que nasceram depois do Concílio Vaticano II na América Latina em tempo de plena ditadura. Em suas reuniões, essas comunidades, pobres em sua grande maioria, tanto rurais como suburbanas, analisavam a realidade e iluminaram-na com a Palavra de Deus para chegar a um compromisso comum em favor da vida e da convivência com todos. Articulam-se com outras CEBs mediante numerosos encontros regionais, nacionais e continentais. Pouco a pouco, ali renasceu novamente a visão original de um Deus do Povo com sua preferência pelos pobres que Jesus Cristo, Seu Filho, encarnou em sua vida até a morte. Essa Teologia da Libertação brindou consequentemente com uma nova visão da Igreja como Povo de Deus, uma nova eclesiologia.

IHU On-Line – O que caracteriza a teologia latino-americana, e em que medida os povos indígenas e originários contribuem para o traçar de uma marca teológica de nosso continente?

Margot Bremer – A meu ver, o que caracteriza a teologia latino-americana é sua opção preferencial pelos pobres, isto é, que parte da realidade e do escândalo dos pobres, e compromete-se com eles profeticamente em sua defesa por mais justiça e direitos. Nisso, querem ser fiel ao evangelho de Jesus Cristo. Os povos indígenas têm uma visão cósmica, uma existência integral de convivência com a Terra como Mãe (Pacha Mama), que muda o modo de ver, de pensar, de falar e de ser. Não se consideram centro, mas parte da criação, parte da comunidade, parte do conjunto, parte do matrimônio; não há protagonismo nem competição, mas complementaridade, compartilhamento, intercâmbio, reci-

procidade dentro de um pensamento holístico. Acredito que essa visão da existência humana, que nasceu há milhares de anos neste continente, poderia enriquecer enormemente a teologia latino-americana que ainda tem muita casca ocidental em seu modo de pensar teologicamente.

IHU On-Line – Considerando a mudança epocal que vivemos e a crise ambiental instaurada em nosso planeta, em que medida os povos originários, com sua visão cósmica milenar, podem iluminar a construção de uma teologia menos centrada no ser humano?

Margot Bremer – A consciência de viver em uma época de mudanças está muito mais presente nos povos indígenas do que na cultura ocidental das nações latino-americanas, muito enredadas em um sistema neoliberal-capitalista que quer distrair e enganar. A cultura ocidental destaca a superioridade da espécie humana sobre as demais espécies de vida. Frente ao meio ambiente converte-se em seu dono absoluto, querendo dominar todas as demais espécies. Desse modo, converte-se em um “especismo” perigoso. A crise ambiental afeta não somente a Terra, mas também o homem que forma uma unidade com a Terra e depende dela muito mais que ela dele. Por causa dessa crise ambiental, a Teologia da Libertação gerou, entre outras, a ecoteologia, inspirada na sabedoria e no conhecimento da natureza dos povos indígenas. Para combater o poder do grande capital que se expressa na destruição e devastação da natureza, necessita-se como alternativa de um poder ético de inclusão e cuidado para com a Mãe Terra e para com toda a vida que ela gera. A teologia da América Latina está no caminho de reconhecer e incorporar essa vertente da teologia indígena que lhe faltava. Pouco a pouco esse aporte está consequentemente transformando sua visão antropocêntrica de Cristo em outra, de um cristo cósmico. Acho que essa contribuição para a Teologia da Libertação não somente a enriquece extraordinariamente, mas também lhe dá tanto mais identidade latino-americana.

Leitura bíblica a serviço da vida: libertadora e ecumênica

“Isso porque nossa leitura bíblica quer ser uma leitura popular da Bíblia. Ou seja, uma leitura bíblica que ajude o movimento popular nas suas lutas, tanto nas suas vitórias e conquistas, quanto nas suas derrotas”, explica Francisco Orofino

POR GRAZIELA WOLFART E THAMIRIS MAGALHÃES

“**S**empre lembro esta frase de Jesus: ‘Eu vim para que todos tenham vida’ quando estou fazendo cursos populares. Existe certo medo de um diálogo ecumênico mais amplo e aberto”, lamenta Francisco Orofino. Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Orofino lembra que Jesus diz que veio para que todos tenhamos vida. “Jesus não diz que veio para que todos tenhamos mais *Bíblia*, ou mais *Igreja*, ou mais *catecismos*... Isso significa que as igrejas cristãs, ao invés de ficarem disputando espaços na TV para seus programas particulares, ou disputando número de adeptos nos censos promovidos pelo IBGE, deveriam buscar caminhos comuns que tornassem a mensagem de Jesus Cristo mais presente na construção da sociedade brasileira.” E acrescenta: “O que adianta dizermos que somos um país cristão, já

que praticamente 90% da população se define assim, se somos, ao mesmo tempo, uma sociedade desigual, concentradora de renda, violenta e consumista?”

Francisco Orofino é biblista e educador popular. Assessora grupos populares e comunidades de base nos municípios da Baixada Fluminense. É autor de vários livros e leciona em Institutos de Teologia voltados para a formação de leigos. Fez doutorado em Teologia Bíblica na PUC-Rio (2000). É professor de Teologia Bíblica no Instituto Paulo VI, na diocese de Nova Iguaçu, RJ.

Ele participará do Congresso Continental de Teologia, no próximo dia 9 de outubro, das 14h30min às 16h30min, falando a partir do tema “Bíblia e hermenêutica”. Acesse a programação completa em <http://bit.ly/NMol2N>.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais os principais passos para a reflexão sobre a hermenêutica bíblica?

Francisco Orofino - Creio que três passos são necessários: primeiro, é saber que a Bíblia é acolhida pelo povo como Palavra de Deus. Esta fé, que é anterior a qualquer método de interpretação, já existia na caminhada popular. Uma fé que foi, durante muito tempo, transmitida oralmente, já que o povo não tinha Bíblias e era, na sua grande maioria, analfabeto. Mas encontrou muitos meios de transmitir a fé e o conteúdo das histórias da Bíblia. Este ponto é importante. É mesmo fundamental em nossos trabalhos bíblicos. É partindo deste ponto que nossa leitura bíblica aqui no Brasil se torna impossível de transpor para qualquer país da Europa. Lá, infelizmente, a Bíblia se tornou um livro oficial e eclesiástico.

Ver-Julgar-Agir

Em segundo lugar, nosso trabalho com Bíblia inseriu-se num projeto pastoral bem mais amplo, que partia do método Ver-Julgar-Agir. Um círculo bíblico nada mais é do que uma popularização deste método. Foi este método pastoral, desenvolvido a partir dos trabalhos da JEC e da JUC, que nos permitiu mudar a visão que tínhamos da revelação de Deus. O ponto de partida é a realidade, considerada aqui como a real situação do povo que se congrega nas comunidades. Em seguida, com o texto bíblico, busca-se julgar ou iluminar esta situação com a Palavra, a partir da espiritualidade profética. A Palavra serve para anunciar a presença de Deus ou denunciar a ausência de Deus nas realidades humanas, especificamente do grupo que está fazendo seu exercício hermenêutico. Assim, a fala ou revelação de Deus não vem propriamente da Bíblia, mas dos

fatos e acontecimentos iluminados pela leitura bíblica.

Palavra de Deus na vida

Em terceiro lugar, o povo avança e descobre que a Palavra de Deus não se encontra apenas na Bíblia, mas também, e principalmente, na vida. Não “vida” num sentido abstrato, mas nas situações concretas de qualquer ser vivo. A Bíblia apenas ajuda para descobrirmos que Deus nos fala através de qualquer fato ou acontecimento.

IHU On-Line - O que deve fazer parte do diálogo da teologia com as ciências sociais e naturais?

Francisco Orofino - Acredito que a contribuição das ciências sociais e naturais é muito importante no fazer teológico. Afinal, é a contribuição das ciências que nos permite analisar a realidade onde vivemos e que devemos evangelizar.

“Diálogo”

A questão aqui é a palavra “diálogo”. Deve haver abertura para dialogar de ambas as partes. Diálogo é uma atitude adulta onde você sabe no que contribuir e no que deve aprender. Os diversos métodos ditos “científicos” podem cair num racionalismo tão fundamentalista quanto a abordagem bíblica feita sem auxílio das ciências. Da mesma forma, acho uma perda de tempo quando assisto certos debates entre criacionismo e evolucionismo, onde se busca comparar um texto bíblico, elaborado a partir de uma mentalidade semita do século IX AEC com um texto científico, elaborado por um racionalista do século XIX EC.

IHU On-Line - Em que medida a tradução da proposta evangélica de “vida em abundância para todos” possibilita que as igrejas cristãs tenham mais voz e maior repercussão na sociedade?

Francisco Orofino - Sempre lembro esta frase de Jesus: “Eu vim para que todos tenham vida” quando estou fazendo cursos populares. Existe certo medo de um diálogo ecumênico mais amplo e aberto. Lembro que Jesus diz que veio para que todos tenhamos vida. Jesus não diz que veio para que todos tenhamos mais *Bíblia*, ou mais *Igreja*, ou mais *catecismos*... Isso significa que as igrejas cristãs, ao invés de ficarem disputando espaços na TV para seus programas particulares, ou disputando número de adeptos nos censos promovidos pelo IBGE, deveriam buscar caminhos comuns que tornassem a mensagem de Jesus Cristo mais presente na construção da sociedade brasileira. O que adianta dizermos que somos um país cristão, já que praticamente 90% da população se define assim, se somos, ao mesmo tempo, uma sociedade desigual, concentradora de renda, violenta e consumista?

IHU On-Line - Como o senhor define que deve ser uma leitura bíblica libertadora e ecumênica a serviço da vida? Como isso se aplica à realidade social, cultural e eclesial latino-americana?

Francisco Orofino - Falar de toda a realidade latino-americana é algo muito vasto. Mas o que vale para nós aqui no Brasil vale para qualquer país da Amé-

rica Latina. Penso que uma leitura bíblica que busca estar a serviço da vida, sempre será libertadora e ecumênica. Isso porque nossa leitura bíblica quer ser uma leitura popular da Bíblia. Ou seja, uma leitura bíblica que ajude o movimento popular nas suas lutas, tanto nas suas vitórias e conquistas, quanto nas suas derrotas. Por exemplo, aqui no Brasil, as comunidades, animadas pela leitura popular da Bíblia, conseguiram muitos avanços e conquistas na etapa constituinte entre 1986 e 1988. Muitas de nossas propostas se fizeram presentes no texto da Constituição. Mas a mobilização também teve derrotas, como a questão da reforma agrária. O mesmo vale para o plebiscito da Dívida ou a luta contra as privatizações tucanas. Muita mobilização para poucos resultados. A lei da Ficha Limpa foi uma grande vitória, mas o referendo do desarmamento foi uma derrota. Importa que a leitura bíblica anime as comunidades na sua caminhada, sabendo que na vida sempre vamos ter momentos de risos e momentos de choro. O que não podemos, como diz o apóstolo Paulo aos tessalonicenses, é “extinguir o Espírito”.

IHU On-Line - A partir da leitura atenta da Bíblia, associada à conjuntura latino-americana, qual deveria ser a proposta evangélica e cristã no campo econômico, social e ambiental atual?

Francisco Orofino - A resposta evangélica e cristã diante do enorme desastre ecológico que se revela cada vez mais próximo, vinda de uma atenta leitura da Bíblia, não pode ser outra que não seja a aguda análise feita pelo profeta Oséias no século VIII AEC. No livro deste profeta (Os 4,1-4), ele denuncia o caos social originado pelas políticas econômicas e militares da dinastia reinante. Oséias constata que a violação dos mandamentos está gerando uma violência caótica na sociedade daquela época que se refletiria obrigatoriamente na criação de Deus. Oséias aponta para os crimes originados pela não observação dos mandamentos. Numa sociedade em que não haja mais fidelidade, nem amor, nem conhecimentos de Deus, triunfam perjúrio, mentira, assassinatos, roubos, adultério, violência e sangue derramado em grandes quantidades. Uma sociedade assim prostituída coloca em risco a criação de Deus. O

colapso se manifesta no gemido dolorido da terra, na morte dos peixes, das aves e dos animais. Os seres humanos enfraquecem e morrem. Nossa geração deve buscar elementos para denunciar um desenvolvimentismo econômico irresponsável que está criando o caos social e ecológico. O projeto de Belo Monte que me confirme!

IHU On-Line – Como biblista, que avaliação o senhor faz do Concílio Vaticano II, passados 50 anos, para a Igreja?

Francisco Orofino - Como biblista, gostaria de testemunhar que os avanços trazidos pelo Concílio para os estudos bíblicos são irreversíveis. Nestes 50 anos, a Bíblia se tornou um livro de uso pessoal dos fiéis. Isso nunca tinha acontecido antes na história da Igreja Católica. Agora, a Bíblia não pertence mais ao clero porque os fiéis leigos têm a possibilidade de ler a fonte primeira da revelação de Deus, como ensina a *Dei Verbum*! Ou seja, a Bíblia deixou de ser o livro do clero. Com isso, o clero perdeu o monopólio da reflexão teológica. Por isso, eu acredito que a próxima etapa da Teologia da Libertação será feita por leigos, dando respostas mais localizadas para suas comunidades, em suas lutas e desafios. A Bíblia foi conquistada pelos leigos. Não adianta agora querer que um catecismo venha substituir a Bíblia. Entre uma reflexão teológica doutrinária a partir do catecismo e uma reflexão teológica vivencial a partir da Palavra, as comunidades ficarão com a segunda.

Leia mais...

>>Francisco Orofino já concedeu outras entrevistas à **IHU On-Line**.

Confira:

- *Jesus: um apaixonado por Deus e pelas pessoas*. Entrevista publicada na Revista **IHU On-Line**, edição 336, de 06-07-2010, disponível em <http://migre.me/aU5ly>;
- *Uma leitura bíblica libertadora e ecumênica a serviço da vida*. Entrevista publicada na Revista **IHU On-Line**, edição 296, de 08-06-2009, disponível em <http://migre.me/aU5ri>.

A liderança de mulheres na Igreja: uma prova de sua autenticidade

Para Margit Eckholt, é importante que as mulheres se façam visíveis nos vários níveis da vida eclesial e que essa visibilidade venha do reconhecimento dos serviços e cargos que elas assumem dentro da Igreja

POR GRAZIELA WOLFART E LUIS CARLOS DALLA ROSA | TRADUÇÃO DE REGINA REINART

Ao refletir sobre a contribuição das mulheres para a vida da Igreja desde a época do Concílio Vaticano II até os dias de hoje, a teóloga alemã Margit Eckholt destaca que “as imagens de mulheres ‘fora’ – na sociedade e na cultura – e ‘dentro’ da Igreja se distanciaram tanto que é muito difícil nos países europeus motivá-las para uma colaboração na Igreja. A Igreja perdeu os seus trabalhadores durante o século XIX e no início do século XX; no século XXI ela corre o risco de perder as mulheres”. Por isso, explica ela, na entrevista que concedeu por e-mail para a **IHU On-Line**, a “questão das mulheres é hoje ainda mais importante do que durante os tempos do Concílio. Trata-se de um dos mais decisivos ‘sinais dos tempos’. A Igreja deve abrir espaços justamente para mulheres

jovens, nos quais elas possam viver a sua fé segundo as suas próprias experiências. As formas vividas da fé, a linguagem da liturgia e da confissão devem reconquistar a fascinação de grande amor e amizade para as pessoas hoje, para que elas ‘deixem’ tudo e se coloquem no caminho de Jesus de Nazaré”.

Margit Eckholt é professora de Teologia Dogmática e Fundamental na Universidade de Osnabrück, Alemanha. Estudou teologia católica, línguas românicas e filosofia na Universidade de Tübingen. Ela estará na Unisinos participando como painelistas do Congresso Continental de Teologia, abordando o tema “O Concílio Vaticano II e as mulheres”. Saiba mais em <http://bit.ly/q7kwpT>.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como foi o envolvimento das mulheres no percurso do Concílio Vaticano II?

Margit Eckholt – Pela primeira vez num concílio da era moderna participaram mulheres como convidadas e auditoras presentes. Paulo VI nomeou no dia 20 de setembro de 1964, para o terceiro período das reuniões do Concílio, oito religiosas e sete mulheres presidentes de organizações católicas – solteiras e enviuvadas – como “auditoras”. Durante o terceiro período das reuniões se juntaram mais três mulheres, entre elas Marie Vendrik, da Holanda, presidenta da associação mundial católica de mulheres jovens

e meninas, e durante o quarto período de reuniões mais cinco mulheres, entre elas uma religiosa da Índia, uma segunda auditora alemã, a presidenta da associação feminina católica alemã, Dra. Gertrud Ehrle, e agora também uma mulher casada, a mexicana Luz-Marie Alvarez-Icaza, que foi nomeada junto com o seu esposo. Além disso, mais duas mulheres latino-americanas foram convocadas como auditoras, a argentina Margarita Moyano Llerena, e a uruguaia Gladys Parentelli. Dos relatórios das mulheres se destaca que as auditoras foram tratadas como peritas e foram participantes superativas no acontecimento do Concílio. Elas se

encontraram em grupos de trabalho, se consultaram de maneira engajada com os bispos e participaram em subcomissões individuais, sobretudo nas consultas do decreto sobre o apostolado dos leigos e da Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo de hoje. A maioria das mulheres assumiu tarefas de liderança nas organizações da Ação Católica, em associações católicas de mulheres e congregações femininas; elas informaram intensivamente sobre os desenvolvimentos do Concílio nas suas terras maternas; as duas associações femininas católicas alemãs mantiveram informes regula-

res nas revistas das suas associações sobre o Concílio.

IHU On-Line – Em sua análise, que perspectivas se abriram para as mulheres a partir do Concílio?

Margit Eckholt – Na Igreja local da Alemanha – como também na maioria das outras Igrejas da Europa e dos Estados Unidos – as mulheres podiam se estabelecer em novas profissões como agentes comunitárias e pastorais, ou assumir responsabilidades nas associações do catolicismo leigo. A comunidade feminina católica e a associação feminina católica alemã convocaram mulheres para a posição da conselheira espiritual. Na Suíça, mulheres formadas como teólogas puderam assumir a liderança das comunidades. Assim também outras mulheres pegaram tarefas de liderança em grêmios no nível diocesano, podendo lidar no tribunal eclesial e nos escritórios pastorais. Os estudos da Teologia e igualmente a carreira científica – o doutorado, o catedrático – estão abertos às mulheres, que foram convocadas às cadeiras teológicas dentro das faculdades ou aos institutos e academias.

IHU On-Line – Após 50 anos de abertura do Concílio, o que ainda continua problemático para as mulheres em relação à Igreja? Por que elas continuam excluídas dos espaços centrais de decisão na Igreja? Quais as perspectivas?

Margit Eckholt – As imagens de mulheres “fora” – na sociedade e na cultura – e “dentro” da Igreja se distanciaram tanto que é muito difícil nos países europeus motivá-las para uma colaboração na Igreja. A Igreja perdeu os seus trabalhadores durante o século XIX e no início do século XX; no século XXI ela corre o risco de perder as mulheres. Por isso a “questão das mulheres” é hoje ainda mais importante do que durante os tempos do Concílio. Trata-se de um dos mais decisivos “sinais dos tempos”. A Igreja deve abrir espaços justamente para mulheres jovens, nos quais elas possam viver a sua fé segundo as suas próprias experiências. As formas vividas da fé, a linguagem da liturgia e da confissão devem reconquistar a fascinação de grande amor e amizade para as pes-

soas, hoje, a fim de que elas “deixem” tudo e se coloquem no caminho de Jesus de Nazaré. Mulheres em papéis de liderança e coordenação na Igreja são uma prova de sua autenticidade, independentemente se elas possam imaginar um papel assim para si mesmas.

IHU On-Line – No atual contexto, como a Igreja pode superar a visão de que as mulheres são apenas “ajudantes dos padres”? Como buscar, na Igreja, uma participação igualitária e fraterna das mulheres?

Margit Eckholt – É importante que as mulheres se façam “visíveis” nos vários níveis da vida eclesial – seja nas comunidades, nas associações ou em nível administrativo diocesano, como catequistas ou professoras. A visibilidade vem do reconhecimento dos serviços e cargos que as mulheres assumem dentro da Igreja, e dos encargos oficiais dentro do contexto das celebrações litúrgicas e comunitárias. Acima de tudo, inclui também a promoção das mulheres nos papéis de liderança dentro da Igreja. Este é um tema-chave no processo de diálogo na Igreja local na Alemanha, onde as mulheres são gerentes de Caritas, juízas nos tribunais eclesiais e líderes dos centros pastorais. A imagem de mulher como “ajudante” modifica-se a partir do momento em que elas começam a lidar com grêmios importantes ou com grupos de trabalho.

IHU On-Line – Olhando para o âmbito da reflexão teológica, como avalia a importância da teologia feminista ou de gênero, sobretudo nos últimos 50 anos?

Margit Eckholt – A teologia feminista nasceu nos anos 1960 e a partir dela desenvolveu-se uma hermenêutica crítica e libertadora como expressão de protestos. Protestos estes que vão contra a não percepção das vozes das mulheres dentro da Igreja e que negam os pontos antropológicos que trazem uma hierarquia de gêneros, contradizendo, assim, a dignidade igualitária de todos os seres humanos, base da nossa semelhança a Deus. Nas várias disciplinas teológicas, na exegese, na história eclesial ou na teologia sistemática, foram redescobertas as já esquecidas e marginalizadas tradições de mulheres e, portanto, novas e libertadoras tradi-

ções de fé foram elaboradas. Nos últimos anos, a teologia feminista recebeu novos impulsos a partir da perspectiva de teoria diferenciada e de gênero; a nova categoria científico-teórica da diversidade e os “estudos pós-coloniais” somam a teologia feminista a outros pontos científicos interdisciplinares. A determinação do que é “diferença”, ou seja, o que se entende por gênero é ligada ao pertencimento a uma etnia específica, a uma posição social específica, a posições econômicas, aos níveis de educação, etc.

IHU On-Line – Como a teologia feminista pode ajudar a Igreja a avançar nas questões que envolvem a presença da mulher na Igreja?

Margit Eckholt – A teologia feminista pode ajudar tanto na elaboração de uma nova reflexão sobre os temas “clássicos” da antropologia teológica como na inclusão destes nas discussões sobre a igualdade entre os gêneros e suas relações. O homem e a mulher foram criados por Deus, à Sua imagem e semelhança (Gn 1,27). Sob a perspectiva bíblica e cristã é justamente neste posicionamento em direção a Deus – à Sua imagem – que contém o critério decisivo para o ser humano e assim tornar o homem e a mulher sujeitos. A diferença e a igualdade têm as suas raízes aqui: se, por um lado, o homem e a mulher na comunidade são marcados através desta tensão fertilizante de diferença, por outro lado, encontra-se a crítica das estruturas que tem como ponto de partida a igualdade e dignidade também igualitária frente à semelhança a Deus. Parceria, participação e comunidade podem ser desenvolvidas através de uma recepção da teologia feminista pelos homens.

Leia mais...

>> Margit Eckholt já concedeu outra entrevista à **IHU On-Line**. Confira:

- *As mulheres e a Igreja: “sinais dos tempos”*. Entrevista publicada na edição 401 da **IHU On-Line**, de 03-09-2012, disponível em <http://bit.ly/P5Shs4>

Espiritualidade – uma atitude perante a vida e seus desafios

Marilú Rojas explica que a espiritualidade não é para ser entendida como atos isolados da vida ou simplesmente para ser reduzida a celebrações cultuais na presença de Deus. “Não se pode esquecer da realidade que nos exige uma resposta”, enfatiza

POR GRAZIELA WOLFART E LUIS CARLOS DALLA ROSA | TRADUÇÃO DE ANETE AMORIM PEZZINI

Responsável por debater o tema “Teologia e Espiritualidade Libertadora”, nos dias 8, 9 e 10-10-2012, no Congresso Continental de Teologia (saiba mais em <http://bit.ly/q7kwpT>), a teóloga Marilú Rojas concedeu a entrevista a seguir, por e-mail, para a **IHU On-Line**, onde afirma que “a espiritualidade que vive o povo latino-americano caracterizou-se pela práxis e pelo compromisso profético na vida cotidiana, ou seja, o povo não faz uma separação entre ‘vida espiritual’ e vida cotidiana ou entre sagrado e profano. Os sofrimentos, as lutas, as alegrias e as esperanças são vividos a partir de uma perspectiva da fé e da confiança em Deus por parte desse povo que, agora, encontra-se ainda mais ferido e empobrecido”. Ela explica que a espiritualidade é transreligiosa, intercultural e ecumênica e que, a partir dessa lógica, tem como desafio dar respostas às realidades do mundo pós-moderno. “Não se trata de fechar os olhos, mas de abri-los à realidade que hoje se impõe: pobreza, miséria, exclusão, corrupção, morte, violência, violações aos direitos

humanos, migração, destruição ecológica, para citar algumas realidades. A partir dessa perspectiva é que a espiritualidade é libertadora, pois pretende criar uma consciência crítica sobre esses eventos, e criar o compromisso de transformar a sociedade”. E dispara: “é importante evitar cair no erro de pensar que as mulheres são as responsáveis pela espiritualidade, e os homens, pela reflexão teológica e pela liderança nas igrejas. Essa dissociação contribuiu equivocadamente para manter as mulheres excluídas das lideranças e do pensamento teológico. Cair em uma separação de papéis assim é cair em uma atitude patriarcal machista que atribui papéis de acordo com os interesses e o exercício do poder dos homens”.

Marilú Rojas é doutora em Teologia Sistemática pela Universidade Católica de Lovaina, professora de Teologia na Universidade Ibero-Americana, em Puebla, México e integra a Associação de Teólogas Itinerantes.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como a senhora contextualiza o Concílio Vaticano II como momento de inspiração e potencialização de uma espiritualidade libertadora, em particular, levando em conta a realidade do continente americano? Quais perspectivas se abriram a partir do Concílio?

Marilú Rojas – A princípio, o Concílio Vaticano II foi um *kairós* (momento de graça) por parte do Espírito que inspirou a renovação de uma Igreja envelhecida e estagnada. A partir do anúncio do Concílio por João XXIII e sua célebre frase: “abram as janelas da

Igreja” para que ela veja lá fora, e deixe entrar novos ares, reconhecia-se a necessidade urgente de mudar. Em princípio, deve-se esclarecer o que se entende por espiritualidade, e aqui é importante mencionar que a espiritualidade não pode limitar-se a uma série de práticas de piedade ou de celebrações cultuais, embora isso não signifique que as exclua. A espiritualidade deve ser entendida como a força vital que nos permite harmonizar com Deus, com os seres humanos e com toda a criação. A espiritualidade que vive o povo latino-americano ca-

racterizou-se pela práxis e pelo compromisso profético na vida cotidiana, ou seja, o povo não faz uma separação entre “vida espiritual” e vida cotidiana ou entre sagrado e profano. Os sofrimentos, as lutas, as alegrias e as esperanças (aos quais o Concílio faz referência) são vividos a partir de uma perspectiva da fé e da confiança em Deus por parte desse povo que, agora, encontra-se ainda mais ferido e empobrecido. Uma das principais perspectivas que emergiu a partir do Concílio foi a elaboração de uma teologia contextual da América Latina com caráter

profético-libertador e de uma clara e definida opção pelos pobres. Essa teologia tem sido apoiada por uma espiritualidade de compromisso libertador inspirada nos textos bíblicos do êxodo. Outra das perspectivas foi uma espiritualidade a partir da realidade dos pobres de Javé (*Anawin*), e, por conseguinte, uma espiritualidade profética capaz de unir a mística à práxis. Uma espiritualidade profética capaz de denunciar as injustiças e as violações aos direitos mais elementares do ser humano. Nesse sentido, pode falar-se de uma espiritualidade da dignificação do ser humano.

IHU On-Line – O que significa hoje em dia assumir essa perspectiva da espiritualidade libertadora? Como continuar mantendo vivo o espírito do Concílio?

Marilú Rojas – A espiritualidade não é para ser entendida como atos isolados da vida ou simplesmente para ser reduzida a celebrações cultuais na presença de Deus, e esquecer-se da realidade que nos exige uma resposta. O caráter libertador também não pode ser entendido como uma simples emancipação revanchista de tudo o que se pretende impor. Entendemos que a espiritualidade é uma atitude perante a vida e seus desafios, ou seja, enfrentar a realidade, e que ela não é exclusividade de um determinado grupo religioso ou de uma igreja. A espiritualidade é transreligiosa, intercultural e ecumênica e, a partir dessa lógica, tem como desafio dar respostas às realidades do mundo pós-moderno. Não se trata de fechar os olhos, mas de abri-los à realidade que hoje se impõe: pobreza, miséria, exclusão, corrupção, morte, violência, violações aos direitos humanos, migração, destruição ecológica, para citar algumas realidades. A partir dessa perspectiva é que a espiritualidade é libertadora, pois pretende criar uma consciência crítica sobre esses eventos, e criar o compromisso de transformar a sociedade. E quanto a manter o espírito do Concílio, acho que dois seriam os princípios orientadores: em primeiro lugar, deixar-nos interpelar constantemente pelos sinais dos tempos (realidade), nota-chave no discurso e na doutrina do Vaticano II. Essa interpelação evita que a espiritualidade

“O Concílio Vaticano II foi um *kairós* (momento de graça) por parte do Espírito que inspirou a renovação de uma Igreja envelhecida e estagnada”

torne-se um espiritualismo entorpecedor de consciências ou simples alienação das realidades, pois é urgente uma espiritualidade de olhos abertos, que dê rosto e resposta ao mundo de hoje. Uma espiritualidade libertadora necessita superar o espiritualismo de corte apocalíptico pessimista, de destruição e desesperança. Isso se pode alcançar a partir da interpelação dos sinais dos tempos e a partir de nosso compromisso com a justiça. Em segundo lugar, o espírito do Concílio era o de implantar a criatividade, e impulsionar outra forma de ser igreja, uma igreja participativa, igreja povo de Deus, igreja profética e sinal de transformação das realidades sociais. No entanto, hoje, constatamos que o impulso e a força do espírito profético-libertador na igreja estão se perdendo, ficamos com medo, e há uma tendência de involução, um retrocesso da instituição igreja para sua própria segurança. A única maneira de superar esse retrocesso e sermos fiéis ao espírito do Concílio é não se esquecer de nosso compromisso profético e a radicalidade do evangelho que nos exige ser valentes, e não nos acovardarmos nem pactuarmos com as forças que oprimem e violam os seres humanos hoje.

IHU On-Line – Para a senhora, quais são os principais desafios ou dificuldades da sociedade atual, especialmente em nosso continente? Nesse sentido, como a espiritualidade libertadora pode ser um sinal de esperança e transformação perante

as realidades de exclusão, violência, falta de respeito pela vida como um todo?

Marilú Rojas – O maior desafio é a pobreza e a miséria em que vivem milhões de latino-americanos. Esse processo de empobrecimento é causado pela injustiça estrutural em todos os níveis: econômico, social, cultural, político e religioso. Outro grande desafio é a corrupção que se instalou como uma forma “normal” de vida em nível individual e nas instituições e estruturas em todos os níveis. A violência levada aos piores níveis de desumanidade e selvageria é o resultado da injustiça, da pobreza e do desemprego que possibilitam às gerações jovens buscarem as piores saídas. A cultura da morte violenta instala-se no imaginário e na realidade social de uma forma impressionante. A falta de acesso à educação e à formação acadêmica de qualidade assim como de oportunidades de emprego são outros dos fatores-chave que exigem uma resposta urgente. O fenômeno migratório é um exemplo claro da necessidade de buscar uma maneira melhor de viver em outro espaço geográfico. A espiritualidade libertadora, a partir da visão dos povos indígenas e afro-americanos, propõe a lógica do direito “ao bem viver” ou “viver bem” como um direito de todos os seres humanos, o que implica a harmonia e o equilíbrio com o cosmo, com a ecologia e com toda a criação. É uma lógica relacional em igualdade e inclusão contrária à lógica da exclusão que mantém muitos dos projetos neoliberais e pós-modernos. O desafio para a espiritualidade libertadora é superar uma espiritualidade fundada no antropocentrismo, e dar lugar a uma visão em que se seja capaz de descobrir a divindade em tudo o que nos rodeia. O antropocentrismo arrogante declinou em uma lógica do domínio *mundi* e no dualismo do espiritual vs. material. Essa foi a causa pela qual a espiritualidade foi considerada como alheia às realidades históricas. Hoje, a espiritualidade deve ter uma incidência política, ou seja, a busca do direito ao bem viver, ao viver bem ou ao bem comum de todos os seres que compartilham a Terra, o espaço e o cosmo. Trata-se do direito que todos os seres humanos temos a uma vida com dignidade e com paz, entendendo-

do-se paz como consequência lógica da justiça.

IHU On-Line – Como a senhora relaciona a espiritualidade libertadora com a questão da ecologia?

Marilú Rojas – A partir da perspectiva dos povos mesoamericanos, a espiritualidade é a busca da justiça e da equidade, as quais nos conduzem a harmonizar com o cosmo, com a terra, com os bens produzidos por ela, com os seres humanos e com tudo o que nos rodeia. Dessa forma, supera-se a lógica do domínio e mantém-se o equilíbrio fluido (a paz). A espiritualidade libertadora, em seu caráter profético, tem relação com a questão ecológica, porque denuncia que mulheres, crianças, indígenas, povoações afro-ameríndias foram as principais vítimas da lógica do domínio patriarcal, do capitalismo e da pós-modernidade por uma questão de desenvolvimento mal compreendido, ou seja, é contrário à exposição dos povos indígenas ao “direito ao bem viver” em que todos temos ou deveríamos ter participação. O novo holocausto que hoje vivemos é o ecológico, e nele estamos todos morrendo. Uma espiritualidade libertadora deve advertir-nos do pecado da acumulação de recursos e do desenvolvimento para uns poucos, e às custas da morte de muitos. É inconcebível que o continente mais rico, ecologicamente falando, seja um dos mais empobrecidos por causa da lógica de dominação e exploração, assim como da negligência óbvia dos governos de nossos países. Nesse sentido, a espiritualidade não é uma prática religiosa romântica, é bem mais profético-política.

IHU On-Line – Como a senhora entende a participação das mulheres no caminhar de uma espiritualidade libertadora? Quais são os desafios?

Marilú Rojas – Permito-me começar pelos desafios:

- Não posso deixar de mencionar o fenômeno da “feminização da pobreza” que aponta suas principais vítimas entre as mulheres anciãs e jovens, conduzindo-as a situações degradantes e que atentam contra sua dignidade de seres humanos. Essa “feminização da pobreza” é um elemento que mostra o rosto da

“Uma espiritualidade libertadora necessita superar o espiritualismo de corte apocalíptico pessimista, de destruição e desesperança”

injustiça, a exclusão e a marginalização das mulheres latino-americanas que sofrem tripla exclusão: por serem mulheres, por serem pobres e por serem indígenas.

- Tristemente constatamos que, na América-Latina, a realidade que mais castiga as mulheres depois da pobreza é o patriarcado machista imperante na sociedade. O patriarcado machista é intercultural, interepistêmico e inter-religioso, ou seja, permeia todas as instituições da sociedade latino-americana, incluindo as igrejas e seus dirigentes. No entanto, constatamos que isso se dá a partir do próprio consentimento das mulheres. A espiritualidade libertadora tem o grande desafio de superar a exclusão e a violência contra as mulheres dentro e fora das igrejas, se verdadeiramente quiser ser coerente e profética perante a sociedade.
- As mulheres, na América Latina, além de terem de superar o patriarcado e o machismo imperantes na sociedade em geral, devem enfrentar constantemente o clericalismo patriarcal dominante da Igreja e o controle do pensamento teológico nas mãos dos homens; por isso, a crítica que nós, mulheres, fazemos à teologia latino-americana é apenas que não mudaram as estruturas e os moldes androcêntricos em que se sustentou e o tema da mulher foi esquecido no período pós-conciliar.
- É importante evitar cair no erro de pensar que as mulheres são as

responsáveis pela espiritualidade e os homens pela reflexão teológica e pela liderança nas igrejas. Essa dissociação contribuiu equivocadamente para manter as mulheres excluídas das lideranças e do pensamento teológico. Cair em uma separação de papéis assim é cair em uma atitude patriarcal machista que atribui papéis de acordo com os interesses e o exercício do poder dos homens. Isso não é o que se pretende dizer aqui.

- As religiões e as igrejas necessitam reconhecer humildemente que a lógica da dominação patriarcal prejudicou terrivelmente as mulheres, e serviu como instrumento de dominação e exclusão das mulheres, além de contribuir para o abuso e para a improbidade à dignidade humana delas.
- Não podemos falar de uma espiritualidade e uma teologia libertadora, se as mulheres continuam a ser oprimidas, exploradas e abusadas dentro das igrejas ou se a religião tem servido como instrumento de dominação delas. Tal é o caso do não reconhecimento de suas lideranças e a manutenção de uma relação hierárquico-patriarcal dominante, e não uma relação de equidade, inclusão, reconhecimento e respeito.
- Finalmente, gostaria de comentar que é necessária e urgente uma espiritualidade a partir de uma perspectiva ecofeminista libertadora capaz de criar nas mulheres e nos homens uma consciência crítica sobre a libertação necessária do patriarcalismo-machismo latente nas religiões, nas culturas, nas igrejas e na sociedade, se é que realmente queremos e esperamos construir juntos outro mundo possível.

Leia mais...

>> Confira o artigo “Espiritualidade

libertadora”, de autoria de Marilú

Rojas, publicado nas **Notícias do**

Dia do sítio do IHU em 28-08-2012,

disponível em <http://bit.ly/NTIJ8G>

“A Igreja sente a urgência da ‘nova evangelização’”

Na perspectiva de Olga Consuelo Velez, fazer teologia hoje significa responder aos desafios presentes; portanto, trata-se de um compromisso e de uma responsabilidade

POR GRAZIELA WOLFART E LUIS CARLOS DALLA ROSA | TRADUÇÃO DE ANETE AMORIM PEZZINI

Para Olga Consuelo Velez, professora da Pontificia Universidad Javeriana – PUJ, da Colômbia, a Teologia da Libertação nasceu para ficar “e incorporou-se, queiramos ou não, no caminhar teológico universal”. Na verdade, continua ela, “foi muito bom escutar dos lábios de Bento XVI, no discurso inaugural da V Conferência de Aparecida, a relação intrínseca entre Cristo e a opção preferencial pelos pobres”. Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, ela destaca que “todos nós sabemos que a experiência de Deus nos pobres é o ponto de partida da Teologia da Libertação e, portanto, seria muita cegueira negar a importância que essa realidade tem para o fazer teológico universal. Essa teologia segue sendo significativa, porque a realidade de pobreza e exclusão do

continente não mudou. Portanto, mantém-se sua vigência”.

Professora na Faculdade de Teologia da Pontificia Universidad Javeriana – PUJ, da Colômbia, Consuelo Velez é doutora em Teologia pela Pontificia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). É autora de, entre outros, *Reflexiones en torno al feminismo y al género* (Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2004); *El método teológico. Fundamentos /especializaciones /enfoques* (Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2008). Na Unisinos ela irá participar como painelistas do Congresso Continental de Teologia, abordando o tema “Teologia e novos paradigmas”. Saiba mais em <http://bit.ly/q7kwpT>.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Para a senhora, o que significa fazer teologia no atual contexto de mundo e de Igreja? Quais os novos paradigmas que se apresentam e implicam o fazer teológico?

Olga Consuelo Velez – Significa responder aos desafios presentes, portanto, é um compromisso e uma responsabilidade. Por um lado, o mundo, utilizando o termo empregado na pergunta, necessita de uma palavra de fé que ilumine suas buscas, que responda a seus propósitos, que acompanhe este devir mundial acelerado pelos desenvolvimentos tecnológicos, cheio de possibilidades, mas urgido de critérios éticos que orientem e acompanhem este momento. E, de outro lado, a Igreja atravessa um momento

histórico em que aposta seu futuro com mais ou menos êxito. A Igreja sente a urgência da “nova evangelização”, porque seus fiéis desertam ou não têm o ímpeto e ânimo do passado. Portanto, ou sabe enfrentar essa situação ou ver-se-á submersa em problemas maiores. A teologia pode impulsionar para uma resposta mais positiva, de maior significado da Igreja para os homens e mulheres de hoje. Uma reflexão teológica que enfrente os desafios atuais pode ajudar a dar uma resposta adequada a este momento eclesial “difícil”. Nesse sentido, amarro aqui a pergunta a seguir: a teologia, hoje, passa pelos diferentes paradigmas ou horizontes, porque necessita dizer uma palavra sobre a rea-

lidade social, as questões de gênero, a realidade cultural e religiosa, a questão ecológica etc. Isto é, todas essas “novas maneiras de fazer teologia” que respondem a experiências sentidas que pedem uma resposta, vemos hoje que se vão entrelaçando, e exigem um trabalho mais transversal do que focal. Hoje, não se pode falar dos pobres, sem incluir a questão racial, genérica, cósmica, etc. E assim com os demais paradigmas. Isto é, hoje a teologia são “teologias”, e teologias contextuais que se entrecruzam, iluminam-se e complementam-se, todas buscando responder a este presente. Resta dizer que a palavra “paradigma” tem vários significados, e alguns diriam que não há tantos “novos” pa-

radigmas, mas aqui a uso no sentido amplo de uma visão que conduz e foca a reflexão teológica.

IHU On-Line – A partir do Concílio Vaticano II, que análise a senhora faz da caminhada teológica na América Latina nesses últimos cinquenta anos?

Olga Consuelo Velez – Acredito que, se em algum continente pôs-se em marcha o Vaticano II, foi na América Latina. A Teologia da Libertação foi esse esforço concreto de olhar para o mundo e responder às suas emergências. Na América Latina, esse mundo está marcado pela exclusão social, e a Teologia da Libertação responde, a partir das limitações desse momento, a essa realidade. Acredito que essa teologia continua viva, apesar das incompreensões, das rejeições, mas também com as novas orientações, esclarecimentos, complementações que o passar dos anos vai dando. Hoje, há um patrimônio teológico latino-americano que podemos reconhecer, mas que tem de continuar se fortalecendo. Em outras palavras, podemos alegrar-nos com nosso caminhar teológico, mas não podemos descuidá-lo, porque necessita manter-se atual e seguir se fortalecendo cada vez mais.

IHU On-Line – Analisando de forma específica a Teologia da Libertação, que balanço a senhora faz? Qual a o significado e a importância desse modelo teológico para o atual contexto da América Latina?

Olga Consuelo Velez – A Teologia da Libertação nasceu para ficar e incorporou-se, queiramos ou não, no caminhar teológico universal. Na verdade, foi muito bom escutar dos lábios de Bento XVI, no discurso inaugural da V Conferência de Aparecida¹, a relação

“Uma reflexão teológica que enfrente os desafios atuais pode ajudar a dar uma resposta adequada a este momento eclesial ‘difícil’”

intrínseca entre Cristo e a opção preferencial pelos pobres. Todos nós sabemos que a experiência de Deus nos pobres é o ponto de partida da Teologia da Libertação e, portanto, seria muita cegueira negar a importância que essa realidade tem para o fazer teológico universal. Essa teologia continua sendo significativa, porque a realidade de pobreza e exclusão do continente não mudou. Portanto, mantém-se sua vigência. Claro que, sendo capaz de renovar-se, e usando os instrumentos adequados para ler a realidade de hoje, porque as leituras mudaram, as compreensões se enriquecem e as novas perspectivas, a partir de onde a situação social da América Latina é abordada, mostram a complexidade da situação. Para mim, continua sendo uma responsabilidade manter essa orientação teológica, aberta a todos esses novos entendimentos.

IHU On-Line – Além do contexto latino-americano, como a Teologia da Libertação constitui-se numa perspectiva teológica para outras realidades, como a africana, a asiática e também para os imigrantes que vivem na Europa e Estados Unidos? Em que medida se pode falar em teologias da libertação?

Olga Consuelo Velez – Acredito que, na verdade, fala-se de Teologia da Libertação asiática, africana, etc., ou como se dizia “teologias do terceiro mundo”, porque, na realidade, a situa-

ção não é exclusiva deste continente. Com a globalização e as novas políticas econômicas, já se fala menos de lugares geográficos, e mais de realidades transversais que se encontram em todos os lugares. E o econômico, que foi o ponto de partida desta reflexão, viu-se enriquecido pelas outras exclusões, pobreza, discriminações, que exigem uma liberação, e não podem estar alheias à experiência da fé. Creio que toda a teologia que leve a sério uma mudança de realidade para promover maior dignidade humana, sua igualdade fundamental, seu direito de participar e de ser protagonista da história, tem um núcleo liberador que pode ser reconhecido como teologia nessa perspectiva libertadora.

IHU On-Line – E a teologia feminista, em que medida pode ser compreendida como uma teologia de libertação? Como a senhora analisa a teologia feminista, sobretudo pensando a realidade latino-americana?

Olga Consuelo Velez – Bem sabemos que, nos inícios, a Teologia da Libertação não levou em consideração a realidade da mulher, porque seu objetivo era a situação de pobreza. Mas, pouco a pouco, foi tomando consciência da dupla opressão sofrida pela mulher em razão do poder socioeconômico e também de seu gênero, e começou a falar-se de Teologia da Libertação feminista. Parece-me que essa dimensão não pode perder-se, porque as mulheres continuam sendo duplamente vitimadas. Em situações como a colombiana, onde vivo e onde a violência condicionou a nossa história, cada dia torna-se mais evidente que as mulheres podem não morrer tanto nos confrontos armados. Contudo, são as que mais sofrem suas consequências. Seja por tornarem-se chefes de família por causa da morte dos companheiros, seja por serem “despojos de guerra”, porque já está claramente explicitado que a violação das mulheres é uma das táticas mais empregadas para quebrar a “honra” do inimigo, e pela mentalidade que se tem sobre a mulher como instrumento de prazer a que todo o homem tem direito. Na verdade, na Colômbia, a situação de deslocamento por

¹ Documento de Aparecida: A V conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe aconteceu de 13 a 31-05-2007, em Aparecida, São Paulo. As conclusões da reunião compõem o Documento Conclusivo da V Conferência. Sobre o tema, a IHU On-Line produziu uma revista especial em 20-06-2007, edição 224, intitulada “Os rumos da Igreja a partir de Aparecida. Uma análise do documento final da V Conferência”, disponível em <http://bit.ly/dfbllk>. (Nota da IHU On-Line)

causa da violência armada em que vivemos aponta as mulheres como as que mais têm de sofrer esse fenômeno e, portanto, enfrentar a realidade de reconstruir sua vida. No entanto, o problema da discriminação da mulher é tão complexo que, às vezes, esquece-se da realidade socioeconômica, e se trabalha mais pelas realidades culturais. Aqui há algumas divergências entre correntes de teologia feminista, porque, para umas, o termo “gênero” como categoria de análise pode levar ao esquecimento da condição socioeconômica, e dirigir-se mais a mulheres de outras realidades em que o problema é cultural.

IHU On-Line – Além de um modelo androcêntrico e patriarcal, como pensar uma teologia e uma eclesiologia além do Deus “Pai”? Como explicar ou narrar Deus a partir do rosto feminino, ou de “Pacha Mama” dos indígenas latino-americanos?

Olga Consuelo Velez – Esse é um imenso desafio que precisamos enfrentar. Acho que a questão vai por tomarmos a sério a pluralidade cultural e religiosa em que vivemos. Quando assumimos verdadeiramente essas situações, é imperativo buscar novas maneiras de falar com Deus, novas compreensões que nos permitam incluir todos, novas sistematizações teológicas que abram caminhos de diálogo e entendimento. Aqui, não podemos esquecer a limitação da linguagem que, por mais que busquemos expressões adequadas, sempre haverá alguém que não as ache apropriadas. Conto um fato que constatei: pouco a pouco se vai introduzindo falar de Deus Pai e Mãe. No entanto, a resistên-

“Podemos alegrar-nos com nosso caminhar teológico, mas não podemos descuidá-lo, porque necessita manter-se atual e seguir fortalecendo-se”

cia a essas expressões é muito grande, em âmbitos oficiais ou populares. Bem sabemos que Deus não é pai nem mãe em sentido físico, transcende essas realidades, mas, se durante 21 séculos o vocábulo *pai* serviu para dar encarnação a Deus, por que o vocábulo *mãe* não o pode dar agora? Claro que há vozes que se recusam a buscar novos caminhos, argumentando que Jesus dirigiu-Se a Deus como Abba... Isso é verdade, mas bem sabemos que a Bíblia está cheia de outras imagens em que o feminino é evidente. Já estive também em celebrações nas quais se pretendia introduzir o indígena, o afro, e cujas realizações tiveram resistências. Acho que a tarefa é inevitável, mas há que se nadar “contra a corrente”, para não desistir, e seguir abrindo caminhos de inclusão para um contexto atual plural em todos os sentidos.

IHU On-Line – Para a senhora, qual é a missão da Igreja hoje?

Olga Consuelo Velez – Acredito que a Igreja tem que “voltar às origens”, como o Vaticano II já o intuiu há cinquenta anos, para recuperar a simplicidade das origens, a novidade do reino anunciado por Jesus, a ousadia dos primeiros cristãos para viver sua fé nas novas situações que se lhes apresentavam. A Igreja há de ser “sal e luz” e renunciar à sua pretensão de “dona e senhora” da humanidade. Oferecer um testemunho de vida, inclusão e alegria, e, sobretudo, não renunciar a seu lugar mais apropriado: os últimos de cada momento, os mais pobres, os que não contam com nada, além do próprio Deus.

Leia mais...

>> Olga Consuelo Velez já concedeu uma entrevista para a **IHU On-Line**:

- *Um acontecimento de graça e de novidade*. Entrevista publicada na edição número 401, de 03-09-2012, disponível em <http://bit.ly/SSOWY7>

>> Olga Consuelo Velez também publicou um artigo nas **Notícias do Dia** do sítio do IHU. Confira:

- *Acompanhando nosso caminhar teológico latino-americano*. Artigo publicado em 21-08-2012, disponível em <http://bit.ly/SOA3gq>

LEIA OS CADERNOS IHU IDEIAS
NO SITE DO IHU
WWW.IHU.UNISINOS.BR

A incompatibilidade entre felicidade material e espiritual

Para a socióloga da religião e pesquisadora da área de ciências sociais, Brenda Carranza, um campo fértil de reflexão para a Teologia Pública encontra-se na dobradinha teologia/mídia

POR GRAZIELA WOLFART E LUIS CARLOS DALLA ROSA

“**N**a fluidez de relações econômicas, sociais e pessoais, emerge a rapidez, a instantaneidade e a interconectividade como tríade constitutiva dos vínculos orgânicos que se estabelecem entre a lógica do capital e a sociedade informacional, cuja expressão máxima se encontra nas corporações que assumem a industrialização e a comercialização de marcas, produtos, serviços de informação e de entretenimento”. A reflexão é da socióloga e professora da PUC-Campinas, Brenda Carranza, em entrevista concedida por e-mail para a **IHU On-Line**. Ao abordar as relações entre cultura, sociedade da informação e teologia, ela entende que “a globalização e o mercado de consumo constituem-se como uma poderosa fórmula que ‘irriga’ os formatos societários, arremessando indivíduos e coletividades em direção à sociedade de consumo como ideal de realização pessoal e como parâmetro de modernização”.

Brenda Carranza é formada em Teologia pelo Pontifício Ateneo S. Anselmo (Roma) e em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. Tem mestrado em sociologia e doutorado em Ciências Sociais também pela Unicamp. É professora da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). De suas publicações recentes citamos *Catolicismo midiático* (Aparecida: Ideias & Letras, 2011); e *Novas comunidades em busca do espaço pós-moderno* (organizado com Cecília Mariz) (Aparecida: Ideias & Letras, 2009). Ela estará participando do Congresso Continental de Teologia, nos próximos dias 8, 9 e 10 de outubro, das 14h30min às 16h30min, falando a partir do tema “Cultura, Sociedade da Informação e Teologia”. Acesse a programação completa em <http://bit.ly/NMol2N>.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como a senhora caracteriza a “sociedade da informação”? Em que medida se trata de um novo paradigma cultural?

Brenda Carranza – Consagrado o termo por Manuel Castells¹, a sociedade da informação se constitui como novo paradigma cultural que, *grosso modo*, pode ser sintetizado em cinco características. A primeira se refere a sua dimensão histórica ímpar, visto que, num breve período, não mais de três décadas, consolida-se de forma vertiginosa, criativa e em contínua mutação outra reconfiguração dos

modos e meios de produção, difusão e recepção de informações, ideias, sons e imagens. Graças aos avanços tecnológicos, a segunda característica remete às noções de tempo e de espaço, que são profundamente modificadas ao se interconectarem pessoas em tempo real de qualquer parte do planeta. O tempo, outrora cronológico, medido na sequência de instantes, e o espaço, associado a territórios delimitados por fronteiras geográficas definidas em inúmeras convenções, passam a ser vivenciados segundo fluxos comunicacionais. Na fluidez de relações econômicas, sociais e pessoais, emerge a rapidez, a instantaneidade e a interconectividade como tríade constitutiva dos vínculos orgânicos que se

estabelecem entre a lógica do capital e a sociedade informacional, cuja expressão máxima se encontra nas corporações que assumem a industrialização e a comercialização de marcas, produtos, serviços de informação e de entretenimento.

Mídia – máquina produtora de sentido

Arelada ao monopólio que exercem as grandes empresas de comunicação social, encontra-se a mídia como máquina produtora de sentido e intérprete da realidade. A mídia concatena simbolicamente as partes das totalidades derramadas nas diversas latitudes e procura reunificá-las em

1 Ver a clássica trilogia CASTELLS, Manuel. *Sociedade da informação*. 3v. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. (Nota da entrevistada)

crenças, valores, estilos de vida. Essa terceira característica da sociedade informacional, segundo Ignacio Ramonet², viabiliza a capacidade dos *mass media* de disseminar padrões de consumo como expressão de liberdade e democracia. Em outras palavras, a mídia reunifica o feixe da diversidade cultural e ideológica de povos e nações, muitas vezes reduzida a clichês que ora representam a riqueza cultural como sobrevivência do exótico, ora como vitimização do acaso ou ainda como heroísmo nacional. Entretanto, tudo acontece de forma aparentemente aberta e espontânea, o que é possível, porque, no cerne da sociedade da informação, encontra-se a razão competitiva do mercado globalizado.

Binômio informação-entretimento

A quarta característica é decorrente de todo o processo descrito até aqui e é percebida por alguns estudiosos, entre eles Martín-Barbero³, como uma amálgama do binômio informação-entretimento, que potencializa a circulação de imaginários sociais ancorados na apreensão do conhecimento como experiência lúdica. O impacto imediato disso encontra-se nos processos cognitivos que, na era informacional, para Nicholas Carr⁴, não só ativam o raciocínio como parte da cadeia lógica de aprendizagem, mas também e, sobretudo, potencializam a intuição, a percepção, o tato, a sensibilidade estética e a competência linguística. Sem dúvida, há uma capacidade educativa na mídia que reverbera na estruturação de novas subjetividades alicerçadas na apropriação de produtos simbólicos que convergem, segundo Watkins⁵, sutilmente na mercantilização de bens materiais e imateriais. Nesse ponto, encontra-se a quinta característica da sociedade da

informação que perpassa, de maneira desigual e lúdica, todos os segmentos sociais do planeta.

IHU On-Line – Como a sociedade da informação se insere no contexto da globalização e, de modo particular, no mercado do consumo?

Brenda Carranza – No início do século XXI, muitos críticos da globalização, entre eles o sociólogo brasileiro Otavio Ianni⁶, sugeriram como perspectiva de abordagem observar as mudanças culturais e comunicacionais produzidas por mais uma nova e contraditória fase do capitalismo: o neoliberalismo, com o capitalismo financeiro como seu carro chefe. De maneiras diferentes, tem-se assinalado que, mesmo com o mundo amplamente intercomunicado via internet, veloz e virtual, com o domínio informacional, o encurtamento do espaço e do tempo nas transações econômicas ou nas telecomunicações integradas (informática, satélites, televisão) tenderia a ser mais opaco. Isso porque, ao se complexificarem as redes de informação, fez-se mais densa a compreensão do acesso, da transmissão, da ativação e o sentido do que é comunicar. Portanto, a vocação ética de educar e informar o cidadão ficou comprometida. Na tão proclamada “aldeia global”, a comunicação não significou necessariamente a pluralidade globalmente comunicada; contrariamente, tendenciou-se cada vez mais à concentração de poder dos grandes centros com suas megafusões, que materializaram o espírito de época, expresso na informação como mercadoria, na liberdade de escolher diante da diversidade padronizada de produtos informativos e no usufruir de entretenimento. Assim, naturaliza-se a compra e venda de informação, com o objetivo de obter lucro e as normas de sua produção seguem as exigências do comércio. A web oferece gratuitamente informação-entretimento em troca de acesso a informações sobre os gostos, hábitos e estilos de consumidores potenciais, hoje, sofisticadamente monitorados por meio do fácil acesso a aplicativos em todo aparelho

portátil e móvel (iPhones, celulares, iPads, e muitos outros)⁷. Nesse ínterim, na perspectiva de David Harvey⁸, há uma imperceptível troca de vocabulário, quer seja quando se universaliza o inglês como a língua contida no *hardware* e no *software* das transações econômicas e sociais, quer seja quando o cidadão passa ser chamado indiscriminadamente de consumidor, transmutando-se assim a língua local e a categoria cidadania.

O consumo segmentado

Paralelamente a isso cresce a oferta de serviços e produtos comunicacionais para públicos massificados e consumidores segmentados, na mesma proporção que aumenta a concentração dos meios de comunicação em massa. Os cidadãos são cada vez mais indexados por denominadores comuns de consumo, até seus ideais, visões de mundo, anseios de solidariedade e de justiça ficam passíveis de serem customizados. Nesse sentido, a sociedade da informação, a globalização e o mercado de consumo constituem-se como uma poderosa fórmula que “irriga” os formatos societários, arremessando indivíduos e coletividades em direção à sociedade de consumo como ideal de realização pessoal e como parâmetro de modernização. Na linha de pensamento de Lipovetsky⁹, a sociedade do hiperconsumo volta-se para ofertar cada vez mais uma felicidade paradoxal, marcada por um sofisticado consumo de felicidade material, que se esgota no momento exato de materializar-se na aquisição do objeto desejado. Sugere o autor que quanto mais felicidade material, menos felicidade espiritual. Uma enfatiza a mercadoria como centro de satisfação pessoal; a outra, o refinamento da consciência; uma é a prioridade ao ter, a outra ao ser. Satisfazer a felicidade material independente da capacidade aquisitiva daqueles que passeiam por vitrines, pois, como

2 Cf. Ramonet, Ignacio. O poder midiático. In: Por outra comunicação. Rio de Janeiro: Record, 2003. p.242-254 (Nota da entrevistada)

3 A obra do autor é extensa sobre esse tema, vale a pena conferir um de seus clássicos, editados no Brasil: De los Medios a las Mediaciones. (Nota da entrevistada)

4 Carr, Nicholas. O que a internet está fazendo com os nossos cérebros: a geração superficial. Rio de Janeiro: Agir, 2011. (Nota da entrevistada)

5 Watkins, S. Craig. *The young & the digital*. Boston: Beacon Press. 2012. (Nota da entrevistada)

6 Cf. Ianni, Otavio. *Teorias da globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. (Nota da entrevistada)

7 Um ensaio ficcional desse processo pode ser ilustrado com o vídeo Epic disponível no Youtube. (Nota da entrevistada)

8 Cf. *A arte de lucrar: globalização, monopólio e exploração da cultura*. In: Por outra comunicação. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 139-172. (Nota da entrevistada)

9 Cf. Lipovetsky, Gilles. *Felicidade paradoxal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. (Nota da entrevistada)

já alertou Edgar Morin¹⁰, o mais importante da sociedade de consumo é encher as pessoas de imaginários que prometem felicidade, sucesso e amor, estufando suas vontades de desejos que um dia se concretizarão, ou seja, o importante é consumir, mesmo que o cidadão pague, por seus anseios, um valor dez vezes maior do que o valor real do produto adquirido e em até 150 prestações.

IHU On-Line – A partir da sociedade da informação, como a senhora situa a cultura da midiatização? Quais as suas decorrências?

Brenda Carranza – Na verdade, ao se utilizar o termo “cultura da midiatização”, está-se fazendo referência a um processo duplamente complexo. Por um lado, reconhece-se que a mídia possui no seu estatuto comunicacional a capacidade de configurar visões de mundo e outorgar determinados sentidos à realidade no ato de interpretá-la, como foi assinalado em relação à segunda característica da sociedade da informação como resposta à primeira pergunta desta entrevista. Por outro lado, a partir da revolução digital, encabeçada pela internet, o universo midiático imbrica, de maneira admirável, a tríade que compõe a cultura de massas e a indústria cultural: propaganda-publicidade, informação e comunicação. A primeira consequência desse duplo processo é a difícil demarcação, objetiva e intelectual, da competência e independência desses três elementos. Até pouco tempo atrás, formavam parte da esfera da informação a imprensa, os jornais, a informação radiofônica, os telejornais, as agências de notícias. Já a comunicação enveredava por setores institucionais e a publicidade e a propaganda tinham caráter político. Nenhuma dessas esferas ficou à margem da integração midiática, na qual os universos da escrita, do sonoro e do imagético convertem-se num universo só.

O imediatismo da internet

A segunda consequência encontra-se na virtualidade e no imediatismo

10 Essa ideia está contida na crítica que o autor faz ao mundo da comunicação nos anos 60. As ideias encontram-se esparças, mas um texto pode ajudar o capítulo XXI, A felicidade, In: Cultura de massa no século XX. Rio de Janeiro: Forense, 1967. (Nota da entrevistada)

“Satisfazer a felicidade material independe da capacidade aquisitiva daqueles que passeiam por vitrines”

mo trazidos pela internet que, somados à integração imagética, fizeram a mídia aprofundar suas raízes numa sociedade espetacular – entendida como aquela que prefere a imagem à coisa; a cópia ao original; a representação à realidade; a aparência ao ser. A simulação do real, o espetáculo e o consumo se encontram como forma de comunicação, regidos pela lógica da circulação de mercadorias, isto é, parafraseando Guy Debord¹¹, na cultura midiática, o espetacular não é apenas um conjunto audiovisual integrado, mas é também fundamentalmente uma mediação social, uma relação entre pessoas intermediada por imagens, sons, escrita, orquestrados pela lógica do lucro. Uma terceira consequência estaria no refinamento dessa tripla conceitual, pois a cultura midiática não só media a relação entre pessoas, mas é também, segundo Peter Berger¹² e Thomas Luckmann¹³, uma instituição intermediária entre o indivíduo e a sociedade. Para os autores, a mídia encontra-se além do controle, sendo que ela converteu a emissão de conteúdos no principal epicentro produtor de significados para a vida cotidiana de milhões de seres humanos. Levado isso a suas últimas consequências, não

11 Cf. Debord, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. (Nota da entrevistada)

12 **Peter Berger**: sociólogo da religião norte-americano, professor de Sociologia na Universidade de Boston. Entre outros, escreveu *O dossel sagrado* (São Paulo: Paulinas, 1985). (Nota da IHU On-Line)

13 Thomas Luckmann: um dos mais respeitados sociólogos contemporâneos. Autor do clássico da sociologia, *A construção social da realidade*, em co-autoria com Peter Berger. (Nota da IHU On-Line)

é difícil deduzir como a cultura midiática e a sociedade de consumo se correspondem mutuamente, e a lógica de mercantilização que rege ambas precipita-se nas ofertas de conteúdos, experiências e significados. Tudo isso em apenas um *click* que concentra, difunde e integra visões de mundo, estilos e hábitos de consumo num universo tido como globalizado. Embora tudo isso soe como uma análise apocalíptica, referência emprestada a Umberto Eco¹⁴, existem grandes brechas de uso cidadão desse universo, e é a juventude que dá lições magistrais sobre isso, como se verá logo a seguir.

IHU On-Line – Em seu entender, como o fenômeno da midiatização tem impactado na formação e na vida das pessoas?

Brenda Carranza – Nas segunda e quarta características da sociedade da informação, acima descritas, anuncia-se o impacto subjetivo que anuncia o advento de outras experiências sociais e pessoais que esse paradigma consolida. Não é esta a ocasião para destrinchar questões sutis relacionadas aos muitos desdobramentos que a informatização produz quando rasga filtros civilizatórios nas dimensões cultural, vivencial e existencial, sobretudo para as novas gerações¹⁵. Sugere-se anatomizar apenas um impacto: o multíndividuo – categoria sugerida por Massimo Canevacci¹⁶. A hiperconexão, que

14 A referência é ao texto clássico: *Apocalípticos e integrados: uma crítica à comunicação*. (Nota da entrevistada)

15 Desenvolvi esta temática no texto *Juventude em movimento: política, linguagens e religião*. In: *Mobilidade religiosa*. Pedro A. Ribeiro de Oliveira, Geraldo de Mori, São Paulo: Paulinas, 2012, p.207-232. (Nota da entrevistada)

16 **Massimo Canevacci**: doutor em Letras e Filosofia pela Universidade Degli Studi di Roma La Sapienza - URS, na Itália, de onde é natural. Leciona antropologia cultural, arte e culturas digitais nessa mesma instituição e é professor visitante na Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Publicou vários trabalhos sobre a realidade brasileira. É autor de livros como *Antropologia da comunicação visual* (Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001), *Fetichismos visuais* (São Paulo: Atelier Editorial, 2008) e *Antropologia do cinema* (São Paulo: Editora Brasiliense, 1990), *Fake in China* (Maceió: Edufal, 2011). Concedeu as seguintes entrevistas à IHU On-Line: *A filosofia atrás de uma muralha?*, de 07-11-2011, disponível em <http://bit.ly/sMpQ3C>; *Comunicação horizontal e cidadania transitiva*:

emerge da amplitude do poder das redes sociais, é a condição *sine qua non* de novos arranjos e combinações perante as novidades que surgem e se estabelecem para os internautas como realidade. Num mosaico sobreposto de informações, opiniões e visões, muitas vezes conflitantes, as pessoas apreendem outra forma de se relacionar no e com o mundo. No espaço público, pontes sociais fermentam-se na simultaneidade de eventos, nos movimentos coletivos, nas pequenas ações que ganham dimensões inimagináveis. Para isso basta lembrar os movimentos de 2011, como a Primavera Árabe, o Occupy Wall Street nos EUA, Os Indignados, na Espanha, e ocupações estudantis no Chile e no Brasil.

Relacionamentos densos e fracos

Na esfera privada, os relacionamentos intersubjetivos passam a ser densos, pela complexidade de sua análise, e fracos, pela efemeridade com que acontecem. Numa outra dimensão, a tecnologia coloca inúmeros aplicativos que se infiltram sorratamente na vida cotidiana, focando as pessoas no tempo presente. Portanto, aprofunda-se a tendência de se aproveitarem as possibilidades atuais, mais do que apostar no futuro incerto. Soma-se a isso a possibilidade que a internet traz de acessar de modo ilimitado arsenais de informação, de capturar a vida alheia através de fotos que são postadas, de paquerar ou até mesmo namorar, além do monitoramento de amigos nas diversas plataformas relacionais. Realidade que ocupa grande parte do dia dos jovens. Compreende-se, então, que as novas gerações, socializadas na lógica do imediatismo, tenham como imperativo: “tudo ao mesmo tempo agora já!” Mas para fazer tudo ao mesmo tempo, é necessária a habilidade de realizar operações simultâneas, simples e/ou complexas, o que permite desenvolver a capacidade da concentração dispersiva como processo cognitivo antagônico:

a construção de um novo modelo democrático, Notícias do Dia 30-08-2011, disponível em <http://migre.me/63PMA>; *A cidadania transitiva no contexto da comunicação digital*, Notícias do Dia 21-07-2011, disponível em <http://migre.me/63PPd>. (Nota da IHU On-Line)

dispersão-concentração. Tudo isso, na proposta de Pierre Lévy¹⁷, como parte da cibercultura, em que a velocidade e a simultaneidade potencializam relações e desenvolvem novas angústias perante a impossibilidade de assimilação de informações, produtos e serviços que a avalanche informacional disponibiliza. É nessa nova formatação subjetiva a que os migrantes digitais, aqueles nascidos antes do ano 2000, procuram se adaptar, enquanto os nativos digitais simplesmente surfam à vontade.

IHU On-Line – Em que medida a sociedade da informação e, ligado a isso, a midiaticização, têm facilitado ou obstaculizado a inclusão das pessoas e dos povos empobrecidos? Nesse contexto, como se inserem a democracia e a participação cidadã?

Brenda Carranza – Na segunda característica da sociedade da informação, que se assinalou anteriormente, aponta-se o monopólio da comunicação social que pode ser um dos obstáculos do exercício ao direito à comunicação, que se expressa como condição de cidadania que todo estado democrático preconiza. Tem-se afirmado também que a interligação das sociedades midiática, de consumo e informacional expandem desejos e fazem circular imaginários que privilegiam as necessidades do capital. Vale ressaltar que esses imaginários suscitam desejos de liberdade individual e coletiva que escapam aos monopólios midiáticos e suscitam, às vezes, respostas contrárias à lógica de produção comunicacional. Assim, o sonho de liberdade das pessoas e populações, segundo Amartya Sen¹⁸, realiza-se na combinação de segurança econômica, que se traduz em participar do mercado de trabalho como direito a moldar o próprio destino; na liberdade política, como condição de gerir ações que visem ao bem comum e à redução da desigualdade e da pobreza e ao respeito aos direitos humanos. Ora, se o desenvolvimento humano e social

é tido como uma expansão das liberdades reais de que as pessoas podem desfrutar, e não só como concretização das liberdades prometidas pelo consumo – aquelas que contornam gostos e hábitos, disponíveis só para quem possa comprar –, então é intrínseca à expansão das liberdades do cidadão as condições que habilitem escolhas individuais e oportunidades sociais.

Educação básica de qualidade

Dentre essas condições, encontra-se a educação básica com qualidade que, junto de outras instituições, garante a apropriação crítica dos benefícios que permitem aos cidadãos usufruir da sociedade da informação. Só com essa capacidade crítica os agentes históricos serão capazes de intervir na esfera pública para reivindicar, propor e agilizar ações que diminuam as privações de que sofre a maioria da população. Nesse encadeamento, a inclusão dos cidadãos, em geral, e dos empobrecidos, em particular, no consumo midiático e/ou informacional constitui-se como um obstáculo democrático, pois consumir passa a ser sinônimo de inclusão, de cidadania, de ser pessoa. Contrário a isso, é a inclusão que o Estado consegue quando desenvolve políticas públicas, que criam oportunidades sociais, facilitando a participação econômica da população. No contexto democrático, as estratégias de inclusão digital das populações carentes ultrapassam programas que apenas proporcionam o acesso aos recursos informacionais, mas propiciam uma formação sistemática que permite a leitura crítica das mensagens e dos estímulos que chegam por todos os canais midiáticos a que ficam expostos às pessoas. Inclusão digital que capacita para o uso das ferramentas informacionais de forma proativa e criativa, em coerência com valores éticos próprios do reconhecimento da dignidade e dos direitos humanos, entre eles, o da comunicação plena, integral e alternativa. Só assim democracia e sociedade da informação se complementam no exercício da cidadania que expande a liberdade como pressuposto do desenvolvimento.

¹⁷ O título que consagra a categoria é: Cibercultura. Cf. Lévy, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2001. (Nota da entrevistada)

¹⁸ Cf. Sen, Amartya. *Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. (Nota da entrevistada)

IHU On-Line – A partir do contexto da sociedade da informação, quais as problemáticas e perspectivas que se abrem para a teologia/democracia?

Brenda Carranza – Ainda que em instâncias diferenciadas, tanto a democracia como a teologia têm condições de incidir nos impactos da sociedade informacional. No âmbito do exercício democrático, uma problemática evidente é o monopólio informacional, abordado nesta reflexão. O Estado e a sociedade civil, cada um, desde seu raio de inferência, têm como desafio a democratização da comunicação. Para o primeiro, um dos maiores desafios, entre outros, consiste na implementação das inúmeras propostas para a formulação da política de comunicação no país, o que inclui a criação de veículos de comunicação e a regulamentação das leis que regem os processos comunicacionais. Além disso, e não é pouco, deve gerenciar a participação de diversos segmentos sociais na discussão e na viabilização de equipamentos públicos e comunitários para a difusão cultural alternativa às grandes empresas comunicacionais. Para a segunda, a sociedade civil, é um desafio acompanhar e monitorar a implementação de políticas públicas que visem garantir uma comunicação livre, participativa, democrática, igualitária e solidária. Ao mesmo tempo em que é um desafio essa participação, também constitui uma fragilidade, pois a articulação nas mais diversas instâncias, que oscilam da participação popular à representação de conselhos, não é tarefa fácil, sobretudo em um país com dimensões continentais. Entretanto, não é possível garantir o direito à comunicação sem encarar esses desafios, como se tem dito de maneiras diferentes a partir da Conferência Nacional de Comunicação.

A teologia e a comunicação

Do lado da teologia, o desafio é de outra ordem. Como se disse até agora, o objeto da mídia e da informação é a comunicação e esta é um *bem*, muito diferente de qualquer mercadoria, pois constrói realidade, imprime valores, estabelece pautas políticas, sociais, religiosas, ambientais, entre outras, e influi fortemente na configuração de subjetividades. Desse modo,

“Quanto mais felicidade material, menos felicidade espiritual”

a democratização da comunicação refere-se também ao direito da humanização, portanto, o direito à comunicação é um direito sagrado, tanto quanto o direito a ganhar o sustento cotidiano. Nesse contexto, duas dimensões podem ser percebidas: aquela que dialoga no âmbito do direito cidadão, na esfera secular (significado latino de mundo) e aquela que constitui a compreensão dos processos que afetam a pessoa na sua autopercepção e nas suas opções práticas, independentemente de ter ou não referências religiosas. Entendida a teologia como explicação sistemática da percepção de Deus e da explicação da fé, de seu conteúdo, consequências e bases, ambas inseridas numa tradição cultural e contextualizada historicamente, não cabe a menor dúvida de que é inerente à vocação teológica ocupar o espaço público com sua palavra qualificada. Assim, a democratização e a humanização, entrelaçadas pelos impactos midiáticos, são dois horizontes justificáveis para a teologia e uma grande oportunidade para ocupar os âmbitos acadêmicos e socioculturais. Mas especificamente, a adjetivada Teologia Pública é também desafiada, pois sua identidade, segundo Johan Konings¹⁹ e Rudolf von Sinner²⁰, perfila-se na atuação do debate na esfera pública sobre questões medulares que afligem o ser humano. Nesse caso concreto, urge que a Teologia Pública,

19 Cf. Konings, Johan. Teologia Pública Disponível: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/511280-teologia-publica-johan-konings>>. (Nota da entrevistada)

20 Cf. SINNER, Rudolf von. Teologia Pública (entrevista). Disponível: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/14220-teologia-publica-seus-espacos-e-seu-papel-entrevista-especial-com-rudolf-von-sinner>>. (Nota da entrevistada)

a partir de seu instrumental teórico, volte-se aos desdobramentos trazidos pelas novas culturas que emergem da fusão mídia/informação/consumo, a qual alerta significativamente para a percepção subjetiva da transcendência dos cidadãos, crentes, ateus ou agnósticos. Há carência no âmbito teológico de uma palavra qualificada que destrinche os discursos e as narrativas sobre as diversas religiões e mundivisões que a mídia transforma em objetos consumíveis, disseminando-os por todos seus canais. Outros temas para a agenda da Teologia Pública encontram-se nos formatos tecnológicos utilizados pelas mídias religiosas e que afetam o discurso teológico nas diferentes narrativas sobre a imagem do Deus cristão. Ainda uma instigante questão teológica se encontra nas mudanças que sofrem, ou não, os cultos e liturgias quando estruturadas nos moldes midiáticos.

Enfim, há uma gama de questionamentos teológicos que afloram quando a teologia e o marketing se abraçam no marco do cristianismo contemporâneo, marcado por fortes tendências proselitistas e claros recuos no diálogo ecumênico e inter-religioso numa sociedade brasileira cada vez mais plural religiosamente. Enfim, um campo fértil de reflexão para a Teologia Pública encontra-se na dobradiça teologia/mídia.

Leia mais...

>> Brenda Carranza já concedeu outras entrevistas à **IHU On-Line**:

- *Uma novidade na estrutura de vida consagrada na Igreja*. Publicada na edição número 307, de 08-09-2009, disponível em <http://bit.ly/jGeqyp>
- *A fraternidade cristã diante do abismo da desigualdade social*. Publicada na edição número 366, de 20-06-2011, disponível em <http://bit.ly/l2BiPs>

Tema
de
Capa

**Destques
da Semana**

IHU em
Revista

Livro da Semana

OLIVEIRA, Francisco de. *A economia brasileira: crítica à razão dualista*. Petrópolis: Cebrap/Vozes, 1972. Nova edição: São Paulo: Editora Boitempo, 2003.

“O capitalismo brasileiro – ornitorrinco – gera o Brasil invertido!”

Com o Modelo Liberal Periférico, segundo Reinaldo Gonçalves, os países geram o capitalismo malformado-ornitorrinco que tem os vícios e defeitos do capitalismo liberal e os defeitos e vícios das estruturas econômicas, sociais, políticas e institucionais da periferia

POR THAMIRIS MAGALHÃES

Questionado a respeito das contribuições de Francisco de Oliveira para a análise da atual realidade brasileira, em função da comemoração dos 40 anos de lançamento da primeira edição da obra *A economia brasileira: crítica à razão dualista*, pela Cebrap/Vozes, Reinaldo Gonçalves, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, diz que elas são fundamentais, não somente pela questão do método como também das ideias-chave. “No início do século XXI, o Brasil é a simbiose entre o moderno e o arcaico, é o capitalismo malformado-ornitorrinco marcado por ineficiência sistêmica, que depende cada vez mais do setor primário-exportador e que se sustenta com a hegemonia às avessas”. O Modelo Liberal Periférico, no Brasil, se caracteriza, segundo ele, na dimensão econômica, por “fraco desempenho; crescente vulnerabilidade externa estrutural; transformações estruturais que fragilizam e implicam volta ao passado; e ausência de mudanças ou de reformas que sejam eixos estruturantes do desenvolvimento de longo prazo”. E continua: “Nas dimensões social, ética, institucional e polí-

tica desta trajetória observa-se: invertimento da sociedade; deterioração do *ethos*; degradação das instituições e sistema político corrupto e clientelista. É o país do desenvolvimento às avessas”.

Francisco de Oliveira formou-se em Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia da Universidade do Recife, atual Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. É professor aposentado do Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo – USP.

Reinaldo Gonçalves é formado em Economia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Obteve o título de mestre em Economia, pela Fundação Getúlio Vargas – FGV-RJ, e de doutor em Letters and Social Sciences pela University of Reading, na Inglaterra. Atualmente leciona na UFRJ. É autor de *Economia internacional. Teoria e experiência brasileira* (Rio de Janeiro: Elsevier, 2004) e *Economia política internacional. Fundamentos teóricos e as relações internacionais do Brasil* (Rio de Janeiro: Elsevier, 2005).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – O que significa a “razão dualista” para Chico de Oliveira? No que consiste sua crítica a esse tipo de razão?

Reinaldo Gonçalves – A “razão dualista” é o confronto entre o moderno e o arcaico na discussão sobre desenvolvimento no Brasil e em outros países; é o vício metodológico de se reduzir processos, relações e estruturas ao modelo dual-estruturalista, ao esquema binário (zero ou um). A contribuição de Chico de Oliveira¹ é a “crítica da razão dualista” que mostra a simbiose e a organicidade que existe na “unidade de contrários, em que o chamado ‘moderno’ cresce e se alimenta da existência do ‘atrasado’”. O moderno e o atrasado não são rivais distantes e, sim, irmãos xipófagos.

IHU On-Line – Podemos dizer que há uma nova forma de pensar a economia brasileira, com o livro *Crítica à razão dualista*, de Chico de Oliveira? Por quê?

Reinaldo Gonçalves – A importância do livro está na combinação rara de teses claras e importantes, criatividade, coragem intelectual (enfrentar autores e posições estabelecidos), rigor analítico e método. Por ser uma rara combinação, poucos foram os trabalhos posteriores que envolveram esta “nova forma de pensar”.

¹ Francisco de Oliveira: sociólogo brasileiro. A IHU On-Line entrevistou-o na 123ª edição, de 16-11-2004 sobre o impacto das eleições de outubro no cenário político nacional. Esse foi o tema de um artigo de Chico de Oliveira, intitulado “Quem derrotou Marta? O governo Lula”, que publicamos na edição n.º 122 da IHU On-Line, de 08-11-2004. É professor aposentado da USP e fundador do PT, com o qual rompeu em 2003 e autor do famoso livro *O ornitorrinco*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003. Sobre a obra, os leitores podem conferir uma entrevista na IHU On-Line n.º 77, de 29-0-9-2003, e outra concedida à edição n.º 80, de 20-10-2003, por ocasião de sua vinda à Unisinos, no dia 01-10-2003, em que participou do Ciclo de Estudos sobre o Brasil, abordando o tema *Perspectivas do Brasil com o novo governo*. Ele ainda tem entrevista publicada na série *Cadernos IHU em formação - ano 2 - n. 9 - 2006 - Política Econômica. É Possível mudá-la?* (Nota da IHU On-Line)

“A ‘razão dualista’ é o confronto entre o moderno e o arcaico na discussão sobre desenvolvimento no Brasil e em outros países”

IHU On-Line – De que maneira Chico busca cruzar política, economia e sociedade brasileira e seus conflitos em sua obra *Crítica à razão dualista*?

Reinaldo Gonçalves – Penso que é na questão do método. E aqui está a grande contribuição de Chico de Oliveira ao longo de quatro décadas. Este método implica crítica ao economicismo, recurso à economia política (interação entre a busca de riqueza e poder), o rigor analítico (cartesiano, mesmo) e o exercício da dialética que joga com a unidade de contrários. O eixo estruturante do método são as conexões entre padrões de dominação, acumulação e distribuição em uma sociedade de classes.

IHU On-Line – Qual o principal objetivo dessa obra de Chico de Oliveira? Podemos dizer que ele busca fundar ou refundar uma leitura marxista da história do Brasil moderno? Por quê? Qual a tese central da obra?

Reinaldo Gonçalves – A tese central é a baseada na crítica do modelo dual-estruturalista cepalino que identifica contrastes e distanciamento entre o moderno e o atrasado. Chico demonstra o equívoco deste modelo. Insisto que a grande contribuição é metodológica: é a articulação rigorosa entre padrões de dominação, acumulação e distribuição. Penso que ele transcende o próprio esquema analítico marxista. Se Marx tivesse lido a *Crí-*

tica da Razão Dualista teria aprendido a escapar de esquemas binários que aparecem em algumas de suas obras: classes sociais (capitalistas vs trabalhadores), causas de crises econômicas (tendência decrescente da taxa de lucro vs problema de realização), padrões de dominação (propriedade dos meios de produção vs não-propriedade) e atuação do Estado (comitê da classe capitalista-opressores vs oprimidos). E, naturalmente, Marx teria aprendido muito sobre capitalismo subdesenvolvido.

IHU On-Line – Qual a análise de Chico de Oliveira no que se refere ao desenvolvimento brasileiro?

Reinaldo Gonçalves – Além da tese principal (simbiose entre atrasado e moderno), nos seis capítulos do livro há outras teses e argumentos importantes. Por exemplo, ele destaca a relação entre padrão de dominação e padrão de acumulação, ou seja, a quem serve o capitalismo brasileiro. Ele trata ainda da tese sobre o “socialismo dos tolos” de esquerda e de direita que associam a maior intervenção estatal com a autonomia do Estado em relação a classes e grupos sociais. Chico destaca ainda os fundamentos da Economia Política Internacional em que os conflitos entre grupos e classes sociais têm predominância em relação às rivalidades interestatais. Chico identifica também traços de ascensão do capital financeiro na disputa pelo excedente econômico no início dos anos 1970. Estes são temas de grande atualidade.

IHU On-Line – De que maneira Chico avalia o moderno capitalismo brasileiro?

Reinaldo Gonçalves – O subdesenvolvimento brasileiro era e é uma “produção” do capitalismo. O “subdesenvolvimento é uma formação capitalista e não simplesmente histórica”. Como mostrou Chico de Oliveira, se, por um lado, é verdade que fatores endógenos sejam determinantes dos

padrões de dominação, acumulação e distribuição (como ocorreu na Era desenvolvimentista, 1930-79), também é verdadeiro que o capitalismo brasileiro é subdesenvolvido, subordinado. Não é por outra razão que neste capitalismo o capital estrangeiro tem papel protagônico. O desenvolvimento brasileiro é caudatário. Por exemplo, nos últimos anos a desindustrialização e a reprimarização da economia brasileira refletem exatamente esta situação.

IHU On-Line – De que forma Chico define “O Ornitorrinco”? Em que sentido este conceito ajuda a qualificar a espécie de capitalismo que se gerou no Brasil?

Reinaldo Gonçalves – O capitalismo subdesenvolvido da Era desenvolvimentista gerou, em fase posterior do seu ciclo de vida, um capitalismo “malformado, a meio caminho”. É o que Luiz Filgueiras² chama de Modelo Liberal Periférico. Este modelo caracteriza-se por: “liberalização, privatização e desregulação; subordinação e vulnerabilidade externa estrutural; e dominância do capital financeiro. O modelo é liberal porque é estruturado a partir da liberalização das relações econômicas internacionais nas esferas comercial, produtiva, tecnológica e monetário-financeira; da implementação de reformas no âmbito do Estado (em especial na área da previdência social) e da privatização de empresas estatais, que implicam a reconfiguração da intervenção estatal na econo-

2 Luiz Antonio Mattos Filgueiras: Graduado em Ciências Econômicas pela Universidade Federal da Bahia, Mestre em Economia pela mesma Universidade e Doutor em Teoria Econômica pela Universidade Estadual de Campinas. Tem Pós-Doutorado em economia pela Universidade Paris 13. Atualmente é professor associado 2 da Universidade Federal da Bahia, em regime de dedicação exclusiva. Atua na área de Economia Política e Economia Brasileira Contemporânea, com ênfase principalmente nos seguintes temas: padrões de acumulação, inserção internacional, política econômica, planos de estabilização, crise e mercado de trabalho, reestruturação produtiva e emprego. (Nota da IHU On-Line)

“Se Marx tivesse lido a *Crítica da Razão Dualista* teria aprendido a escapar de esquemas binários que aparecem em algumas de suas obras”

mia e na sociedade; e de um processo de desregulação do mercado de trabalho, que reforça a exploração da força de trabalho. O modelo é periférico porque é uma forma específica de realização da doutrina neoliberal e da sua política econômica em um país que ocupa posição subalterna no sistema econômico internacional, ou seja, um país que não tem influência na arena internacional, ao mesmo tempo em que se caracteriza por significativa vulnerabilidade externa estrutural nas suas relações econômicas internacionais. E, por fim, o modelo tem o capital financeiro e a lógica financeira como dominantes em sua dinâmica macroeconômica”.

“O Ornitorrinco”

Com o Modelo Liberal Periférico, os países geram o capitalismo malformado-ornitorrinco que tem os vícios e defeitos do capitalismo liberal e os defeitos e vícios das estruturas econômicas, sociais, políticas e institucionais da periferia. O capitalismo brasileiro – ornitorrinco – gera o Brasil invertebrado!

IHU On-Line – No que consiste a nova classe social brasileira, para Chico?

Reinaldo Gonçalves – Outra importante contribuição de Chico de

Oliveira é a ideia de hegemonia às avessas, que é fundamental para se compreender o Brasil invertebrado. Nos últimos anos, “parece que os dominados dominam, pois fornecem a ‘direção moral’ e, fisicamente até, estão à testa de organizações do Estado, direta ou indiretamente, e das grandes empresas estatais. Parece que eles são os próprios capitalistas, pois os grandes fundos de pensão das estatais são o coração do novo sistema financeiro brasileiro, e financiam pesadamente a dívida interna pública. Parece que os dominados comandam a política, pois dispõem de poderosas bancadas na Câmara dos Deputados e no Senado”. Nos governos Lula e Dilma, “enquanto as classes dominadas tomam a ‘direção moral’ da sociedade, a dominação burguesa se faz mais descarada”.

IHU On-Line – Em que medida as críticas de Chico de Oliveira ao desenvolvimentismo nos anos 1930-72 podem ser estendidas ao novo desenvolvimentismo no século XXI?

Reinaldo Gonçalves – Chico alertou sobre o desvio criado pelo pensamento desenvolvimentista: “a teoria do subdesenvolvimento sentou as bases do ‘desenvolvimentismo’ que desviou a atenção teórica e a ação política do problema da luta de classes, justamente no período em que, com a transformação da economia de base agrária para industrial-urbana, as condições objetivas daquela se agravaram”. Nos últimos anos, o novo desenvolvimentismo está fazendo a mesma manobra desviacionista ao focar nos problemas macroeconômicos de curto prazo e negligenciar questões importantes para o desenvolvimento: mudanças na estrutura de propriedade; estrutura tributária e distribuição de riqueza; vulnerabilidade externa estrutural nas esferas comercial, produtiva e tecnológica; influência de

3 Leia a edição 392 da Revista IHU On-Line, intitulada: *O desenvolvimentismo em debate*, de 14-05-2012, disponível em <http://migre.me/aT7WU>. (Nota da IHU On-Line)

setores dominantes (agronegócio, mineração e bancos); e viés no deslocamento da fronteira de produção na direção do setor primário. O novo desenvolvimentismo desconhece o conteúdo de classes e os interesses dos setores dominantes (bancos, agronegócio, empreiteiras e mineradoras) que configuram os padrões de dominação, acumulação e distribuição no Brasil no século XXI.

IHU On-Line – As contribuições de Chico de Oliveira são importantes para a análise da atual realidade brasileira?

Reinaldo Gonçalves – Elas são fundamentais, não somente pela questão do método como das ideias-chave. No início do século XXI, o Brasil é a simbiose entre o moderno e o arcaico, é o capitalismo malformado-ornitorrinco marcado por ineficiência sistêmica, que depende cada vez mais do setor primário-exportador e que se sustenta com a hegemonia às avessas. O Modelo Liberal Periférico no Brasil se caracteriza, na dimensão econômica, por: fraco desempenho; crescente vulnerabilidade externa estrutural; transformações estruturais que fragilizam e implicam volta ao passado; e ausência de mudanças ou de reformas que sejam eixos estruturantes do desenvolvimento de longo prazo. Nas dimensões social, ética, institucional e política desta trajetória observa-se: invertebramento da sociedade; deterioração do *ethos*; degradação das instituições e sistema político corrupto e clientelista. É o país do desenvolvi

Leia mais...

>>Reinaldo Gonçalves já concedeu outras entrevistas à **IHU On-Line**.

Confira:

- *O Leviathan brasileiro e o espetáculo de playground do governo*. Entrevista especial com Reinaldo Gonçalves, publicada nas **Notícias do Dia** do sítio do IHU, em 29-08-2012, disponível em <http://migre.me/aT6rY>;
- *Os rumos do capitalismo global: locomotivas voltam para os trilhos, vagões descarrilam*. Entrevista publicada na Revista **IHU On-Line**, edição 384, de 12-12-2011, disponível em <http://migre.me/aT6uL>;
- *Pobre Brasil! Durante muito tempo ficaremos sem transformações estruturais*. Edição 356 da **Revista IHU On-Line**, de 04-04-2011, disponível em <http://migre.me/aT6xy>;
- *Reprimização faz economia brasileira retroceder*. Edição 338 da **Revista IHU On-Line**, de 09-08-2010, disponível em <http://migre.me/aT6CI>;
- *O capitalismo é essencialmente um sistema irracional, instável e injusto*. Edição 287 da **Revista IHU On-Line**, de 30-03-2009; <http://migre.me/aT6DE>;
- *Fracasso para o governo, vitória para o povo brasileiro*. Entrevista publicada em 02-08-2008 no sítio do IHU, disponível em <http://migre.me/aT6OU>;
- *O governo Lula foi um fracasso rotundo*. Edição 201 da **Revista IHU On-Line**, de 26-10-2006, disponível em <http://migre.me/aT6K9>.

E mais...

>>Francisco de Oliveira já contribuiu com a **IHU On-Line** com várias entrevistas. Confira:

- *A esquerda sempre foi desenvolvimentista*. Entrevista publicada na Revista **IHU On-Line**, edição 393, de 21-05-2012, disponível em <http://migre.me/aWMaj>;
- *“18 de brumário” de Luis Inácio Lula da Silva*. Entrevista publicada na Revista **IHU On-Line**, edição 386, de 19-03-2012, disponível em <http://migre.me/aWLTO>;
- *China e Índia: estrelas ascendentes do capitalismo mundial*. Entrevista publicada na revista **IHU On-Line** número 385, de 19-12-2011, disponível em <http://bit.ly/vhbWli>;
- *Capitalismo monopolista. Uma política econômica arriscada e perigosa*. Entrevista publicada na revista **IHU On-Line** número 356, de 04-04-2011, disponível em <http://bit.ly/fsWy2y>;
- *O lulismo como uma regressão*. Entrevista publicada na **IHU On-Line** número 352, de 29-11-2010, disponível em <http://migre.me/47E4f>;
- *Classe trabalhadora perde força com a centralização de capitais*. Publicada na **IHU On-Line** número 322, de 22-03-2010, disponível em <http://migre.me/49FEi>.

Leia as entrevistas do dia no sítio do IHU:

www.ihu.unisinos.br

Entrevista da Semana

Possibilidades do diálogo entre teologia e ciência

A teologia deve traduzir com rigor metodológico “a fé de modo a ajudar os seus portadores a poderem conviver com as outras formas de pensar”, pontua Érico Hammes. O fundamentalismo religioso é fruto de uma “teologia narcisista”, fechada sobre si mesma

POR MÁRCIA JUNGES E LUIS CARLOS DALLA ROSA

“**A** teologia, ao aprofundar a fé, enquanto atitude e conteúdo, tem o desafio de sustentar a possibilidade e o significado da fé ante as conquistas das ciências”, assinala o teólogo Érico Hammes na entrevista que concedeu, por e-mail, à **IHU On-Line**. Em sua opinião, outro desafio da teologia é “garantir o espaço de liberdade das ciências no âmbito da fé”. E completa: “Argumenta-se contra a qualidade científica da teologia acusando-a de ser subjetiva em suas conclusões e não ser possível uma universalização. Ora, essa mesma afirmação poderia aplicar-se ao direito, à filosofia, à política, à economia, às ciências sociais, à psicologia, à psicanálise e tantos outros campos, cuja cientificidade, em geral, não é posta em questão de forma tão aguda”.

Érico Hammes é mestre e doutor em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade

Gregoriana – PUG, em Roma, com a tese *Filii in Filio: A divindade de Jesus como evangelho da filiação no seguimento. Um estudo em Jon Sobrino* (Porto Alegre: Edipucrs, 1995). Padre católico, é graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora da Imaculada Conceição e em Teologia pela PUCRS. Na tarde de 04-10-2012 irá conduzir o minicurso *O Mistério da Igreja, hoje. Desafios e possibilidades do diálogo entre teologia e ciência*, parte integrante das atividades do **XIII Simpósio Internacional IHU Igreja, cultura e sociedade. A semântica do Mistério da Igreja no contexto das novas gramáticas da civilização tecnocientífica**. Confira a programação completa em <http://bit.ly/rx2xsL>.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Quais os desafios e possibilidades que surgem a partir do diálogo entre teologia e ciência, tendo em conta a expressão do Mistério da Igreja?

Érico Hammes – Sabe-se da história da relação entre Igreja e ciências que houve alguns conflitos trágicos entre ambas. Por um lado, as ciências podem ter entendido suas conclusões como sendo diferentes das eclesiais, ao ler a tradição ou sua formulação sem contexto histórico. De outro lado, a Igreja mesma, em suas instâncias in-

terpretativas e magisteriais, entendeu alguns resultados das ciências como conflitantes com sua fé. São clássicos os casos de Giordano Bruno e Galileu Galilei¹, embora não possam ser iguados.

¹ **Galileu Galilei** (1564-1642) físico, matemático, astrônomo e filósofo italiano que teve um papel preponderante na chamada revolução científica. Desenvolveu os primeiros estudos sistemáticos do movimento uniformemente acelerado e do movimento do pêndulo. Descobriu a lei dos corpos e enunciou o princípio da inércia e o conceito de referencial inercial,

ideias precursoras da mecânica newtoniana. Galileu melhorou significativamente o telescópio refrator e terá sido o primeiro a utilizá-lo para fazer observações astronómicas. Com ele descobriu as manchas solares, as montanhas da Lua, as fases de Vênus, quatro dos satélites de Júpiter, os anéis de Saturno, as estrelas da Via Láctea. Estas descobertas contribuíram decisivamente na defesa do heliocentrismo. Contudo a principal contribuição de Galileu foi para o método científico, pois a ciência se assentava numa metodologia aristotélica de cunho mais abstrato. Por essa mudança de perspectiva é considerado o pai da ciência moderna. (Nota da **IHU On-Line**)

Tendo em conta a expressão do Mistério da Igreja, enquanto é realidade simbólica, sacramental, da realidade maior, o Mistério Divino, a teologia se encontra ante o desafio de articular o encontro entre as duas formas de manifestação da mesma realidade última: a pesquisa do universo finito e o dom da fé. É, com efeito, convicção do crer que o Mistério Divino é a origem última do próprio crer, enquanto ato de adesão à autocomunicação da Transcendência. A ciência quer compreender a realidade e circunstancialmente oferecer a possibilidade para uma utilização melhor dos recursos disponibilizados. Como a fé diz respeito a toda realidade, também inclui o objeto das ciências.

Entendo que tudo quanto existe e tudo quanto é estudado pelas ciências pode ser sinal da presença divina. Seu estudo científico e sua pesquisa podem ser um caminho de conhecimento melhor da origem última, o Mistério Divino. A teologia, ao aprofundar a fé, enquanto atitude e conteúdo, tem o desafio de sustentar a possibilidade e o significado da fé ante as conquistas das ciências. Cabe-lhe reforçar, num primeiro momento, o sentido de admiração e humildade que acompanha o conhecimento científico autêntico. Uma outra função consiste na ubiquação da teologia, não como uma senhora arbitrária dos demais campos do saber, e sim como parceira de aprendizagem e compreensão. Um terceiro desafio consiste em garantir o espaço de liberdade das ciências no âmbito da fé.

IHU On-Line – Pode-se reconhecer na teologia uma ciência? Em que medida a teologia pode assumir a condição científica?

Érico Hammes – O reconhecimento da teologia como ciência depende, em primeiro lugar, do conceito de ciência. Já Tomás de Aquino, no início da *Suma Teológica* põe a questão da cientificidade da teologia, que ele chamava de *Sacra Doctrina*. Se pensamos que ele compõe esse texto em torno dos anos 1265 a 1270, não pode causar estranheza que o advento das ciências modernas tenha colocado em questão o caráter científico da teolo-

“Cabe-lhe traduzir, com rigor metodológico, a fé de modo a ajudar os seus portadores a poderem conviver com as outras formas de pensar, explicitando as próprias razões, traduzindo, em seguida, os seus imperativos de modo a iluminar a vida pessoal e a vida das outras pessoas e do seu mundo”

gia. É claro que o Iluminismo acentua essa pergunta e nos dias atuais é quase um chavão em muitos ambientes.

Sem entrar em grandes questões relativas à Filosofia da Ciência, é fácil perceber que há muitos tipos diferentes de ciência ou do que geralmente é admitido como tal. A matemática só pode ser considerada como ciência diante da química admitindo um caráter distinto para o conceito. Poderia dizer-se, de um modo geral, que a tendência é qualificar de científico aquilo que pode ser verificado empiricamente, ou então, apelar ao famoso princípio de falseabilidade (Weissmann e Popper²). Como a teologia teria como

sujeito realidades de ordem pessoal ou princípios e “objeto” não verificáveis, não poderia ser ciência. Contudo, as próprias ciências positivas frequentemente operam com conceitos-limite que ultrapassam o verificável. É o caso, por exemplo, das grandes teorias cosmológicas sobre a origem, composição e futuro do universo.

Argumenta-se contra a qualidade científica da teologia acusando-a de ser subjetiva em suas conclusões e não ser possível uma universalização. Ora, essa mesma afirmação poderia aplicar-se ao direito, à filosofia, à política, à economia, às ciências sociais, à psicologia, à psicanálise e tantos outros campos, cuja cientificidade, em geral não é posta em questão de forma tão aguda.

Realidades de fé

Pode propor-se, então, que a teologia caberia num conceito aberto de ciência em que se tomasse como critério geral a atividade reflexiva para explicar determinadas realidades e expor seus conhecimentos de forma a serem acessíveis a outras pessoas em condições semelhantes. Por atividade reflexiva entende-se a aplicação da inteligência racional, com todos os recursos de observação e de questionamento para entender um determinado fenômeno ou realidade em suas causas e efeitos. É claro que a teologia entraria em dificuldade se tomasse como seu objeto direto a explicação de um deus, acessível apenas pela fé. No entanto, o que a teologia faz, essencialmente, não é abordar a Deus, e sim as fórmulas, a fé, nas quais é apresentado. E essas podem ser tomadas objetivamente, na medida em que estão expressas e são tocáveis.

E aqui entra uma outra categoria essencial para entender a teologia como ciência. A teologia lê, isto é, interpreta as realidades de fé. É um processo de relacionamento e interlocução com o contexto no qual vivem as fórmulas. Desse modo, faz parte das ciências hermenêuticas, assim como o são as ciências jurídicas. A sua característica é a de fazer dialogar a realidade com as fórmulas e asserções de fé para que esta produza efeitos de pensamento conceitual e princípios

² **Karl Popper** (1902-1994): filósofo austriaco-britânico. Destacou-se como filósofo social e político e defensor da democracia liberal. (Nota da **IHU On-Line**).

de ação transformadora. Por realidade entendem-se tanto ideias como padrões culturais, filosofias e ideologias, situações sociais como econômicas e políticas, o mundo das ciências como das tecnologias. No entanto, como existem muitas possibilidades de leitura, seja da realidade como da fé, as opções razoáveis de compreensão também serão muitas.

Seria, então, a teologia uma atividade arbitrária e subjetiva, portanto não científica? Talvez se devesse contemplar a teologia, ao lado de outras ciências parecidas, como uma forma de correspondência com a pluralidade e a irredutibilidade da realidade. A objetividade da teologia e seu rigor consistem na capacidade para sustentar argumentos de pensamento, de lógica, de enfoque considerando o ser humano, seu mundo, suas concepções, sua fé, seu agir, bem como a repercussão do que é faz. É claro que para preencher as condições de cientificidade a teologia precisa atender aos requisitos de comunicabilidade, isto é, deve ser compreensível, acessível e fazer sentido a quem tenha informação correspondente. Ao contrário do que às vezes se quer fazer crer, a complexidade e a pluralidade de perspectivas podem ser mais “objetivas” do que a correspondência rigorosa entre padrões fixos e o mundo a ser pesquisado.

IHU On-Line – Qual é a relação entre teologia e ciências humanas?

Érico Hammes – A teologia é uma ciência humana e surgiu no contexto das ciências humanas, de maneira a poder dizer-se que sua forma lhe advém dessas mesmas ciências, enquanto se distingue por seu objeto próprio, a fé. De fato, a teologia nasceu e nasce do encontro primeiro entre o crer numa determinada comunidade de fé e a justificação desse crer diante de outras formas de pensar, em especial da Filosofia. Nesse encontro, a fé se eleva a conceito teológico e se faz compreensível e criticável por quem lhe é estranho, na medida em que se serve de conceitos e, eventualmente, os transforma. Na América Latina, a Teologia da Libertação, bem como as demais teologias contextuais, aprenderam a receber conceitos e a interagir

“O fundamentalismo religioso é consequência de uma teologia narcisista, incapaz de compreender a relatividade e contextualidade cultural das tradições religiosas”

com as ciências sociais. A psicologia e a psicanálise, embora não tenham produzido muitas obras, mostraram que são capazes de colaborar significativamente com a reconstrução da teologia. A história e a arqueologia, na área bíblica, se mostraram grandes colaboradoras nas condições de compreensão dos textos.

IHU On-Line – Qual a responsabilidade da teologia como ciência?

Érico Hammes – A teologia como ciência participa da responsabilidade de todas as atividades humanas, de modo especial, por ser um ato de responsabilidade, na medida em que a fé é pensada e dita de forma razoável e racional, atendendo, assim, às características do ser humano como ser dotado de razão. Em particular, a teologia deve buscar o encontro com a sociedade e seus movimentos em vista de uma convivência construtiva, justa e pacífica. Cabe-lhe traduzir, com rigor metodológico, a fé de modo a ajudar os seus portadores a poderem conviver com as outras formas de pensar, explicitando as próprias razões, traduzindo, em seguida, os seus imperativos de modo a iluminar a vida pessoal e a vida das outras pessoas e

do seu mundo. A título de exemplo, pode-se acenar para toda a participação na ecologia e nas questões sociais e econômicas mundiais.

IHU On-Line – Como a teologia pode contribuir ou ser parceira com as demais áreas do conhecimento?

Érico Hammes – Na medida em as ciências sempre são obra de sujeitos humanos, a teologia pode contribuir com as questões dos sujeitos como tais: suas perguntas existenciais, suas questões de sentido, seus questionamentos éticos, dentre outros. Em segundo lugar, como as ciências, em geral, dizem respeito ao ser humano e ao seu mundo, a teologia pode contribuir com uma perspectiva ética e transcendente. Além disso, a teologia pode ser parceira colocando-se ao lado das demais ciências na busca de soluções e respostas que envolvam a totalidade do ser humano e do seu mundo. Especialmente, no âmbito das cosmovisões implicadas nas diferentes culturas e civilizações, a teologia pode ser mediadora do diálogo e da convivência. Destacadamente esse papel se faz notar quando pensamos que a teologia, em princípio, se faz em cada religião. Assim, uma contribuição de uma determinada teologia em particular, por exemplo, a cristã, pode ajudar as ciências quando se tratar de uma teologia muçulmana.

IHU On-Line – Tendo em conta o Concílio Vaticano II, quais os principais avanços da Igreja nessa relação entre teologia e ciência? E em quais aspectos ainda permanecem como desafios?

Érico Hammes – O Concílio Vaticano II conseguiu receber várias formas de conhecimento e pensamento da modernidade. Um primeiro destaque deve ser dado à própria teologia, isto é, à autocompreensão da fé. A Revelação de Deus, por exemplo, foi formulada não mais em termos de conhecimento de conteúdos, e sim de autocomunicação do Mistério Divino em vista da salvação. Desse modo, muitas dificuldades científicas tornaram-se irrelevantes, pois a Bíblia não podia mais ser considerada uma contradição com as ciências. Outro fator decisivo foi a abertura ao estudo das

ciências positivas e aceitação inequívoca dos métodos positivos de investigação da realidade. Um caso bem ilustrativo foi a posição frente à teoria da evolução. Se até bem próximo ao Concílio, Teilhard de Chardin ainda era proibido, no seu decorrer foi sendo aceito. O progresso das ciências, assim como várias das conquistas do espírito humano, encontrou valorização positiva. Hoje, a teoria da evolução praticamente não encontra objeção princípio no catolicismo oficial.

Certamente o principal desafio consiste na mudança de atitude da própria teologia em relação a si mesma e frente às ciências. A teologia precisa ainda, ou de novo, aprender a maioria de pensamento frente às suas fontes. Por um lado, ainda tem dificuldade frente às concepções religiosas não refletidas, mais precisamente sua linguagem, das quais faz parte a maneira de pensar da comunidade e das suas instituições (Magistério). Por outro, existe, ainda, muita resistência para relacionar-se de forma igual com as ciências. Desse modo, sempre de novo constatam-se anacronismos de linguagem e de pensamento entre as partes. O estudo permanente e oportunidades de informação recíproca poderiam facilitar o encontro entre os dois campos de saber.

Um segundo desafio bastante geral é o do método de conhecimento. A teologia trabalha principalmente com o método dedutivo, o que não seria problemático se fossem observadas as premissas corretas. A dificuldade aparece, contudo, quando não se buscam a informação e o conhecimento adequados para estabelecer as premissas, e se toma como ponto de partida o que, na verdade, está em discussão. É o caso de algumas formulações morais que se querem como leis, baseadas na natureza, sem que se pergunte às ciências naturais o que é essa natureza. Nem mesmo o conceito de natureza, rigorosamente falando, em contraposição ao artificial ou não natural, pode ser considerado indiscutível, uma vez que sempre quando o ser humano entra em relação com o mundo exterior ou consigo mesmo existe alguma forma de mudança.

“Um cientista religioso não perde nada de sua qualidade científica pelo fato de ser religioso se o seu ser religioso estiver à altura dos tempos em que vive”

IHU On-Line – Como percebe o embate entre os fundamentalismos religiosos e o fundamentalismo ateu, também chamado de neoateísmo?

Érico Hammes – O fundamentalismo religioso é consequência de uma teologia narcisista, incapaz de compreender a relatividade e contextualidade cultural das tradições religiosas. Por essa razão, fecha-se sobre si mesma e nega as formas de pensar e os conhecimentos de outras áreas da existência humana.

O chamado neoateísmo sofre da mesma falta de sentido crítico em relação a si mesmo e frente às concepções religiosas. É claro que, diante do fundamentalismo e na ausência de uma relação com o pensamento religioso refletido e dialogal, a ciência só pode ser ateia. Do ponto de vista metodológico, não poderia ser religiosa (teísta), nem agnóstica e tampouco ateia, pois seu objeto próprio são as realidades empíricas, potencialmente mensuráveis e controláveis, o que a realidade transcendente não é.

Falar de embate entre os fundamentalismos religioso e ateu, obviamente, faz sentido apenas na medida em que se trata sempre de atitudes e posições de sujeitos do conhecimento. Sua superação, por conseguinte, dar-se-ia se houvesse a capacidade para dialogar a partir da fé ou de sua negação com as concepções de mun-

do diferentes. Para o caso do fundamentalismo religioso requerer-se-ia a contextualização da fé no mundo das ciências ou do pensamento atual, de modo a compreender o verdadeiro alcance da fé para ser significativa num mundo transformado. Para o fundamentalismo ateu, a possibilidade de uma mudança estaria no reconhecimento de que uma fé pode ser vivida de tal modo que não esteja em contradição com os resultados da pesquisa científica e, inclusive, incorporá-los sem prejuízo para ambas as partes. Um cientista religioso não perde nada de sua qualidade científica pelo fato de ser religioso se o seu ser religioso estiver à altura dos tempos em que vive. E se não tiver receio de cumprir fielmente as exigências do seu método científico, por definição, também, marcado pela responsabilidade e rigor.

Leia mais...

>>Erico Hammes já concedeu outras entrevistas à **IHU On-Line**.

- *Comblin e a reinvenção da igreja*. Edição 356 da revista **IHU On-Line**, de 04-04-2011, disponível em <http://bit.ly/gycf0U>
- *Fórum Mundial de Teologia e Libertação, uma conquista a ser potencializada*. Edição 357 da revista **IHU On-Line**, 11-04-2011, disponível em <http://bit.ly/e4m7cB>
- *A “reforma da Reforma” litúrgica: “Onde ficam os outros 1.500 anos de cristianismos?”*. Edição 363 da revista **IHU On-Line**, de 30-05-2011, disponível em <http://bit.ly/mdJ1HD>
- *Conceito e missão da teologia em Karl Rahner*. Edição 5 dos **Cadernos Teologia Pública**, de 01-05-2004, disponível em <http://bit.ly/kr2DPz>

ACESSE AS REDES SOCIAIS DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU

FACEBOOK



BLOG



TWITTER





A contribuição de Valério Cruz Brittos às pesquisas sobre o meio rádio

POR LUIZ ARTUR FERRARETTO

Embora possam ser identificados indícios anteriores de uma aproximação dos estudos a respeito do rádio com a base teórica oferecida pela economia política da informação, da comunicação e da cultura, o artigo *O rádio brasileiro na fase da multiplicidade da oferta* (2002) pode ser considerado o marco inicial deste processo de reflexão no país por proporcionar o aporte e o incentivo necessários a toda uma nova geração de pesquisadores. Publicado na edição da revista *Verso & Reverso*, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, alusiva aos 80 anos do rádio brasileiro, o texto de Valério Cruz Brittos aproxima do meio uma formulação inicialmente desenvolvida para a televisão ante o impacto representado pelo surgimento da cabodifusão (BRITTOS, 1999). Trata-se da teorização a respeito da vigência de uma fase da multiplicidade da oferta.

De certo, como registra Doris Haussen (jul.-dez. 2011, p. 110), autoras como Maria Elvira Bonavita Federico (1982) e Gisela Svetlana Ortrivano (1985) já transitavam um pouco por este campo, mas é o artigo de Brittos que vai posicionar o meio no contexto deste novo momento da comunicação e, mais importante ainda, abordar a complexidade da radiodifusão sonora pelo viés crítico da economia política. Como já referido, a

ideia de que tal fase constitui-se em realidade vigente em todo o setor de comunicação dá bem a dimensão do dilema das emissoras de rádio neste ainda início de século 21.

Como afirmei em obra em conjunto com o professor da UERJ Marcelo Kischinhevsky, cada conteúdo concorre com todos os outros, independentemente de ter finalidade massiva – a irradiação de uma emissora comercial nos mais diversos suportes (ondas médias e curtas, frequência modulada, via internet ou em um canal de áudio na TV paga) – ou não – uma *web radio* hipersegmentada ou um programa em *podcasting*.

Portanto, tem total aplicabilidade a proposição de Brittos para a compreensão do rádio na contemporaneidade, cabendo, a partir de seus escritos (2002), lembrar que (a) verifica-se uma passagem de uma lógica de oferta a uma lógica de demanda, presente, por exemplo, na disponibilização, via internet, de arquivos com gravações de material já transmitido ou na constante participação do ouvinte pelo telefone (por voz, ao vivo ou gravada, ou por mensagem escrita), correio eletrônico, redes sociais, bate-papos etc.; (b) ocorrem manifestações de transição do modelo de comunicação ponto-massa, usado por todas as estações de rádio que transmitem em ondas hertzianas,

* Doutor em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Autor de *Rádio - O veículo, a história e a técnica* (3ª edição em 2007), *Rádio no Rio Grande do Sul (anos 20, 30 e 40): dos pioneiros às emissoras comerciais* (2002) e *Rádio e capitalismo no Rio Grande do Sul: as emissoras comerciais e suas estratégias de programação na segunda metade do século 20* (2007). Ex-coordenador do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora (2007-2010) da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom).

para o ponto-ponto, próprio dos conteúdos disponibilizados no sistema de *podcasting* a comprovar uma latente flexibilização, por este viés, na forma do consumo de conteúdos sonoros; (c) multiplicam-se ações empresariais no sentido de disponibilizar o conteúdo radiofônico nos mais diversos suportes tecnológicos (computadores, notebooks, palm tops, tocadores de MP3, celulares...); e (d) identifica-se também, a exemplo do verificado com a TV, uma sinergia do rádio com outros meios dentro de um mesmo grupo empresarial.

Nesse sentido, o conceito vai ao encontro do que se propõe como uma periodização, a partir da economia política, para a história do rádio no Brasil. É a constatação da vigência da multiplicidade da oferta no campo comunicacional que permite a reflexão a respeito da convergência como parâmetro da atividade empresarial na atualidade dentro da indústria de radiodifusão sonora no país. Usando como eixo as estratégias de exploração capitalista do rádio, como demonstrado em trabalho anterior (cf. FERRARETTO, maio-ago. 2012), identificam-se quatro períodos: (a) o de implantação, que corresponde à instalação das estações pioneiras, organizadas sob a forma de entidades associativas e sem buscar o lucro; (b) o de difusão, no qual o consumo dá-se sem uma preocupação em relação à heterogeneidade do público; (c) o de

“A economia política existe para fazer pontes, para incluir na discussão por um viés crítico que deve aproximar, e não afastar”
(Valério Brittos)

segmentação, quando prepondera o parcelamento da audiência, buscando o atendimento a características específicas que baseiam a programação; e (d) o de convergência, indo ao encontro do identificado por Valério Brittos em relação à multiplicidade da oferta.

No campo do debate acadêmico a respeito do rádio com base na economia política da informação, da comunicação e da cultura, para além das pesquisas que empreendeu e suscitou, Valério Cruz Brittos protagonizou ainda interessante aproximação entre os respectivos grupos de pesquisa existentes sob o amparo da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comu-

nicação. Os dois grupos de pesquisa realizaram, dessa forma, uma mesa-conjunta no XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, em Recife, no ano de 2011. Foi uma prova material de algo que o pesquisador diria informalmente dias depois e presenciado por este autor: “a economia política existe para fazer pontes, para incluir na discussão por um viés crítico que deve aproximar, e não afastar”.

O realizado em pouco menos de duas décadas pelo professor Valério Cruz Brittos, uma referência internacional neste campo teórico, só permite imaginar, portanto, a imensidão de conhecimentos a serem produzidos por ele se a fatalidade de uma doença não o tivesse tirado do convívio dos que, agora, têm o dever – por afeto a ele e por obrigação com a ciência – de dar continuidade a sua obra.

Referências

BRITTOS, Valério Cruz. O rádio brasileiro na fase da multiplicidade da oferta. *Verso & Reverso*. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, ano 16, n. 35, p. 31-54, jul.-dez. 2002.

FERRARETTO, Luiz Artur; KISCHINHEVSKY, Marcelo. Rádio e convergência: uma abordagem pela economia política da comunicação. In: Encontro da Compós, 19, 2010, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação, 2010. CD-ROM.



Destaques On-Line

Entrevistas especiais feitas pela **IHU On-Line** no período de 24-09-2012 a 1º-10-2012, disponíveis nas **Entrevistas do Dia** do sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br).

Soja transgênica Intacta RR2 Pro. A ampliação dos transgênicos no Brasil

Entrevista especial com Leonardo Melgarejo, engenheiro agrônomo
Confira nas Notícias do Dia de 25-09-2012
Acesse no link <http://migre.me/aU0DX>

“Não entendo como o conhecimento científico possa ser colocado antes a serviço das justificativas do que de críticas aos argumentos das empresas”, lamenta o engenheiro agrônomo.

Agroecologia. Uma proposta para reduzir os agrotóxicos

Entrevista especial com Fernando Ferreira Carneiro, biólogo
Confira nas Notícias do Dia de 26-09-2012
Acesse no link <http://migre.me/aU0J6>

“Se analisarmos o transgênico junto com o agrotóxico, veremos que eles fazem parte do mesmo pacote agrobiotecnológico. O Brasil triplicou o uso do agrotóxico a partir da introdução do transgênico”, constata o biólogo.

A dependência econômica do tabaco. Um problema de saúde pública

Entrevista especial com Tânia Cavalcante, secretária-executiva da Comissão Nacional para Implementação da Convenção-Quadro – Conicq
Confira nas Notícias do Dia de 27-09-2012
Acesse no link <http://migre.me/aU0Qn>

“As grandes empresas conseguiram, através do crescimento econômico, ganhar poder e influência política, e isso tem tornado difícil o movimento de pensar alternativas à produção do fumo”, assinala a secretária-executiva.

O desmantelamento do estado de bem-estar social é o DNA do capitalismo

Entrevista especial com Ruy Braga, sociólogo
Confira nas Notícias do Dia de 28-09-2012
Acesse no link <http://migre.me/aU0W0>

“Há um retrocesso da solidariedade da classe estruturada durante o período fordista, e um avanço de um projeto de sociedade marcadamente individualista e neoliberal, um individualismo esvaziado de solidariedade, profundamente marcado pela concorrência com os diferentes atores”, diz o sociólogo.

Leia as entrevistas do dia
no sítio do IHU:

www.ihu.unisinos.br

**Tema
de
Capa**

**Destques
da Semana**

**IHU em
Revista**

Andre Luiz Olivier da Silva

POR THAMIRIS MAGALHÃES

“Sou muito dedicado ao que faço e por causa disso sou perseverante, crítico, exigente, não somente com os outros, mas principalmente comigo mesmo. Sou sincero, honesto, leal e compreensivo; colega de todos aqueles que contribuem para com a nossa universidade”, assim se define o professor e um dos coordenadores do curso de Direito da Unisinos, Andre Luiz Olivier da Silva. Em en-

trevista concedida pessoalmente à **IHU Online**, o também doutorando em Filosofia pela mesma Universidade conta um pouco de sua história de vida pessoal, profissional e acadêmica. Esforçado e dedicado no que faz, sendo ao mesmo tempo estudante, professor e advogado, o capilé confessa que seu sonho é ver o Brasil dar certo e se tornar no presente o país do futuro. Conheça um pouco mais sua história de vida.

Origem – Sou capilé, nascido em São Leopoldo, no dia 25-08-1981. Sempre morei em São Leopoldo e sou filho de leopoldenses. Minha mãe, Silvana Olivier, é professora estadual aposentada e meu pai, André Mendonça da Silva, é advogado, com quem divido atualmente escritório de advocacia. Tenho um irmão, Guilherme, psicólogo, um pouco mais jovem do que eu. Moro com minha companheira, a Rúbia Liz, que é professora de Filosofia no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS e doutoranda em Filosofia pela Unisinos.

Autodefinição – Sou muito dedicado ao que faço e por causa disso sou perseverante, crítico, exigente, não somente com os outros, mas principalmente comigo mesmo. Sou

sincero, honesto, leal e compreensivo. Na Universidade, sou colega dos professores, alunos e funcionários, pois somente junto a essas pessoas posso contribuir para com a nossa universidade social e acadêmica.

Formação – Formei-me pela Unisinos. Ingressei na graduação em Direito em 1999, após cursar o Ensino Médio no colégio São José, aqui em São Leopoldo. No meio do meu curso em Direito, decidi cursar Filosofia, o que me levou a abandonar o Direito por um ou dois semestres. No final das contas, formei-me tanto em Direito quanto em Filosofia no ano de 2007. Neste mesmo ano, ingressei no mestrado em Filosofia, concluído em 2009, sendo que neste ano ingressei no Doutorado também em Filosofia, curso que pretendo concluir até o meio do

ano que vem. No semestre passado, a propósito, realizei um estágio sanduíche no Birkbeck College da Universidade de Londres, dentro do meu Doutorado.

Atuações – Sou estudante, professor e advogado. Durante a minha graduação realizei estágio em Direito e fui bolsista de iniciação científica na Filosofia. No mestrado, também fui bolsista de pesquisa, mas no meio do curso, em 2008, fui contratado como professor do curso de graduação em Direito aqui da Unisinos. De lá para cá, leciono as disciplinas propedêuticas do curso de Direito. Chamamos propedêuticas aquelas disciplinas ligadas às humanidades. Em agosto de 2010, fui nomeado um dos coordenadores desse curso. Então, desde lá exerço essa função ao lado de colegas.



Lazer – Tenho raras horas livres. Mas quando me sobra algum tempo, gosto de ouvir música, beber um bom vinho e apreciar os sabores gastronômicos da região.

Música – Gosto de MPB, *rock and roll* e música erudita.

Livro – Um livro que me marcou profundamente quando eu era aluno da graduação foi *Metafísica* de Aristóteles.

Filme – *Cidadão Kane* de Orson Welles. Um clássico do cinema; um documentário dentro de um filme, por isso o escolho.

Religião – Tenho um grande apreço pelas leituras antropológicas das práticas religiosas. Não tenho uma religião específica, mas trato esta questão com bastante respeito.

Sonho – Ver o Brasil dar certo e se tornar no presente o país do futuro. Creio que isso só é possível com a união do Brasil com os demais países da América Latina.

Unisinos – Esta instituição representa muita coisa para mim. Gosto muito da nossa universidade. Como fui e continuo sendo aluno da

Unisinos, vivencio muitas experiências aqui, tanto de cunho acadêmico como pessoal, quando socializamos nossos pontos de vista com as pessoas que fazem a Unisinos, trocando ideias e construindo a nossa comunidade de conhecimento.

IHU – É um importante instituto, preocupado com a discussão de temas relevantes, servindo como um articulador de palestras e debates que impulsionam a discussão pública em nossa sociedade. Serve também como meio de comunicação para a publicação de novas polêmicas e ideias inovadoras. Já concedi entrevistas à revista IHU On-Line e sou leitor assíduo desta publicação. Além disso, frequento algumas palestras promovidas pelo Instituto.



Notícias do Dia

Diariamente, o Instituto Humanitas Unisinos – IHU oferece um serviço de informação aos seus leitores e suas leitoras. Trata-se das Notícias do Dia, selecionadas entre a mídia nacional e internacional seguindo os grandes eixos de orientação do IHU. Pela manhã, os internautas cadastrados recebem uma newsletter com as manchetes das notícias. Cadastre-se em www.ihu.unisinos.br



Entrevista do dia

Além das Notícias do Dia, o sítio do IHU publica diariamente uma entrevista exclusiva sobre os temas candentes do país e do mundo.

Conjuntura semanal

A análise da Conjuntura da Semana é uma (re)leitura das Notícias do Dia publicadas diariamente no sítio do IHU. A análise é semanal e elaborada, em fina sintonia com o Instituto Humanitas Unisinos – IHU, pelos colegas do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores – CEPAT, parceiro estratégico do IHU, com sede em Curitiba-PR, e por Cesar Sanson, professor na Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, parceiro do IHU na elaboração das Notícias do Dia. Acesse

a última análise, sob o título “Conjuntura da Semana. Década da inclusão social?” em <http://bit.ly/PkQv6J>

Mantenha-se informado, cadastre-se e acesse www.ihu.unisinos.br. Para se cadastrar, basta rolar a página do IHU até o final, preenchendo os dados no formulário à esquerda. A newsletter também informa sobre os eventos e publicações do IHU.



Cadernos Teologia Pública

Os Cadernos Teologia Pública divulgam artigos que apresentam a contribuição da Teologia aos debates que se desenvolvem na esfera pública da sociedade e na universidade, com abertura ao diálogo com as ciências, com

a cultura e as religiões. Sua periodicidade é mensal. Esta publicação do Instituto Humanitas Unisinos – IHU fica disponível para download em PDF depois de um mês do seu lançamento e suas edições estão disponíveis no site www.ihu.unisinos.br. Os Cadernos Teologia Pública podem ser adquiridos na Livraria Cultural, no campus da Unisinos ou pelo endereço livrariaculturalsle@terra.com.br. Informações pelo fone 55 (51) 3590 4888.

desenvolvem na esfera pública da sociedade e na universidade, com abertura ao diálogo com as ciências, com